

 HARLEQUIN®

Sabrina®

MINISSÉRIE



TRÊS IRMÃS

O DONO DO DESERTO

LYNNE GRAHAM



Sabrina MINISSÉRIE

Lynne Graham

O dono do deserto



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid
"MEB"

© 2017 Lynne Graham
© 2019 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
O dono do deserto, n.º 85 - janeiro 2019
Título original: The Desert King's Blackmailed Bride
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-87-1307-644-7

Conversão ebook: MT Cor & Desenho, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

O rei Rashad El-Amin Quaraishi estudou as fotografias que tinha na mesa do escritório. Media quase dois metros, pois herdara a estatura excecional do avô, e destacava-se em quase todas as reuniões. Também herdara as feições perfeitas, o cabelo moreno e os olhos escuros que tinham feito com que a mãe fosse uma beleza reconhecida em todo o Oriente Próximo. Naturalmente, a imprensa falava sempre com admiração sobre ele e isso envergonhava-o muito.

– Uma completa perfeição feminina – comentou Hakim, o seu assessor chefe, com ardor. – Um reinado novo, uma rainha nova e, esperemos, uma dinastia nova. A fortuna sorrirá para Dharia.

Ele não discordou, embora o empregado parecesse um pouco menos entusiasta. Contudo, a verdade era que Rashad sempre soubera que o seu dever era casar-se e ter um filho. Infelizmente, não era uma perspectiva de que gostasse muito. Não em vão, já se casara antes, quando era muito jovem, e sabia quais eram os inconvenientes. Seria cansativo viver com uma mulher com quem poderia não ter nada em comum. Aconteceriam muitos mal-entendidos e confrontos de personalidade. Além disso, se não ficasse grávida num tempo recorde, o cansaço, a insatisfação e a infelicidade seriam insuportáveis.

Efetivamente, o casamento atraía muito pouco Rashad. O máximo que podia esperar de uma futura esposa era que tivesse bom senso e um sentido prático para permitir que vivessem vidas separadas e em certa paz, embora não tivesse muitas esperanças, pois a esposa anterior colara-se a ele como uma lapa. Também não era provável que conseguisse esquecer o casamento famoso e tempestuoso dos pais. No entanto, também entendia e aceitava que a estabilidade do país dependia do facto de o povo o ver como um modelo de homem respeitável.

A população de Dharia sofrera muito durante os últimos anos agitados e já não desejava as mudanças e a inovação, pois todos, ao procurar a paz,

tinham recuperado os costumes tradicionais. O esbanjamento do pai e o seu empenho teimoso de impor uma forma de vida ocidental num país extremamente tradicional tinham levado a um governo cada vez mais tirânico que colidira indevidamente com o exército, que passara a defender a constituição com o apoio do povo. A história dessa revolução popular ficou gravada nas ruínas do palácio do ditador, na cidade de Kashan, e na restauração imediata da monarquia.

Quase toda a família de Rashad morrera num atentado atroz com um carro bomba. Então, o tio escondera-o no deserto para o manter a salvo. Só tinha seis anos e era um menino assustado que estava mais apegado à ama inglesa do que aos pais, que via muito de vez em quando. Além disso, até a ama desaparecera no meio do tumulto que se seguira à bomba e à declaração de estado de sítio. Saquearam o palácio, os empregados leais dispersaram-se e a vida que ele conhecera mudara até se tornar irreconhecível.

– Majestade, posso propor uma coisa? – perguntou Hakim.

Rashad chegou a pensar, por um instante, que o assessor ia propor que pusesse as fotografias das possíveis esposas num saco e escolhesse à sorte. Seria uma escolha aleatória e muito pouco respeitosa para com as candidatas, mas estava convencido de que esse método seria tão bom como qualquer outro.

– Por favor... – murmurou, cerrando os dentes.

Hakim sorriu, abriu a pasta que tinha por baixo do braço e mostrou-lhe um desenho muito detalhado de uma joia.

– Tomei a liberdade de perguntar ao ourives real se conseguiria reproduzir a Esperança de Dharia...

Rashad observou-o fixamente e espantado.

– Mas como pode reproduzi-la se está perdida?

– Qual seria o problema de criar um anel para a substituir? É um símbolo muito potente da monarquia. Era o legado mais importante da família, mas, depois de tanto tempo, é muito pouco provável que consigamos encontrar o anel original – explicou Hakim, num tom sério. – Parece-me que é o momento ideal para o fazer. O nosso povo sente-se mais seguro quando se mantêm as tradições...

– O nosso povo preferia um conto de fadas a descobrir a realidade, que o meu falecido pai era um governante podre que formou um governo corrupto e ávido de poder.

Rashad interrompeu-o com a franqueza que o caracterizava e que

espantava sempre Hakim, muito mais diplomático. O rosto barbudo do homem mais velho ficou petrificado de consternação e Rashad foi até à janela que dava para o jardim, que um exército de empregados do palácio regava abundantemente.

Estava a pensar no anel a que o povo de Dharia chamara, supersticiosamente, a Esperança de Dharia. O anel era uma opala de fogo impressionante que o rei usara sempre nos atos oficiais. O anel, montado em ouro e com umas palavras sagradas gravadas, alcançara uma aura quase mística, pois fora oferecido à família pela venerável bisavó, uma mulher adorada em todo o reino devido à sua entrega às causas de beneficência. Noutros países, o rei usava uma coroa ou um cetro, mas, em Dharia, a autoridade e força da monarquia fora representada por aquele anel antigo. Desaparecera depois do saque do palácio e nunca mais fora encontrado, apesar de o terem procurado exaustivamente. O anel perdera-se para sempre e conseguia entender o que Hakim queria dizer: Indubitavelmente, uma substituição bem desenhada seria melhor do que nada.

– Encomenda o anel! – ordenou, num tom triste.

Seria um anel falso para um rei falso, pensou, com o seu ceticismo inato. Nunca poderia esquecer que não nascera para se sentar no trono de Dharia. Era o mais novo de três irmãos e fora um filho tardio até os irmãos terem morrido com os pais. Naquele dia, tinham-no deixado em casa porque era um menino demasiado ativo e barulhento, algo que lhe salvara a vida. A sua popularidade ainda o espantava e convencia-o a renunciar aos seus ideais e a transformar-se no homem que o país precisava que fosse.

Uma vez, quisera apaixonar-se e casara-se. O amor fora sublime durante cinco minutos e, depois, morrera lenta e dolorosamente. Não, não estava disposto a passar por isso outra vez. Porém, também achara que o desejo carnal estava mal, até se deixar levar por ele imensas vezes enquanto acabava os estudos numa universidade britânica. Ainda se alegrava por ter podido desfrutar daquela época de liberdade sexual antes de ter de voltar para o seu país para tomar conta das suas obrigações. Infelizmente, no seu país, esperavam-no os protocolos rígidos da corte que o obrigavam a viver numa bolha dourada que transmitia perfeição e como uma figura que inspirava uma devoção absurda. Efetivamente, o povo gostaria que recuperasse o anel e todos os sonhos e esperanças que o acompanhavam, mas ele, não.

Polly olhou para Ellie, a irmã, e conseguiu esboçar um sorriso forçado enquanto uma mulher loira e de meia-idade se aproximava delas depois do funeral breve da mãe, que se celebrara numa capela quase vazia. Ambas as jovens o tinham achado um evento triste e desesperante. Ellie, dois anos mais nova do que Polly, não se lembrava da mãe, e Polly recordava vagamente uma presença esporádica, perfumada e sorridente, quando ainda era muito pequena. A avó criara-as e falecera há alguns meses. As irmãs Dixon não tinham sabido nada da mãe durante mais de dez anos, nem sequer tinham sabido se estava viva. Fora por isso que as chocara que uma completa desconhecida entrasse em contacto com elas para lhes comunicar que falecera.

Vanessa James, a desconhecida e voluntária no asilo onde a mãe morrera, não estava muito mais confortável do que elas com a situação e reconheceu que tentara convencer a mãe a entrar em contacto com as filhas e falar com elas, antes de morrer. Embora também reconhecesse que era difícil entender Annabel durante a última fase da sua doença e que esse reencontro poderia ter sido incómodo e desesperante para todas elas.

– Reservei uma mesa no hotel para almoçarmos – informou Vanessa, com um sorriso firme, enquanto apertava as mãos das jovens.

– Lamento que nos tenhamos conhecido numas circunstâncias tão desventuradas.

Polly não tinha vontade nenhuma de comer e tentou reconhecê-lo.

– Foi o último desejo da vossa mãe e deixou o dinheiro de parte para pagar o almoço – explicou a mulher mais velha, com delicadeza. – É um convite dela, não meu.

Polly corou e o seu cabelo loiro, quase branco, serviu de contraste para realçar o seu desconforto.

– Não queria ser ingrata...

– Bom, têm motivos de sobra para se sentir incomodadas com esta situação – concedeu Vanessa. – Vou falar-vos um pouco sobre os últimos anos da vossa mãe.

As irmãs ouviram enquanto a mulher mais velha lhes falava da doença terminal que arrebatara a independência e a mobilidade da mãe quando ainda tinha quarenta e poucos anos. Vivera num lar e morrera no lar onde Vanessa começara a conhecê-la bem.

– Tudo isso é muito triste. – Ellie afastou o cabelo ruivo da testa com os

olhos verdes cheios de compaixão. – Podia ter feito muito para a ajudar... Se soubéssemos...

– A Annabel não queria que soubessem. Sabia que já tinham passado alguns anos a cuidar da vossa avó durante o seu declive e não quis aparecer na vossa vida para ser outro fardo e uma responsabilidade. Era muito independente.

As três mulheres sentaram-se à mesa que havia num canto do restaurante e leram o menu quase sem o ver.

– Sei que estás a estudar medicina – disse Vanessa a Ellie. – A Annabel sentiu-se muito orgulhosa quando descobriu.

– Como soube? – perguntou Ellie. – Passaram anos desde que entrou em contacto com a nossa avó pela última vez.

– Uma prima da vossa mãe era enfermeira e reconheceu a Annabel há alguns anos, quando estava hospitalizada. Falou-lhe da evolução da família. A Annabel também a fez prometer que não falaria com vocês.

– Porquê? Nós teríamos entendido como se sentia! – rebentou Ellie.

– Não queria que a vissem ou se lembrassem dela assim. Sempre tinha sido uma mulher bonita e era um pouco vaidosa com o seu aspeto.

Polly tinha a cabeça às voltas. Pensava nos estudos da irmã e percebia que ela nunca conseguira nada na área académica nem fizera nada de que uma mãe pudesse sentir-se orgulhosa. Porém, por um motivo ou por outro, a vida sempre se interpusera no caminho dos seus sonhos e das suas esperanças. Ficara em casa para cuidar da avó doente enquanto Ellie fora para a universidade para estudar medicina e estava orgulhosa de não ter sido egoísta. Ao fim e ao cabo, a irmã mais nova sempre fora muito inteligente e sempre tivera vocação para ajudar os outros. Sabia que Ellie sentira remorsos por a deixar sozinha com a avó, mas de que teria servido se ambas parassem de estudar? Polly fora uma aluna normal na escola e Ellie destacara-se.

– Também esperava que estivessem em contacto com a vossa irmã mais nova e que tivesse vindo com vocês – continuou Vanessa.

As duas irmãs ficaram pasmadas e olharam para ela com os olhos esbugalhados.

– Que irmã mais nova? – perguntou Polly, com os olhos cor de violeta esbugalhados.

Vanessa observou-as com tristeza, antes de lhes falar da irmã que Annabel dera para adoção quando já não podia continuar a cuidar dela. Era quatro anos mais nova do que Polly e, aparentemente, a avó recusara-se a

acolhê-la.

– Não sabíamos que tínhamos outra irmã – reconheceu Ellie. – A verdade é que não sabemos nada sobre a vida da nossa mãe. Bom, só sabemos o que a avó nos contou, o que não foi muito lisonjeador. Certamente, nunca disse que éramos três!

– A Annabel teve uma vida bastante interessante quando era jovem – contou-lhes Vanessa, num tom triste. – Era uma ama muito competente, viajou muito e viveu no estrangeiro. Trabalhou para famílias muito ricas e recebeu salários muito bons, que costumavam ter muitas gratificações extra. Porém, quando teve filhos, não pôde levá-los com ela para o trabalho e foi por isso que acabaram aos cuidados da vossa avó. Então, quando ainda eram bastante pequenas, a Annabel voltou a Londres e tentou abrir uma creche. Gastou todas as suas economias e estava a pensar em ir buscar-vos para viver com ela, mas, infelizmente, correu tudo mal. A creche fracassou, a relação que tinha, acabou e descobriu que estava grávida outra vez.

– Teve outra rapariga? Como se chama? Porque não soubemos de nada até agora?

Polly ficou ligeiramente comovida com a notícia de a mãe que não chegara a conhecer ter pensado em tentar criar as próprias filhas. Ainda que, naturalmente, o considerasse uma possibilidade muito remota, pois, quando era criança, sempre lhe parecera que tinha uma mãe que evitava as suas responsabilidades. Pior ainda, Ellie e ela tinham sido criadas por uma mulher que se queixava com amargura da responsabilidade de ter de criar as netas quando chegara a uma idade em que esperara viver a vida com mais tranquilidade e isso condicionara o seu ponto de vista.

A outra irmã chamava-se Penelope Dixon e Vanessa não sabia mais nada dela.

– Perguntei nos serviços sociais, mas não pude insistir porque não sou um familiar direto. Uma de vocês teria de fazer as investigações. É possível que tenham adotado a Penelope, mas, se for assim, acho que podiam deixar uma carta para o caso de alguma vez indagar sobre a sua família biológica.

Levaram a comida para a mesa e Vanessa tirou três envelopes da mala.

– A vossa mãe deixou um anel para cada uma e tenho de vos pedir para se encarregarem do anel da vossa irmã mais nova...

– Um... anel? – perguntou Polly, espantada.

– E com um nome. Suponho que seja o nome dos vossos pais... Ainda

que a Annabel fosse muito ambígua nesse assunto – replicou a mulher mais velha, com desconforto. – Tenho de vos avisar de que não sei ao certo se a Annabel sabia com certeza quem eram os vossos pais.

– Ah... – sussurrou Polly, num tom muito eloquente.

– Não foi específica, mas fiquei com a impressão de que, quando vivia com grandeza, quando cuidava dos filhos dos empregadores ricos, pode ter sido... um pouco... liberal...

– Perdão, o que quer dizer? – perguntou Polly.

– Que ia para a cama com todos – esclareceu Ellie, sem rodeios. – Obrigada por ser tão sincera antes de nos emocionarmos com esses nomes. Porém, imagino que a Annabel, com essa doença em concreto, tenha achado difícil recordar as coisas com clareza e que é possível que se tenha enganado ao tentar recordar o passado.

Então, Vanessa deu o envelope a Polly, que o abriu imediatamente, pois a paciência nunca fora uma das suas virtudes.

Caiu um anel de ouro maciço com uma pedra muito grande. Pô-lo no dedo, mas ficava-lhe enorme e apercebeu-se de que era o anel de um homem, não de uma mulher. Olhou para a pedra com reflexos avermelhados, alaranjados e amarelados.

– É uma opala de fogo. É muito raro, mas acho que não é especialmente valioso – comentou Vanessa. – Também é antigo e parece ser de um país estrangeiro.

– Muito bem... – murmurou Polly, enquanto tirava uma pequena folha de papel que estava no envelope e lia com o sobrolho franzido:

Zahir Basara... Dharia.

– O meu... O meu pai podia ter ascendência árabe? Ouvi falar de Dharia...

Polly não acreditava no que lera porque, a julgar pelo seu aspeto, não tinha nenhuma gota de sangue... exótico. Na verdade, tinham-lhe perguntado várias vezes se era escandinava.

– A tua mãe foi a ama de a Casa Real até a Família Real morrer – respondeu Vanessa.

Polly questionou-se imediatamente se isso teria relação com o seu nome real, que aparecia no seu passaporte: Zariyah. A avó nunca gostara desse nome estrangeiro e sempre lhe chamara Polly.

– A minha é uma esmeralda! – exclamou Ellie, como se tivesse aberto

um presente de Natal.

– E o nome? – perguntou Polly, com a esperança de que fosse o mesmo do que o seu suposto pai.

– Parece-me um nome de origem italiana, mas não vou comentar, por enquanto.

Ellie guardou o envelope na mala com um gesto definido, mas estava inusitadamente pálida. A pedido de Vanessa, também ficou com o envelope destinado à sua irmã Penelope.

– É possível que a nossa mãe colecionasse anéis de noivado...

– O meu anel é de um homem – argumentou Polly.

– Sim, mas talvez tivessem a intenção de o humilhar – replicou Ellie. – Gostaria que nos tivesse deixado uma carta a falar-nos dela. Vanessa, podíamos visitar o lar? Gostaria muito de ver onde a Annabel passou os últimos dias e falar com os empregados.

Enquanto as outras duas mulheres se perdiam numa conversa muito intensa sobre o lar, a doença que levou a vida de Annabel e a investigação financiada pela organização de beneficência de Vanessa, Polly deixou-se levar pela imaginação, algo que acontecia muitas vezes.

Começou a pensar na opala de fogo e questionou-se se teria sido um símbolo de amor. Ellie era mais pragmática, mas gostava de pensar que, pelo menos, os pais tinham estado apaixonados quando a tinham concebido. O amor entre duas pessoas de culturas diferentes devia ter sido complicado e era possível que não tivessem conseguido superar umas diferenças tão grandes. Mesmo assim, o nome no envelope despertara uma vontade enorme de saber coisas sobre Dharia. Tinha sangue de Dharia nas veias? Era possível que o pai ainda estivesse vivo e quisesse conhecê-la?

Adoraria ter um pai a sério. A mãe abandonara-as e, embora a avó não as tivesse maltratado, também não as amara. Pensou que seria maravilhoso ter um pai que a amasse realmente, que se alegrasse com as suas virtudes e que ignorasse e perdoasse os seus defeitos.

– Não vais a correr para um país estrangeiro para fazer investigações. – Ellie vira o anel e o nome no papel e sabia muito bem para onde a imaginação fértil da irmã a levava. – Seria um disparate.

Polly nunca cometera um disparate... Nem sequer se opusera à avó quando conseguira um lugar na Universidade de Belas Artes e a idosa lhe dissera que tinha de virar as costas e conseguir um emprego remunerado para ajudar a sustentar a casa. Encontrara um emprego numa organização de beneficência e contentara-se com as aulas de arte que recebia de tarde

com outros amadores entusiastas.

Nunca fora especialmente aventureira e sabia, com grande dor no coração, que era muito improvável que chegasse a visitar Dharia. Não tinha dinheiro para pagar o bilhete de avião ou as férias, não tinha dinheiro para procurar um pai tendo como único dado um nome que podia ser o mais normal de Dharia. Era um sonho e ela sabia que os sonhos só se tornavam realidade se estivesse disposta a correr riscos e a aproveitar a oportunidade...

Polly sentia que olhavam para ela fixamente enquanto esperava na fila da alfândega do aeroporto de Kashan. Supôs que era por ser loira e porque a sua tez branca era muito estranha em Dharia.

Estava no país do pai. Estava finalmente lá e não conseguia acreditar. Estava ali graças a Ellie, que aceitara um emprego a tempo parcial, apesar de ter de estudar muito, e que insistira que conseguia seguir em frente sem a ajuda económica da irmã durante, pelo menos, um trimestre. Mesmo assim, ela tivera de poupar durante alguns meses para reunir dinheiro suficiente para fazer uma viagem assim. O seu orçamento era minúsculo e alojar-se-ia numa pensão perto do bazar de Kashan. Conformava-se com estar limpa e, se não estivesse, limpá-la-ia.

Corou ao sentir o olhar de outro homem de olhos escuros e lamentou não ter feito uma trança. Prometeu-se que, no dia seguinte, usaria um chapéu. Ao fim e ao cabo, Dharia não era um país turístico e era um pouco antiquado. Certamente, não usaria os calções e o top que trouxera, pois, embora as mulheres não usassem véu, usavam roupa comprida e fora de moda.

Chegou finalmente ao balcão e entregou o seu passaporte. Foi como um sinal para dois homens se aproximarem e um deles se dirigir a ela.

– Importa-se de nos acompanhar, por favor?

Para sua confusão, foram para a sala de bagagens, tiraram-lhe a mala de viagem e a carteira e levaram-na para uma sala com umas cadeiras e uma mesa. Examinaram as malas na sua presença enquanto se questionava porque não lhe tinham devolvido o passaporte. O que procuravam? Drogas? Sentiu um calafrio de medo, embora não tivesse nada senão alguns comprimidos para a dor de cabeça. Ouvira histórias aterradoras e, quando entrou uma mulher do serviço de segurança, o seu corpo ficou rígido e em atitude de defesa. Ouviu-se uma exclamação quando um dos

homens tirou o anel com a opala de fogo e o levantou para a luz da lâmpada refletir uma cascata de cores nas paredes cinzentas. As três pessoas começaram a falar atrapalhadamente na sua língua até os dois homens se irem embora e levarem o anel. A mulher olhou para ela fixamente e ela respirou fundo para tentar acalmar-se.

– É muito bonita – comentou a mulher, para surpresa de Polly.

Ela esboçou um sorriso tenso, pois não sabia o que responder àquele comentário naquelas circunstâncias.

– Obrigada – agradeceu, finalmente, para não ser indelicada.

Os minutos foram passando com uma lentidão desesperante e a acompanhante atendeu o telemóvel. Ela agarrou as mãos por cima do colo e interrogou-se porque se teriam alterado tanto com o anel. Era um anel roubado? Que anel causaria essa reação quando, segundo Vanessa, não era muito valioso?

Entrou outra mulher com uma bandeja de chá muito aromático. A acompanhante de Polly levantou-se e ofereceu-lhe uma chávena. Cheirava a menta e a mão tremeu-lhe enquanto levava a chávena à boca.

– Porque me retêm aqui? – atreveu-se a perguntar.

– Estamos à espera de instruções.

– E o anel?

As duas mulheres entreolharam-se, mas nenhuma delas respondeu. Ela estava zangada, pois tinham-lhe arrebatado o anel e era o único vínculo que lhe restava com a mãe que não conhecera. Quando lho devolveriam? Ao mesmo tempo, tentava animar-se, pois não a tinham despedido para a revistar e tinham-lhe trazido chá. Era um mal-entendido, não podia ser outra coisa. Não fizera nada de mal, mas a mãe teria feito alguma coisa de mal quando estivera lá há todos aqueles anos?

Como podia responder àquela pergunta? A mãe, em muitos sentidos, continuava a ser um mistério absoluto. Annabel percorrera o mundo, rodeada de luxos, para cuidar dos filhos dos outros enquanto abandonava as filhas ao cuidado da própria mãe, que as recebera com relutância. Contudo, proporcionara ajuda económica à mãe e às filhas durante muitos anos. Quando essa ajuda acabara repentina e inesperadamente, ela aprendera o que era viver com um orçamento muito pequeno.

As irmãs não tinham herdado nada da avó, que deixara tudo o que havia na casa ao filho, o tio de Polly, enquanto se queixava com amargura de a filha lhe ter arruinado a reforma ao obrigá-la a criar as filhas ilegítimas. Era uma etiqueta que ela não conseguia suportar, uma palavra que a sua

geração quase nunca usava, pois não podia etiquetar-se uma criança com algo que não fizera nada para merecer. Porém, fora uma palavra que significara muito para a sua avó conservadora, que se envergonhara por as suas únicas netas terem nascido fora do casamento.

Enquanto Polly se atormentava na outra ponta de Kashan, Hakim, que nunca se apressava, ia a correr pelo corredor principal do palácio. Tinha a cara arredondada congestionada e a barba tremia. Rashad estava a trabalhar no seu escritório, como de costume.

– O anel! – exclamou Hakim, enquanto levantava o anel como se fosse um troféu, antes de o pousar respeitosamente na mesa. – Encontraram-no – acrescentou o homem mais velho.

Rashad franziu o sobrolho, levantou-se com um salto e pegou no anel para o observar com a luz que entrava pela janela.

– Como o encontraram? Onde estava?

Hakim falou da mulher britânica que tinham revistado no aeroporto.

– Porque não está na prisão? – perguntou Rashad, endurecendo o olhar.

– Temos de lidar com isto com prudência – respondeu Hakim. – Não queremos causar um incidente diplomático...

– Um ladrão é um ladrão e tem de responder pelos seus atos – interrompeu o rei, num tom cortante.

– A mulher é jovem, não pode ser a ladra. Ainda não a interrogaram. A polícia do aeroporto queria a confirmação do palácio para saber se é o anel verdadeiro. Estão todos muito entusiasmados em Kashan e já se formou uma multidão no aeroporto.

– Como é possível? – Rashad franziu o sobrolho. – Como é possível que esta descoberta já se tenha divulgado?

– A imprensa falou dos rumores do aeroporto – esclareceu o assessor. – Não vai poder esconder esta história...

– Uma multidão? – perguntou Rashad, com perplexidade.

– Essa mulher não lhes parece uma ladra, parece-lhes a mulher que devolveu a Esperança da Dharia ao seu rei. Se se acrescentar que é jovem e, aparentemente, bonita... Bom, se pensar que a sua bisavó foi ter com o seu bisavô com a Esperança, conseguirá entender porque o povo está tão entusiasmado.

Porém, Rashad continuava com o sobrolho franzido. Uma multidão emocionada podia transformar-se facilmente num conflito. Não conseguia

entender porque o assessor estava tão contente com o que, ao fim e ao cabo, era apenas uma lenda que a geração seguinte adornara para dar um caráter romântico à monarquia e às suas alianças.

– Isso foi há um século, noutra época, e organizou-se para se conseguir o que se conseguiu, um casamento que era bom para os dois países.

– É perigoso deixar que a multidão se congregate no aeroporto. Proponho humildemente que tragamos a mulher para aqui para a interrogar. Todo o assunto ficará controlado e não haverá comentários inadequados.

Rashad pensou nas masmorras do palácio, mas não achava que Hakim quisesse prender a mulher britânica ali. Recordou-se que o anel voltara e que, aparentemente, a mulher era demasiado jovem para ser a responsável pelo seu desaparecimento.

– Muito bem. Suponho que seja interessante ouvir a sua história.

– É um milagre que a Esperança de Dharia tenha voltado – afirmou Hakim, com entusiasmo –, e um augúrio magnífico.

Infelizmente, os sentimentos de Polly não tinham nada de milagroso enquanto a tiravam do aeroporto pelo que parecia uma porta traseira e chegavam a um terminal de carga cheio de caixas. Tinha medo, apesar da presença da mulher do serviço de segurança, mas também estava a começar a indignar-se, algo que não costumava acontecer-lhe. Era uma viajante cumpridora da lei que se portava bem, como se atreviam a tratá-la daquela forma?

– Vai ao palácio! – comunicou a mulher, como se esperasse que Polly comesse a dar saltos de alegria. – É uma grande honra. Até enviaram um carro e escolta militar.

Polly entrou pela porta traseira de um todo-o-terreno branco e resplandecente e agarrou as mãos em cima do colo. A mãe trabalhara no palácio há mais de vinte anos e, naquele momento, ela tinha a oportunidade inesperada de ver aquele lugar, pensou, para tentar ver a parte positiva da situação. Se pudesse fazer algumas perguntas, era possível que encontrasse alguém que se lembrasse da mãe quando trabalhava lá. Ainda que, claro, isso pudesse levar a uma conversa incómoda. A mãe fora para a cama com todos? Tivera... relações com mais de um homem? Como ia descobrir sem se envergonhar e às outras pessoas? Pela primeira vez, sentiu que encontrar o pai seria como

encontrar uma agulha num palheiro, como Ellie dissera, e decidiu não dizer nada sobre os seus assuntos pessoais até descobrir como iam recebê-la.

Um camião militar com soldados armados abriu caminho para os tirar do aeroporto entre uma multidão que rodeou os carros quando desacelerou para sair do recinto. As caras colavam-se aos vidros fumados e as mãos batiam na carroçaria do carro entre gritos e alvoroço. Algo parecido com o pânico embargou-a e umas gotas de suor brilharam na sua testa. Fechou os olhos com força e rezou enquanto o carro avançava devagar, até, graças a Deus, acelerar e entrar numa rua ampla, ladeada por edifícios modernos e com muitas pessoas que, aparentemente, estavam ali para ver o carro. Havia muitas pessoas por todos os lados e dava a sensação de que era um dia de festa, pensou, enquanto as pessoas cumprimentavam com a mão enquanto os carros passavam.

Deixaram para trás a cidade de Kashan e as multidões e chegaram a uma paisagem desértica onde não havia ninguém. Por todos os lados, havia planícies de areia decoradas com algumas saliências rochosas e viam-se dunas ao longe. Aquela vista sob o sol abrasador tinha algo que fazia com que quisesse pintar com cores diferentes das cores que costumava usar. Pestanejou quando o carro atravessou um portão imenso e entrou num jardim incrivelmente verde e exuberante salpicado de árvores, arbustos e flores às cores. À frente, por cima deles, destacava-se um edifício muito antigo que se prolongava em todas direções com uma mistura de cúpulas pequenas e grandes.

A porta do seu lado abriu-se e voltou a perder-se naquele calor abrasador. As calças leves e a *t-shirt* colaram-se imediatamente à pele húmida. Uma mulher esperava na entrada enorme e inclinou-se muito levemente enquanto fazia um gesto com a mão para que a acompanhasse.

Evidentemente, não estava detida, pensou, com alívio e curiosidade, enquanto entrava no palácio, mas ainda sentia a raiva e a incerteza. Percorreram um corredor muito comprido e largo com colunas de pedra esculpida. As suas sandálias faziam barulho enquanto seguia aquela mulher para as profundidades do edifício labiríntico. Desceram uns degraus e atravessaram uma sala ampla e pouco mobilada em direção a umas portas envidraçadas que estavam totalmente abertas.

Para sua desgraça, voltou a aparecer aquele calor atroz e o sol implacável do meio-dia. Entrou, hesitante, num pátio fechado e a acompanhante desapareceu. A água caía numa fonte rodeada de palmeiras

e os ladrilhos do chão formavam um desenho complicado, descolorido pelo tempo. Aproximou-se da sombra da fonte para se refrescar um pouco.

Então, uma jovem com um vestido comprido e elegante apareceu e esboçou um sorriso tenso enquanto apontava para uma mesa e duas cadeiras que estavam ao sol. Polly conteve um gemido e dirigiu-se para lá, exatamente quando ouviu uns passos apressados atrás dela. A jovem ajoelhou-se imediatamente e inclinou a cabeça. Ela pestanejou, espantada, e virou-se lentamente.

Um homem muito alto com o cabelo de um tom preto azulado e uns olhos tão penetrantes como os de um falcão olhava para ela de cima a baixo. A comparação com a ave de rapina era acertada porque se sentia encurralada e intimidada. Ele emanava autoridade e domínio, como se fosse um campo de forças e era o homem mais bonito que alguma vez vira. Além disso, sabia quem era, graças ao que investigara sobre Dharia na Internet. Era o rei Rashad, o governante recém-coroadado de Dharia. Engoliu em seco sem entender porque lhe concediam uma reunião pessoal com um personagem tão importante. Sentiu a boca seca e afastou os lábios enquanto tentava pensar no que podia dizer, mas ele adiantou-se.

– Sou o Rashad, menina Dixon, e gostaria de saber como o anel chegou às suas mãos.

«Sou o Rashad», pensou ela, como se só houvesse um Rashad no mundo. Ao olhar para ele, também pensou que era possível que não houvesse nenhum homem como ele no mundo árabe, um homem que unira as diferentes facções do seu país e trouxera a paz e que era adorado incondicionalmente por esse sucesso.

– A verdade é... que não posso dizer grande coisa – reconheceu ela, num tom trémulo.

Quando os seus olhos se encontraram com aqueles olhos castanhos que pareciam de ouro líquido por causa do reflexo da luz do sol, custou-lhe respirar, pensar e falar.

Capítulo 2

– Sente-se, por favor – pediu Rashad, num tom brusco, pois tinha de fazer um esforço para manter o domínio sobre si próprio.

Um arrebatamento de desejo estava a apropriar-se do seu corpo e essa experiência inusitada alterava-o completamente. Porém, a mulher que tinha à sua frente era bastante excepcional. Polly Dixon era deslumbrantemente bonita e tinha esse cabelo loiro quase branco que muito poucas vezes sobrevivia à infância e que lhe caía numa cascata ondulada até à cintura. A sua cútis era igualmente branca e cobria um rosto ovalado com uns olhos azuis e uma boca carnuda pintada de cor-de-rosa que lhe davam vida. Não era muito alta. Na verdade, era bastante baixa, certamente, não lhe chegaria acima do peito, mas as curvas dos seios e das ancas eram indiscutivelmente femininas e tentadoras.

Polly observou-o com a boca seca e tensa por causa dos nervos. Ele tinha umas maçãs do rosto incríveis, um nariz estreito e perfeito e uma boca larga e sensual que se destacava entre uma barba incipiente na pele cor de bronze. Fez um esforço para reordenar as ideias e falar.

– Entendo que toda esta animação é por causa do anel que tinha na mala. Receio que não saiba quase nada sobre ele. Recebi-o recentemente, quando a minha mãe morreu, e acho que ela o teve durante muito tempo...

Hayat, a cunhada de Rashad, trouxe o chá para a mesa e recuou discretamente no seu papel de acompanhante.

– Como se chamava a sua mãe? – perguntou Rashad.

Ela lambeu uma gota de chá do lábio inferior e ele imaginou imediatamente que fazia o mesmo ao seu corpo e alegrou-se por a mesa tapar a reação das suas... entranhas.

Polly começava a sentir-se cansada e sedenta e não parava de sorver chá, embora gostasse que estivesse mais frio para conseguir engoli-lo.

– Annabel Dixon – respondeu ela, com cansaço –, embora não saiba o que...

Rashad ficara petrificado. As pestanas compridas e espessas desceram para lhe esconder os olhos, mas voltou a levantá-las e ela pôde ver um resplendor dourado de surpresa.

– Quando era pequeno, tive uma ama que se chamava Annabel Dixon – comunicou ele, inexpressivamente. – Está a dizer-me que essa mulher era a sua mãe?

– Sim... mas não sei grande coisa sobre ela e absolutamente nada sobre a época que passou em Dharia porque foi a minha avó que me criou, não a minha mãe – contou Polly, com relutância, enquanto se maravilhava com a ideia de a mãe ter cuidado de Rashad quando era pequeno. – Porque é que esse anel é tão importante?

– É o anel cerimonioso dos reis de Dharia, o símbolo do seu direito de governar. Tem muito significado sentimental para o meu povo. O anel desapareceu há vinte e cinco anos, quando a minha família morreu e o ditador Arak fez um golpe de estado. Quem é o seu pai?

Polly ficou rígida. Sentia que começava a ter dores de cabeça e gostaria de poder tomar o remédio que tinha na mala. Além disso, questionou-se quando poderia recuperar a sua bagagem.

– Não sei, mas se tudo isto aconteceu há vinte e cinco anos, teve de acontecer mais ou menos quando me conceberam, portanto, entenderá que não possa oferecer-lhe mais informação. Não sabia que o anel era um tesouro perdido, como também não sei como a minha mãe o conseguiu nem porque o conservou. Imagino que soubesse como era importante.

– Eu também imagino. Cuidou de mim e dos meus irmãos desde que nasci até ter seis anos e deve ter descoberto muitas coisas sobre a minha família durante esse tempo.

– Como era? – perguntou Polly, quase sem querer.

Observou-a com surpresa.

– Não me lembro dela... Só tenho algumas lembranças muito vagas. É possível que também não se lembre dela – acrescentou ela, precipitadamente, enquanto corava.

– Estava sempre a sorrir e a rir-se – respondeu Rashad, em voz baixa. – Gostava dela... e os meus irmãos também. Não era loira como a menina, era ruiva...

Polly assentiu com a cabeça e lembrou-se do cabelo ruivo da irmã, que Ellie odiava.

– Há alguém por aqui que possa lembrar-se dela? – atreveu-se a perguntar Polly. – Naturalmente, tenho muita curiosidade.

– Restam poucos empregados daquela época – respondeu Rashad, com tristeza.

O seu rosto afiado toldou-se, pois, muitos empregados do palácio tinham morrido durante o golpe de estado.

– Então, o que se passará com o anel agora? – perguntou Polly, com firmeza.

– Tem de ficar aqui, em Dharia – respondeu Rashad, com uma certa surpresa, como se ela devesse tê-lo imaginado. – Nunca devia ter saído daqui.

Polly ergueu o queixo e os seus olhos azuis toldaram-se com aborrecimento enquanto um carreiro de suor lhe caía entre os seios e por baixo da *t-shirt* larga. Devia ter calor e estar cansada, mas conservava o julgamento.

– Porém, é meu e é a única lembrança que terei da minha mãe.

Rashad ficou atónito com o que ouvira.

– É um azar, mas...

– É para mim, não para si! – interrompeu-o Polly, com raiva.

Rashad não estava habituado a ser interrompido e menos ainda a ser desafiado por uma mulher zangada. Arqueou uma sobrancelha.

– É mais sortuda do que imagina – replicou ele, sem se alterar. – Podiam tê-la acusado de roubo só por ter o anel...

Polly levantou-se, mas teve de apoiar as mãos na mesa, pois esse movimento brusco enjoara-a um pouco.

– Muito bem! Acuse-me de roubo! Como se atreve a tratar-me como uma delinquente? Interromperam-me a viagem, o serviço de segurança levou-me à frente de todos no aeroporto, prenderam-me durante horas numa sala asquerosa e arrisquei a vida quando uma multidão sacudi o carro enquanto vínhamos para aqui...

– Escolheram-na aleatoriamente para lhe rever a bagagem, segundo o sistema de deteção de drogas que implantámos recentemente – interrompeu Rashad, com a suavidade da seda. – Lamento que a tenham incomodado e envergonhado e vou certificar-me de que o resto das suas férias compensa essa experiência.

Polly afastou-se da mesa e atreveu-se a endireitar-se, com a cabeça bem erguida.

– Quero recuperar o anel da minha mãe!

Rashad também se levantou e, para sua vergonha, deleitou-se com a fúria que se refletia no rosto, com o tom rosado da pele, com a cor violeta

dos olhos e com a linha formada pelos dentes cerrados.

– Deve saber que isso não é verdade. O anel não pertencia à sua mãe ou à sua família...

– Deixaram-mo e, portanto, pertence-me.

Rashad arqueou uma sobrancelha e ela recuou, embora lhe fraquejassem as pernas e se sentisse inusitadamente trôpega.

– É uma lei elementar que um objeto roubado não pode considerar-se uma pertença legal da pessoa que o recebe ou compra porque a pessoa que o oferece ou vende não tem o direito de o fazer.

Polly não estava a ouvi-lo. Estava a falar como um advogado e, embora usasse um fato cinzento feito à medida, parecia uma fantasia com aquele pátio pitoresco de fundo. Não parecia real. Na verdade, nada do que acontecera desde que chegara a Dharia parecia real. Tudo começava a ser excessivo para ela: Ele, tudo o que a rodeava e todo o assunto disparatado do anel, já para não falar do calor, que lhe parecia insuportável.

– Não tenciono falar disso consigo porque o anel é meu, não seu!

Polly, um pouco enjoada, disse-o enquanto se questionava porque a imagem daquela fantasia se tornava imprecisa, embora isso não suavizasse a dureza dos seus traços agudos e atraentes.

– Está a ser muito pouco razoável – queixou-se Rashad, enquanto a observava, fascinado com a personalidade ardente que se escondia por trás daquela aparência frágil e bonita. – Até está a ser um pouco infantil e perdoe-me por lho dizer.

Polly, com o suor a cair pela testa, cerrou os punhos.

– Se não fosse quem é, dar-lhe-ia um murro por dizer isso!

Ouviu-se que batiam às portas envidraçadas que levavam ao interior do palácio e Hayat dirigiu-se para lá de costas e inclinando-se como uma empregada teria feito há um século. Rashad suspirou e pensou que o estilo antigo não era o estilo acertado. O facto de Polly ter gritado e o ter ameaçado com um arrebatamento absurdo tivera um efeito estimulante. Teria a mínima ideia da quantidade de leis que infringira? Não e também não se importava que lho dissessem, pois estava zangada com ele e achava que podia expressar a sua raiva aberta e sinceramente. Ele nunca tivera essa liberdade de expressão ou de atuação. A única coisa que aprendera desde os seis anos fora que tinha de cumprir com o dever e as consequências nefastas se não o fizesse.

Hakim observava-o da porta, com falta de ar, e fazia gestos de que tinha de falar com ele. Rashad dominou o aborrecimento devido à interrupção.

Ao fim e ao cabo, a sua tarefa era lidar com o que acontecesse, fosse bom ou mau, independentemente do seu estado de espírito e do momento. Concedeu-se mais um instante para olhar para Polly e maravilhou-se com a sua brancura e perfeição à luz do sol.

– Não acho que conseguisse bater-me, mesmo que tentasse – replicou ele, com delicadeza. – Domino quase todas as formas de combate.

– Fala como um livro de texto...

Polly cambaleou e mexeu-se como se tentasse voltar à mesa, mas não conseguiu e caiu sobre os ladrilhos. Hayat deixou escapar um grito, mas Rashad foi muito mais prático. Baixou-se, pegou em Polly ao colo e surpreendeu-se ao perceber que pesava muito pouco. O grito de Hayat aumentou e um esquadrão de sentinelas apareceu a correr, como se achasse que o rei estava em perigo.

Rashad recusou-se a soltar Polly quando se ofereceram para o libertar do fardo e Hakim já estava a chamar o médico do palácio.

– Falarei com vocês quando estivermos a sós – murmurou o assessor.

– Pode saber-se o que se passa? Que mau feitio! – comentou Hayat, no elevador, que estava cheio de pessoas. – Gritou com o rei. Eu não conseguia acreditar no que estava a ver e ouvir.

Rashad questionou-se se Hayat teria sido uma dessas raparigas que contavam intrigas na escola. Era muito depreciativa com as outras mulheres e estava sempre perto dele, como se receasse que não se apercebesse dos defeitos das mulheres se ela não lho apontasse. Sabia que ela, como irmã da falecida esposa, se considerava um ser superior. Pertencia a uma família proeminente de Dharia que, como todas as famílias proeminentes de Dharia, apresentara as filhas como possíveis esposas do rei, uma situação perigosa que o convencera de que tinha de encontrar uma esposa noutra país para preservar a paz entre as diferentes famílias que atuavam para melhorar a sua posição social.

Rashad deixou Polly numa cama com lençóis de seda. Estava a recuperar a consciência e a pestanejar e deixava escapar uns sons ininteligíveis por entre os lábios carnudos e cor-de-rosa. Mesmo assim, naquele estado, conseguia parecer-lhe a imagem idealizada de um anjo que vira uma vez num livro.

– O doutor Wasem já chegou – informou Hakim, em voz baixa.

Rashad afastou-se da cama. Sentiu-se como se tivesse sido um momento fora do tempo e assustou-se por um instante.

Como eram homens, saíram para o corredor enquanto as mulheres da

casa tomavam as rédeas.

– Questiono-me o que se passa – comentou Rashad, num tom tenso.

– Eu interrogo-me que conclusões tirarão as nossas multidões influenciáveis. Um dos seus guardas usou o seu telemóvel no elevador. Eu franzi-lhe o sobrolho e ele devia ter desistido imediatamente. Que tipo de disciplina temos quando um dos homens encarregados de o proteger participa neste disparate de falatórios dos meios de comunicação social?

– Estava muito pálida. Devia ter-me apercebido de que não era natural que estivesse tão pálida – insistiu Rashad, como se o seu assessor não tivesse falado.

O doutor Wasem juntou-se a eles alguns minutos mais tarde.

– Uma insolação – comunicou, com uma certa satisfação por o ter diagnosticado tão depressa. – Normalmente, aconselharia que a levassem a um hospital, mas sei como a cidade está alterada. As mulheres vão encarregar-se de a refrescar e hidratar. Quem terá pensado em expor uma mulher à hora mais quente do dia quando já tinha tido de suportar um voo tão longo? Até nós sofremos com as temperaturas que temos no verão.

As maçãs impressionantes do rosto de Rashad coraram levemente. Uma insolação.

– Isso é grave...

– Não tão grave como o que tenho de lhe dizer – sussurrou Hakim, quando o médico voltou para o quarto para continuar a dar instruções às mulheres.

Rashad conseguiu esquecer o remorso que sentia, pois, uma insolação podia ser muito grave. A convidada podia sofrer convulsões e até um ataque de coração se não lhe baixassem a temperatura depressa. Estava espantado por ter sido tão desconsiderado.

– O que tem para me dizer?

– A nossa convidada dirá que se chama Polly, mas o nome que aparece no seu passaporte é Zariyah – respondeu Hakim, baixando mais ainda o tom de voz.

– Mas esse é... esse é o nome da minha bisavó e quase ninguém o usa. – Rashad estava muito espantado, pois o nome não se usava em Dharia por respeito à sua antepassada. – Como é possível que o nome dela seja Zariyah?

– As minhas suspeitas levaram-me numa direção em que não queria ir – reconheceu Hakim –, mas o facto de a mãe dela ter o anel e de dar esse nome à filha, em conjunto com o seu desaparecimento inexplicável

durante tantos anos, preocupa-me profundamente...

– Não é possível que seja da família! – interveio Rashad, com uma veemência inusitada.

– A julgar pelas datas e pela afeição do seu pai a ter aventuras com todas as empregadas bonitas... é tristemente possível – replicou Hakim, num tom sombrio. – Terá de fazer um teste de ADN, pois a nossa convidada pode ser sua meia-irmã.

– A minha... meia-irmã?

Rashad, que continuava espantado, ficou petrificado junto da parede enquanto tentava por todos os meios não repetir aquele termo familiar. Não era o que queria. Efetivamente, não queria descobrir que se sentira sexualmente atraído por uma familiar desconhecida até àquele momento. A mera ideia dava-lhe náuseas, mas também lera em algum lugar que essas atrações antinaturais podiam dar-se entre adultos que não eram criados juntos quando eram crianças.

– Terá de o confirmar de alguma forma – repetiu Hakim. – A Annabel Dixon era uma mulher sedutora e o seu pai era...

– Sei o que era – interrompeu Rashad, cerrando os dentes com força.

Capítulo 3

Polly acordou e deu por si nua enquanto a esfregavam com uma esponja. Espantada com o seu estado e as caras desconhecidas que a rodeavam, tentou sentar-se e tapar-se.

– Lamento muito, mas temos de o fazer para lhe baixar a temperatura depressa – explicou uma jovem morena que estava na cabeceira da banheira onde a tinham posto. – O meu nome é Azel e sou enfermeira. Sofreu uma insolação e, embora isto possa ser desagradável, mais desagradáveis seriam umas complicações graves.

Uma insolação? Polly lembrou-se do calor abrasador e claustrofóbico daquele pátio e conteve um gemido, pois sabia que devia ter reconhecido que tinha demasiado calor. Sentia-se envergonhada por ter desmaiado e ter causado toda aquela animação. Além disso, recordava vagamente que gritara com o rei Rashad e que ameaçara dar-lhe um murro.

Então, a enfermeira mediu a temperatura e a tensão arterial e declarou que ambas estavam bem antes de a secarem com uma toalha, a vestirem com uma roupa de seda e a deitarem numa cama muito confortável como se fosse uma criança.

Entrou um homem mais velho e apresentou-se como o doutor Wasem. Tirou uma amostra de sangue e outra de saliva e aconselhou que comesse algo leve e descansasse. Ela pensou, com incredulidade, que não poderia dormir depois de tudo o que acontecera, mas bebeu toda a água que pôde e as pálpebras começaram a fechar-se como se pesassem uma tonelada. O corpo afundou-se no colchão fofo e adormeceu antes de se aperceber.

Quando acordou, já escurecera e reparou, perturbada, na mulher que estava tenuemente iluminada e sentada ao lado da porta. Era Azel, a bonita enfermeira que a tratara antes. Sentou-se com cuidado e comunicou a sua necessidade mais premente. Acompanhou-a até à casa de banho para o caso de se sentir enjoada, mas, uma vez lá dentro, refrescou-se, com um alívio imenso. Já passava da meia-noite e ela, que nascera e fora criada em

Londres, não estava habituada ao silêncio do palácio, mas ao barulho do trânsito e ao resplendor das luzes da sua cidade. Ouviu que batiam à porta.

– Precisa de alguma coisa da sua mala? – perguntou Azel.

Alegrou-se por recuperar finalmente a bagagem e recuperou o indispensável.

– Pedi uma refeição leve, tem de estar faminta.

– É muito tarde – comentou Polly, com surpresa.

– O pessoal do palácio está disponível a todas as horas. É muito confortável viver aqui – acrescentou Azel, com um sorriso.

Trouxeram-lhe uma bandeja e atacou uma salada de frango sem pensar duas vezes. Ainda não se apercebera da diferença horária e questionou-se que horas seriam em Londres. Ligaria a Ellie de manhã. Sentia-se inexplicavelmente cansada, apesar de ter dormido tanto e, no dia seguinte, quando voltasse a continuar as suas férias, sentir-se-ia melhor e poderia explicar que a herança inesperada da falecida mãe só lhe dera problemas. Pensou que Ellie não se surpreenderia, porque a irmã tinha uma visão mais cética da vida do que ela.

Quando voltou a acordar, a luz entrava por cima das cortinas e estava sozinha. Levantou-se, tirou roupa limpa da mala e foi tomar banho enquanto pensava, entre divertida e preocupada, que seria algo digno de se contar, que fora até Dharia com a esperança de descobrir a história da sua família e acabara por passar a noite no palácio real.

Voltou para o quarto e apareceu uma empregada com um carrinho. Escolheu alguma comida de entre o que lhe ofereciam e comeu com apetite enquanto pensava no que contaria à irmã quando lhe ligasse. Não queria contar-lhe nada que despertasse o mau feitio e a agressividade de Ellie. Ellie, na sua situação, teria ligado para a embaixada britânica aos gritos antes de a terem tirado do aeroporto.

Porém, rebuscou na mala para encontrar o telemóvel e não o encontrou, nem sequer depois de a ter esvaziado na cama. Evidentemente, tinham-lhe roubado o telemóvel. O dinheiro e o passaporte estavam intactos, mas o telemóvel desaparecera. Estava furiosa. Era um telemóvel barato, não um dos que poderia pensar que valia a pena roubar. Di-lo-ia ao rei Rashad da próxima vez que o visse. Até então, continuava a ter de ligar a Ellie, que estaria em pânico porque não lhe ligara quando prometera fazê-lo. Embora fosse a mais velha, Ellie tratava-a assim porque nunca fora para o estrangeiro.

Abriu a porta do quarto e encontrou uma empregada e um guarda

armado, o que a deixou boquiaberta. Porém, ficou ainda mais pasmada quando o soldado se virou, se ajoelhou e balbuciou alguma coisa na sua língua enquanto inclinava a cabeça. Ela decidiu que era uma boa sorte, independentemente do que significasse, e ignorou cortesmente o gesto quando pensou que talvez fosse a hora da oração.

– Preciso de um telefone – disse à empregada. – Tenho de ligar à minha irmã.

A empregada sorriu e levou-a para dentro do quarto outra vez para lhe mostrar o telefone fixo que havia junto da cama. Polly conteve um gemido. Não queria explicar-lhe que queria um telemóvel para fazer uma chamada grátis com uma certa aplicação, pois não sabia se a empregada jovem o entenderia em inglês. Deixou escapar um suspiro e pensou que Dharia, com todo o petróleo que tinha, poderia permitir-se uma chamada depois do suplício que sofrera. Levantou o auscultador. Ellie atendeu imediatamente, como era de esperar.

– Onde estás? Porque demoraste tanto a ligar-me? Estava muito preocupada contigo!

Polly deu-lhe a versão suavizada que decidira contar-lhe, mas teve de lhe explicar que, aparentemente, a mãe não tivera o direito de possuir um anel de opala de fogo e muito menos de o deixar a alguém em herança.

– Acho que isso terá de ser decidido por um advogado, não por um rei ambicioso! – exclamou Ellie. – Tens de lutar, Polly. De certeza que podes sair do palácio? Porque deixaram um guarda à porta? Tenta sair para dar um passeio, para ver o que se passa. Acho que o que me contaste é muito estranho e acho que vou passar pelo Ministério de Assuntos Exteriores para descobrir qual é a tua situação e pedir conselho...

– Parece-te necessário? – interrompeu Polly, num tom sério. – Não te parece que estás a levá-lo demasiado a sério?

– Polly... Tu não vês os sinais de alarme! – reprovou Ellie, com uma preocupação sincera. – Procuras sempre desculpas para as coisas más que as pessoas fazem... Parece-me que não posso confiar em ti quando julgas a natureza humana!

Polly desligou o telefone, envergonhada e corada. Ellie estava furiosa e disposta a lutar! Embora achasse que a preocupação da irmã não tinha fundamento, queria tentar sair para dar um passeio para pôr à prova a proposta de Ellie. Pegou no chapéu de palha e nos óculos de sol e saiu do quarto, virou à esquerda, seguiu por um corredor de pedra e parou para ver uma sala com os ladrilhos mais chamativos que alguma vez vira. Desceu

uma escada de pedra e voltou a parar para admirar um corredor largo com arcos lavrados que se afastavam até emoldurar um jardim exuberante ao fundo. Quando tentou explorá-lo, apercebeu-se de que o guarda a seguia a certa distância e que estava tão ocupado a conversar com a empregada que poderia evitá-lo sem ele se aperceber. Chegou até ao fundo do corredor e olhou para o jardim lindo com um lago em forma de estrela. Os arcos que rodeavam o pátio estavam esculpidos com uma delicadeza tão deliciosa que pareciam de renda. Era maravilhoso e, se tivesse o telemóvel, teria adorado tirar algumas fotografias.

A exploração levou-a às entranhas do edifício, até encontrar a sala principal, onde chegara no dia anterior, e a mulher que lhes serviu o chá apareceu à porta.

– Menina Dixon – cumprimentou a mulher, com um sorriso muito falso –, o rei pede-lhe para o acompanhar durante o almoço.

– Muito bem... – aceitou ela, com um sorriso muito mais natural.

Então, corou ao lembrar-se do primeiro encontro com Rashad, esse homem impressionante que falava um inglês tirado de um livro de texto.

Seguiu a mulher e só hesitou um pouco quando acabou por se aperceber de que o guarda solitário se transformara em seis soldados que se afastaram ao mesmo tempo, se colaram à parede e olharam para outro lado quando ela passou. Era muito estranho. Talvez se considerasse uma falta de cortesia olhar diretamente para uma mulher, mas a acompanhante cerrou tanto os dentes com esse gesto que pareceu que tinha o queixo esculpido em pedra.

Felizmente, o almoço ia servir-se no interior, descobriu Polly, quando entrou numa sala com chão de mármore e uns móveis muito modernos que encaixavam espantosamente bem entre as paredes antigas. Rashad apareceu sem avisar por uma porta que havia à esquerda e parou quando a viu. Ela também parou, embora não tivesse querido ficar onde estava. Ali estava ele, impressionante até dizer chega e muito sensual. «Sensual» era uma palavra que não costumava aplicar aos homens porque nem sequer lhe ocorria, mas apareceu no seu cérebro assim que viu Rashad e questionou-se se esse seria o inconveniente de ser virgem e não ter experiência. A curiosidade pelo sexo fazia com que fosse mais impressionável e com que reagisse mais intensamente com os homens? Porém, não acontecera com nenhum outro homem, pensou, aborrecida com aqueles pensamentos dispersos.

– Sente-se, por favor – interveio a acompanhante, enquanto puxava uma

cadeira da mesa que Polly nem sequer vira.

– Hoje, tem melhor aspeto – observou Rashad, enquanto se sentava à frente dela sem parar de a observar.

– Sim, também me encontro melhor. Lamento a animação que causei.

Ela tentou não olhar para ele porque a deixava nervosa que a alterasse tanto, quando costumava ser inalterável.

Rashad sentiu-se desiludido ao ver que fizera uma trança. Nunca vira um cabelo tão bonito. Devia ser por causa da novidade da cor num país onde quase todos eram morenos, pensou, com firmeza. Ela voltava a usar calças e uma camisa branca e larga, mas não ia imaginar as coisas que o seu cérebro queria imaginar. Afastou essa parte de si próprio e começou com a conversa que costumava usar nos jantares com estrangeiros.

– O meu telemóvel não estava na mala quando ma devolveram – informou-o Polly, sem prévio aviso.

– Faremos investigações – tranquilizou-a Rashad, embora soubesse que, provavelmente, lhe teriam confiscado o telemóvel como medida de segurança por ordem de Hakim. – Tenho a certeza de que o encontrarão e o devolverão.

– Obrigada.

Polly questionou-se porque lhe parecia tão diferente do homem que pensara que era no dia anterior. Estava mais comedido, quase rígido e inexpressivo, com as feições do rosto frias e firmes e com os dentes cerrados. Cauteloso? Hostil? Ofendido? Maravilhou-se por ser tão curiosa e repreendeu-se por isso. Porque haveria de se importar? Em breve, iria para a pequena pensão perto do bazar e podia ter a certeza de que não voltaria a encontrar o rei de Dharia. Ele estava a rebaixar-se ao almoçar com uma plebeia estrangeira para puxar o assunto do anel com a opala de fogo com que queria ficar.

– Quanto ao anel... – começou a dizer ela, com brusquidão.

– Não falaremos disso agora – interrompeu-a Rashad, sem hesitar. – Falá-lo-emos quando recuperar completamente da sua doença.

Polly, perturbada com aquela rejeição tão direta, observou-o durante uns segundos carregados de tensão. Era um homem revoltante. Esperava que o assunto se deixasse de lado só porque ele o decidira e essa segurança em si próprio tirava-a completamente do sério.

– Já estou completamente recuperada – replicou ela, sem se alterar. – Além disso, embora agradeça os cuidados que recebi quando fiquei doente e a hospitalidade que me deu aqui, gostaria de reatar as minhas férias o

mais depressa possível.

– É possível que falemos disso amanhã – replicou Rashad, sem pestanejar.

– Sabe que está a fazer com que queira dar-lhe um murro outra vez? – Polly sussurrou-o porque aquela morena de olhar implacável estava sentada a cerca de três metros deles. – Achava que, ontem, tinha perdido a cabeça porque estava muito calor, mas, agora, percebo que foi porque o senhor...

Um sorriso de orelha a orelha apagou o aspeto sombrio do seu rosto carrancudo.

– Porque eu...? – perguntou ele, num tom brincalhão que a encorajava a continuar a dizer o que sentia.

– Porque é tremendamente mandão e está habituado a que todos façam o que diz...

– Porque sou o rei.

– Mas não é o meu rei. – Polly indicou-o com um sorriso em que se misturavam o desespero e uma certa diversão.

Quando Rashad viu esse sorriso, recostou-se enquanto se interrogava se estaria a seduzi-lo, embora o seu cérebro lhe respondesse que, certamente, não. As mulheres britânicas com quem fora... íntimo há alguns anos tinham usado métodos muito mais diretos para captar e reter a sua atenção.

– Porém, continua a ser a minha convidada e as regras da hospitalidade em Dharia são muito rígidas. As pessoas nunca podem fazer com que o seu convidado se sinta incomodado...

– Isso é exatamente o que está a fazer neste momento! – exclamou Polly, em voz baixa.

Ele agarrou nos talheres com força e parou de olhar para o seu lindo rosto porque percebia, dolorosamente, que fazia com que se sentisse muito incomodado. Observou o seu prato e comeu em silêncio absoluto.

– Na verdade, a única coisa que está a conseguir fazer é que queira magoá-lo com um garfo – sussurrou Polly, por cima da mesa.

Não aguentou mais e Rashad perdeu aquela pequena batalha. Deixou escapar uma gargalhada completamente inapropriada quando não conseguiu disfarçar como estava a divertir-se. Polly observou-o sem disfarçar a surpresa e, depois, viu o olhar gélido da morena, um olhar que indicava que divertir o rei podia significar a pena de morte.

– Amanhã, falaremos outra vez – informou-a Rashad, em voz baixa, enquanto deixavam a mesa.

Polly teve de dominar o desespero. Estava a ser demasiado educada. Ele ignorara as suas perguntas e recusara-se a falar do anel ou de quando poderia ir-se embora. Porém, também não se importava muito. Ao fim e ao cabo, estavam a tratá-la como uma convidada de honra e estar rodeada de luxos num palácio real não era uma penitência. Viver num edifício tão impressionante onde se esforçavam por ela e lhe davam de comer maravilhosamente era um privilégio. Como podia ter uma má opinião do seu anfitrião? Não a tinham prendido numa masmorra primitiva, antes pelo contrário, estavam a deixá-la vislumbrar uma forma de vida muito diferente e muito mais pitoresca.

Satisfeita com aquele ponto de vista mais positivo em relação à sua estadia inesperada num palácio real, saiu para ver o que aquela residência tão exótica lhe oferecia. Não fez caso dos soldados armados até aos dentes e da empregada que a seguia de perto e subiu para o terraço recém-construído para admirar a vista impressionante do deserto. Desceu para os aposentos oficiais com umas portas magníficas de latão e interiores pesados e continuou a descer até à cozinha, onde um exército de empregados ficou congelado e em silêncio ao vê-la.

Com a empregada como intérprete, acabou sentada noutro pátio sombreado onde lhe serviram morangos, chá de mel e uns folhados pequenos e fantásticos. Então, decidiu que estava a passar umas férias maravilhosas, embora não estivesse a descobrir nada sobre o pai.

Certamente, fora uma meta inalcançável. Passara muito tempo. Como poderia atrever-se sequer a dizer o seu nome quando aquele pobre homem poderia não ser o seu pai e, certamente, estaria casado há muito tempo? Não queria incomodar ninguém e a mãe, que mal recordava, tivera umas relações tão singulares, até com a própria família, que não podia confiar muito no bom julgamento de Annabel Dixon.

Mais tarde, nessa mesma tarde, ia ter lugar uma conversa que teria impressionado muito Polly. Hakim recolhera os resultados do teste de ADN e o choque fora tão grande que passara um bom bocado a rezar e a debater-se entre o remorso e uns sentimentos que não conseguia expressar porque era demasiado tarde. Quando já tirara esse peso de cima, uma fonte inesperada esclarecera uns acontecimentos que tinham tido lugar há quase vinte e cinco anos e ele sentira outro choque quase igualmente forte. Custava-lhe muito transmitir essa informação ao rei, mas não tinha outra

alternativa.

– A nossa convidada é tua neta? – repetiu Rashad, com incredulidade. – Como é possível, Hakim?

O homem mais velho deixou escapar um suspiro profundo.

– Quando o meu filho Zahir morreu, estávamos distanciados e foi um motivo de tristeza para mim durante toda a minha vida. Eu sabia que estava envolvido com a ama, mas suspeitava que ela também estava interessada noutros empregados. Sabia que o meu filho queria casar-se com ela e que se recusava a ouvir as minhas objeções. Insisti que não se casasse com ela, dei-lhe o exemplo dos meus pais, que se tinham casado apesar das diferenças culturais, e o meu filho ofendeu-se.

Rashad não disse nada enquanto o seu assessor aliviava os seus problemas de consciência. Zahir fora o único filho de Hakim e, no dia depois da morte da família de Rashad, morrera heroicamente quando tentava defender o palácio dos mercenários de Arak.

– Agora, pode ver as consequências do meu erro de cálculo. Falei com o meu filho com a cabeça, não com o coração. Ele amava essa mulher e ela já estava grávida. Ele não quis dizer-me. – A emoção fez com que lhe tremesse a voz, que era sempre muito firme. – Quando a ama desapareceu depois da morte do Zahir, não voltei a lembrar-me dela... Porque haveria de o fazer? Porém, acabei de descobrir que o Zahir se casou com ela em segredo um dia antes de morrer. Posso solicitar, com humildade, um pouco de tempo para ir a casa e falar com a minha esposa sobre esta descoberta espantosa...?

– Claro. – Rashad tentou assimilar o facto de Polly, apesar da cor de cabelo e pele, ter sangue de Dharia nas veias. – Mas com quem se parece?

– Com a minha mãe – reconheceu Hakim. – Esse cabelo... Devia tê-lo suspeitado desde que a vi pela primeira vez. Também devo pedir-lhe que ponha todos os assuntos referentes à minha neta e aos distúrbios nas mãos dos meus dois assistentes, pois sou uma parte interessada e já não sou imparcial...

– Nem pensar – replicou Rashad, imediatamente. – Confio em ti como não confio em mais ninguém.

– É uma honra imensa que me diga isso, mas eu...

– Vai a casa e fala com a tua esposa, Hakim – interrompeu Rashad, com delicadeza. – Por hoje, põe a tua família à frente das tuas obrigações.

Rashad sorriu pensativamente ao sentir-se livre do risco de Polly ser meia-irmã dele. Além disso, e surpreendentemente, era o seu rei porque,

embora ela não soubesse, tinha dupla nacionalidade graças ao pai. Gostaria de poder dizer-lhe, mas correspondia ao avô dar-lhe a notícia, não a ele.

Outras preocupações apressaram-no na manhã seguinte quando um dos assistentes de Hakim lhe trouxe um dos jornais mais vendidos em Dharia. O nome de Polly no passaporte já não era um segredo e era o tipo de tolice que podia encher os mais supersticiosos de ideias desatinadas. Um rei solteiro, uma mulher solteira que se chamava Zariyah em honra à avó dele, o regresso da Esperança de Dharia... Essas coincidências interpretavam-se como sinais de apoio celestial.

Rashad suspirou. Não estranhava que o primeiro nome de Polly se espalhasse pelas ruas. Não podia deixar que abandonasse o palácio, não poderia desfrutar de umas férias depois de a fotografia do seu passaporte ter aparecido no jornal. Como prova da histeria que se espalhava por todos os estratos da sociedade de Dharia, o diretor, que costumava ser muito prudente, esqueceu-se de tomar qualquer preocupação com a segurança ao publicar essa informação.

O dia toldou-se ainda mais quando lhe comunicaram que um supervisor da embaixada britânica estava à espera para o ver. O incidente diplomático que Hakim temera aproximava-se...

Polly estava a ver televisão enquanto tomava o pequeno-almoço e pensou que gostaria de entender aquela língua. Tentara, sem sucesso, encontrar um canal europeu, mas não era preciso saber árabe para perceber que as multidões que ocupavam as ruas da capital estavam bastante excitadas. Porém, gostaria de entender o que diziam os cartazes que alguns carregavam, juntamente com a bandeira de Dharia.

Ligou a Ellie, como prometera. A irmã surpreendeu-a quando lhe contou que falara com alguém do Ministério de Assuntos Exteriores e que abrira uma investigação oficial sobre a sua suposta detenção no Palácio Real.

– Meu Deus, Ellie! Como pudeste fazer isso? Estou a passar uns dias muito interessantes aqui...

– O assunto do anel em que estás envolvida parece claramente esconder outras coisas. Acho que não sabes o que está a acontecer aí. Como de costume, deixas que te arrastem...

Polly deixou que a irmã expusesse a sua teoria e acabou por conceder que já chegara o momento de voltar às férias que reservara e que exigiria que a deixassem sair do palácio e voltar a Kashan. Ligou para o posto

telefónico do palácio antes de perder a coragem e pediu para falar com o rei. O seu atrevimento pareceu-lhe bastante divertido.

– Tenho de falar consigo – declarou, assim que ouviu a sua voz profunda. – Além disso, como é possível que grite, preferia que não houvesse público.

Rashad quase gritou, pois, o protocolo estabelecia que não podia estar a sós, sob nenhum pretexto, com uma mulher. Sabia que era para o proteger das calúnias e dos escândalos causados pela libertinagem do pai, mas não era fácil fugir dessas coisas.

– Encontre-se comigo no terraço. Sei que esteve lá ontem e está à sombra. Irei assim que puder.

Polly sentiu um vislumbre estranho de compaixão. Evidentemente, não podia vê-la a sós. Quando é que o rei de Dharia estava sozinho? Vira a segurança que o seguia para todos os lados e questionou-se o que se sentiria ao viver naquele aquário onde se controlavam todas as palavras e todos os atos.

Polly saiu do quarto e disse à empregada que queria passear sozinha. Os três guardas observaram-na com estranheza, mas não a seguiram, o que foi um alívio imenso para ela, pois, pela primeira vez, sentia-se realmente livre dentro das paredes do palácio.

A sombra no terraço pareceu-lhe bastante estranha. Tinham instalado uma tenda gigante num canto. Uma vez lá dentro, os almofadões rodeavam um fogão com todos os utensílios necessários para fazer o chá tradicional. Sentou-se num almofadão, com alívio por poder proteger-se do sol, e desfrutou da vista. Rashad demorou quinze minutos a aparecer no terraço por outra porta.

– Estamos a infringir as regras – informou-a, com um sorriso que fez com que sentisse um aperto no coração. – Isto não é permitido.

– Algumas vezes, é divertido infringir as regras.

A sensata Polly disse-o com a boca seca, pois Rashad, pela primeira vez, usava uma indumentária tradicional: Um lenço de musselina preso com um cordão dourado tapava-lhe o cabelo e uma túnica branca imaculada substituíra a roupa ocidental. Aquela vestimenta realçava os seus olhos pretos e impressionantes e o seu físico cativante, de modo que respirar era quase impossível enquanto ele se sentava à frente dela com uma elegância animal.

– Mas, algumas vezes, infringir essas regras tem um preço – murmurou Rashad, num tom irónico e brincalhão. – Porque quer falar comigo?

– Quero deixar o palácio e começar as minhas férias.

Polly disse-o sem rodeios, embora soubesse que, no fundo, não queria fazê-lo. Porém, era o racional, recordou-se, com firmeza. O seu lugar não era no palácio real.

– Receio que não possa permiti-lo – replicou ele, enquanto entrelaçava os dedos compridos e morenos.

Polly estava a pensar que até as suas mãos eram bonitas quando se apercebeu do que ele dissera e se levantou com um salto sem conseguir acreditar.

– Então, sou uma prisioneira aqui?

Espantou-se com a possibilidade de a irmã ter acertado com os seus receios tolos.

– Não se altere – pediu Rashad, com serenidade. – Antes, deixe-me explicar-lhe a situação em que todos estamos envolvidos...

– A única pessoa que está envolvida numa situação, sou eu! – exclamou Polly, sem conter a raiva.

– Há distúrbios em Kashan. Não estaria segura, importuná-la-iam. Ninguém quereria fazer-lhe nada, mas é muito difícil controlar as massas alteradas.

– Não sei do que está a falar.

– Sente-se e ouça. Posso explicar-lhe – pediu Rashad, com delicadeza e firmeza ao mesmo tempo.

– Não, pode explicar-me enquanto estou de pé – declarou Polly, disposta a não ceder por completo.

– Muito bem. – Rashad levantou-se com a mesma elegância com que se sentara, saiu da tenda e foi até ao corrimão que rodeava o terraço. – Há um século...

– Há um século?

Polly gritou-o com incredulidade porque não conseguia acreditar que era assim que ia explicar-lhe porque a privava da liberdade.

– Feche a boca e sente-se! – A voz grave de Rashad foi como uma chicotada no meio do silêncio. – Como posso explicar se não quer ouvir?

Polly cerrou os dentes e sentou-se com um ar de reticência e desprezo no seu rosto ovalado.

– Muito bem, se vai gritar por isso...

– Tem de conhecer a lenda mais importante da história de Dharia. Há cem anos, Zariyah, a minha bisavó, chegou a Dharia com o anel com a opala de fogo e ofereceu-o ao meu bisavô, que se casou com ela. O meu

povo acha que foi amor à primeira vista, mas a verdade é que foi um casamento por conveniência, algo que era muito normal e que marcou o início de um período muito longo de paz e prosperidade para Dharia...

– Esse nome, Zariyah... – sussurrou Polly, franzindo o sobrolho. – Foi o nome que me deram quando nasci.

– O anel também tem muito significado para o meu povo. O nome no seu passaporte não passou despercebido e é possível que tenha sido o motivo para a escolherem no processo de detecção de drogas que pusemos em funcionamento. Além disso, trouxe o anel para Dharia...

– Não o trouxe para lho dar! – queixou-se Polly, com veemência.

– Gosta muito de interromper – repreendeu-a Rashad, com certa impaciência.

– E o senhor gosta muito que o ouçam em silêncio.

– O meu país viveu uma época sombria durante vinte anos e o meu povo sofreu muito com o ditador Arak. São muito supersticiosos. O seu aparecimento, o seu nome e o facto de ter o anel fizeram com que os sentimentos transbordassem com uma certa histeria pelas ruas. Neste momento, em Kashan, as pessoas abanam cartazes com o nome de Zariyah porque a minha bisavó era muito querida. Se deixar o palácio, vão persegui-la e seria muito perigoso.

Polly observou-o, boquiaberta. Não conseguia assimilar o que ele estava a tentar dizer.

– Quer dizer que a coincidência de ter esse nome e esse anel são suficientes...?

– Para causar toda essa alteração? Sim – confirmou Rashad.

Polly olhou para o fogão sem o ver, perplexa com o que acabara de ouvir. As pessoas estavam a manifestar-se e a levantar aqueles cartazes por ela? Não conseguia entendê-lo e esbugalhou os olhos com um espanto infinito.

– Não entendo. O que querem de mim? – perguntou ela, desorientada.

– Resumindo, querem que se case com o rei – respondeu Rashad, inexpressivamente. – Um rei solteiro, uma mulher solteira com o nome de uma rainha famosa... Para eles, está muito claro.

– Querem que me case consigo? – gritou Polly, sem conseguir acreditar.

– E tudo em si joga a favor dessa conclusão fantasiosa – explicou, com uma certa amargura, pois quanto mais via essas multidões com bandeiras, mais o seu sentido do dever se debatia com o seu cérebro. – É bonita. Que homem não querería casar-se com uma mulher tão bonita? Além disso,

podia ter tido uma profissão inapropriada, como *stripper* ou dançarina do ventre, algo que tivesse apagado um pouco o seu entusiasmo...

– Como? – perguntou, com indignação, enquanto voltava a levantar-se.

– Mas trabalha num albergue para indigentes e ajuda os menos privilegiados – concluiu Rashad. – Sim, os nossos meios de comunicação social gostam tanto de indagar como os vossos. Até os jornais a apresentaram como a esposa perfeita para mim.

Polly saiu da tenda e foi até ao corrimão para ver as dunas, que iam aumentando à medida que se afastavam.

– Estou angustiada...

– Eu estou preso.

Quando o coroaram, jurara que faria tudo o que fosse preciso para que o povo de Dharia fosse feliz e se sentisse seguro e nunca lhe parecera que esse sacrifício da liberdade fosse uma limitação pessoal. Até àquele momento, quando pensara no seu casamento, não se apercebera do verdadeiro preço desse juramento, mas também lhe dava muito em que pensar. Observou Polly e interrogou-se o que aconteceria se se deixasse levar pelo sentimento popular em vez de não fazer nada e esperar que morresse de morte natural.

– Não serei eu a prendê-lo! – exclamou Polly, levantando uma mão para dar mais ênfase às suas palavras.

Rashad agarrou-lhe a mão e olhou para o contraste dessa pele tão branca com a dela e para o desenho intrincado das veias azuis no interior do pulso. Como se não conseguisse evitá-lo, baixou a cabeça orgulhosa e pousou a boca naquela pele suave, lisa e delicada.

Ela, espantada, olhou para aquela cabeça inclinada enquanto sentia um formigueiro por todo o corpo. Aquele contacto leve era tão sensual que não conseguia acreditar. Trocara beijos apaixonados que a tinham deixado fria, mas o toque da boca de Rashad no pulso endurecia-lhe os mamilos e fazia com que sentisse uma humidade quente e incómoda entre as coxas. Tremeu e sentiu-se superada como nunca se sentira. Quando essa boca experiente subiu pela mão e pôs um dedo entre os lábios, tremeram-lhe os joelhos e as pernas quase perderam a força. Hipnotizada, olhou para aqueles olhos dourados que resplandeciam com uma voracidade sexual que não escondia.

Uma enxurrada de exclamações em árabe brotou por trás deles e ela deu um salto enquanto Rashad lhe soltava a mão imediatamente. Hakim estava indignado com o que vira. Confiara no seu rei, ignorara que era um jovem

com os apetites normais em companhia de uma jovem bonita.

– Este encontro é inadequado – disse Hakim à neta, num tom triste –, mas não o reprovo.

Falaram por cima da cabeça de Polly, que escondera a cara porque estava envergonhada. Definitivamente, ela pedira aquele encontro privado e era a responsável por terem infringido as regras culturais de Dharia. Por todos os Santos! Rashad só lhe beijara a mão! Não gostava daquele homem mais velho que interviera e se comportava como se tivesse interrompido uma cena de sexo explícito e perverso.

– Menina Dixon, o meu nome é Hakim – apresentou-se o homem, enquanto a levava do terraço com amabilidade. – Posso chamar-lhe Polly... ou chama-se Zariyah?

Polly fez um esforço para recordar as maneiras.

– Não, a minha avó não me chamava pelo meu primeiro nome. Quando tive idade suficiente para entender que era o meu nome real, ela disse-me que era estrangeiro e ilógico e recusou-se a usá-lo, por isso chamou-me Polly.

– É uma pena, mas poderia ser o momento de o remediar – comentou Hakim, por cima da cabeça dela. – Importa-se de falar comigo? Tenho de lhe dizer uma coisa muito importante...

Capítulo 4

Hakim acompanhou-a à sala que dissera que era o seu escritório, mas que se parecia mais com uma biblioteca antiga.

Polly deixou-se cair numa poltrona muito confortável, mas endireitou-se com um salto e com os olhos esbugalhados quando Hakim lhe disse que era o seu avô.

– Mas... como pode saber isso? – perguntou ela, com um sussurro.

– A minha mãe... – Hakim deu-lhe uma fotografia antiga e amarrotada de uma loira sorridente. – O meu filho, o teu pai...

Polly, espantada, olhou para a fotografia de um jovem atraente de olhos pretos.

– Chama-se Zahir Basara?

Hakim corrigiu a pronúncia com amabilidade e contou-lhe, com tristeza, que o pai morrera há vinte anos, quando tinham atacado o palácio.

Os olhos de Polly encheram-se de lágrimas quando lhe contou a notícia e reconheceu, com franqueza, que o seu filho único e ele não se davam bem quando falecera.

– Ele queria casar-se com a tua mãe, mas eu recusei-me a apoiá-lo. Os meus pais formaram um casamento... misto. A minha mãe era filha de um missionário sueco que trabalhava aqui. Embora os meus pais tenham continuado juntos, não foram felizes. Os meus preconceitos impediram-me de ter a mulher que o meu filho amava em conta.

– Consigo entendê-lo, mas tem a certeza de que o seu filho é o meu pai? A minha mãe deixou-me o nome e o anel, mas...

Polly derramou lágrimas porque não conseguiu conter a emoção, porque sentia um remorso terrível por ter duvidado daquele nome naquele momento. Até que ponto permitira que a amargura da avó tingisse a sua atitude para com a mãe? Annabel Dixon não mentira e também tivera a certeza de quem era o pai da sua primeira filha. A falecida mãe contara-lhe a verdade.

– Não há a mínima dúvida, porque fizemos um teste de ADN. O médico tirou uma amostra sem a tua permissão – reconheceu Hakim, num tom sério. – Conservaram-se amostras de ADN dos mortos depois do golpe de estado que matou a família do rei e muitos mais no palácio. Lamento que tenham feito o teste sem saberes...

– Mas porque o ordenou? – Polly estava tão impressionada com o que lhe contara que não podia estar zangada. – Porque fez uma coisa dessas?

Explicou-lhe que o seu aparecimento com a Esperança de Dharia e o nome de uma antiga rainha tinham despertado as suspeitas de ser uma filha do falecido pai de Rashad.

– Era um homem que não tinha escrúpulos com as mulheres. Teve muitas relações extramatrimoniais e não sabemos quantos filhos teve dessas relações, mas sempre existiu essa possibilidade. Imagine o meu pasmo quando o computador encontrou uma ligação com o meu próprio filho...

Polly estava a começar a habituar-se à ideia desatinada de estar com o avô, que parecia muito mais carinhoso e agradável do que a avó materna fora.

– Deve ter sido uma surpresa desagradável...

– Não, foi maravilhosa – contradisse Hakim, com um sorriso de orelha a orelha. – A minha esposa, a tua avó, chorou de alegria e está desejosa de te conhecer. Somos uns desconhecidos, mas adorá-íamos sinceramente que nos considerasses a tua família.

Os olhos de Polly voltaram a encher-se de lágrimas por causa daquelas palavras generosas.

– Acho que também gostaria. Nunca tive o que as pessoas chamam de família, para além da minha irmã, mas não se importam que o Zahir e a minha mãe não se tenham casado?

– Casaram-se – declarou Hakim, antes de lho explicar.

– A minha mãe deve ter ficado devastada.

Polly tentou imaginar a dor tão atroz de se casar com o homem que amava e voltar a perdê-lo.

– Dharia estava alvoroçado e a Annabel, naturalmente, foi para o Reino Unido. Aqui, não tinha razões para ficar e também devia saber que a família do Zahir a rejeitava – acrescentou ele, com tristeza. – Enganei-me completamente ao rejeitar a relação, Polly.

Uma mãozinha apertou-lhe a mão para o consolar.

– Não sabias. Enganaste-te porque querias o melhor para o teu filho.

Não sabias o que o futuro nos proporcionava, ninguém sabia.

Hakim sorriu e o seu rosto redondo corou de prazer.

– Darás à minha esposa e a mim a oportunidade de te conhecer? Agradeceríamos muito.

Polly balbuciou que ela também agradeceria. Pestanejou para conter as lágrimas, mas a busca do pai, como a de uma agulha num palheiro, chegara a um final incrível. O pai falecera, como a mãe, mas encontrara outros familiares que podiam aliviar essas perdas. Era mais do que podia ter esperado quando começara aquela viagem.

– Mas não voltes a dar a mão ao rei – avisou Hakim, em voz baixa. – Foi culpa dele, não tua, mas não vou permitir que manche a tua reputação.

– Então, as relações entre os homens e as mulheres solteiros de Dharia são assim tão rígidas?

– Só quando o rei participa – reconheceu o seu avô. – É uma figura pública e não pode deixar que o povo pense no pai dele devido às confianças que teve com as mulheres. Uma vez casado, não terá de se preocupar tanto com as aparências.

Ela sentiu um formigueiro na mão direita e corou ao recordar o que Rashad fizera ao seu dedo. Interrogou-se o que sentiria se lhe desse um beijo a sério. Com a imaginação à solta, sentiu uma onda de calor nas extremidades inferiores e uma vergonha inconfessável.

– Então, está a pensar em casar-se? Já escolheu uma esposa?

– Não, mas tem de se casar. Um monarca tem o dever de se casar e de ter filhos para garantir a estabilidade das próximas gerações.

Ela sabia que, para Rashad, era preciso pagar um preço muito elevado por todos esses privilégios. Lembrava-se de que ele dissera que infringir as regras tinha consequências e também se lembrava de que a censura de Hakim deixara essas consequências muito claras. Rashad soubera perfeitamente do que estava a falar. Ela fora ingénua e irrefletida e não podia estranhar que Rashad se tivesse emocionado tanto com a sua mão se não o deixavam estar a sós com uma mulher.

Não seria possível que tivesse interpretado mal o seu pedido de o ver a sós? Fez uma careta de desgosto ao rezeir que tivesse pensado que estava a insinuar-se, mas, por outro lado, ainda sentia esse calor nas entranhas só de pensar nisso. Era muito atraente e muito sensual e, para ela, fora uma experiência muito didática ter percebido finalmente porque se sentia tão excitada. Se um homem conseguia fazer com que ardesse por dentro só de lhe beijar uma mão... Chegada a esse ponto, parou de pensar no que estava

a pensar e enterrou esses pensamentos muito profundamente.

Na manhã seguinte, ao amanhecer, a empregada acordou-a com o pequeno-almoço e disse, com um brilho malicioso nos olhos, que ia viajar. Não lhe disse para onde ia, porquê ou com quem, mas ela supôs que fosse porque a jovem também não sabia muito inglês. Questionou-se se Rashad teria encontrado uma forma discreta de a deixar voltar às suas férias, mas começou a fazer as malas e a perplexidade da empregada indicou que essa não era a explicação. O avô teria organizado alguma coisa? Fosse como fosse, estava contente por poder ver mais do país do pai, pois só vira as ruas da cidade e a vista do terraço.

A empregada levou-a por uma escada de serviço e por uma rede de corredores e pátios silenciosos que a fizeram pensar que estavam a dar uma volta pelo palácio extenso, até entrarem numa garagem cheia de carros luxuosos e a sentarem cerimoniosamente num todo-o-terreno. Quando saíram pelos portões do palácio, apercebeu-se de que outros dois carros os acompanhavam.

Prometeu-se, com certo remorso, que ligaria a Ellie mais tarde. A verdade era que não queria continuar a ouvir os augúrios sombrios da irmã, quando Rashad deixara muito claro qual era a situação. Não gostava da situação e ele também não, mas também não podia fazer grande coisa, pois não? Nem ele nem ela tinham a culpa de o povo a ter integrado na lenda da bisavó e do anel com a opala de fogo.

Enquanto os carros entravam no deserto, recostou-se no banco com o ar condicionado para desfrutar da vista. Começaram a subir e a descer dunas e tentou convencer-se de que era emocionante, ainda que, na verdade, a deixasse nervosa. Também passaram junto de uma cáfila e ouviram-se buzinas e cumprimentos. Então, quando começaram a descer a última duna, pôde ver o oásis e ficou com falta de ar devido ao verde salpicado de palmeiras com um lago natural. Era lindo e atraente no meio de uma paisagem tão árida e poeirenta. O carro parou e a porta abriu-se.

Polly, inesperadamente, deu por si no meio de um círculo de mulheres que gritavam e não paravam de falar. Ficou parada, mas os sorrisos eram uma linguagem universal de boas intenções e ela também sorriu o máximo que pôde. Custou-lhe um pouco mais ser tolerante quando a levaram para uma tenda e lhe mostraram um vestido comprido com a intenção evidente de fazer com que tirasse as calças e a *t-shirt* e o vestisse. Ficou gelada por

um instante enquanto se interrogava se seria tabu que uma mulher usasse calças e decidiu que as trocava para que houvesse paz e tranquilidade. Além disso, o vestido, coberto de bordados azuis, era muito bonito, e cedeu. Nem sequer se queixou quando lhe desfizeram a trança e lhe escovaram o cabelo, algo que, aparentemente, dava muito prazer e satisfação àquelas mulheres.

Ellie diria que não fazia o que queria porque só pensava em agradar aos outros, mas, efetivamente, gostava de ver as pessoas que a rodeavam felizes, reconheceu, com um certo remorso, enquanto a levavam entre umas tendas pretas e entravam noutra muito grande que dava para o lago. Deixou-se cair na sombra e, de repente, Rashad entrou, vestido com umas calças de ganga e uma camisa aberta, com uma vestimenta tão informal como a dela era formal.

– Rashad... – murmurou ela, com uma surpresa sincera e com um calor por dentro como o que se sentia por fora. – Suponho que não devesse chamar-te assim, é uma confiança excessiva. Como...?

– Chama-me Rashad – interrompeu ele, sem hesitar. – Como te sentes depois do que o Hakim te contou ontem à noite?

– Ainda estou espantada, mas... – Polly pensou nisso por um instante. – Estou incrivelmente feliz por ter descoberto quem sou, embora me entristeça muito que o meu pai não esteja entre nós. Também gosto do meu avô.

– É um bom homem. É prudente e leal à prova de bombas. – Rashad inclinou a cabeça e encolheu os ombros com um movimento deslumbrantemente sensual, como todos os que fazia. – Porém, quererá matar-me quando descobrir que não estás no palácio.

– Organizaste esta viagem? – perguntou Polly, com o sobrolho franzido. – Porquê?

– Ou te trazia para aqui ou teria de saltar pelas varandas para chegar ao teu quarto. O quarto teria sido a pior das alternativas.

Disse-o com um brilho brincalhão nos olhos impressionantes de cor dourada. Contudo, a verdade era que quase não achava graça a nada no estado de espírito tão cético em que se encontrava. Passara quase toda a noite a pensar, a encarar com raiva o problema que a chegada de Polly com o anel criara e a assimilar a sua própria situação. Depressa entendeu o que devia fazer. Não havia escolha. Ela era a mulher com quem o povo queria que se casasse. Nenhuma outra mulher podia aspirar a entrar numa lenda. Na verdade, ele não queria casar-se, mas isso era um problema dele,

não era um problema do povo que governava. Além disso, o seu sentido de dever era muito forte. Não seria um governante egoísta como o pai, poria o povo à frente de qualquer outra coisa. Não seria fácil casar-se outra vez, embora visse vantagens claras em casar-se com Polly. Pelo menos, desejava-a. Achava que escolher uma esposa desconhecida segundo o seu património ou o que diziam outras pessoas dos interesses pessoais dela era ir de encontro a um casamento insatisfatório. Ao fim e ao cabo, pelo menos, conhecera Polly e tirara as suas próprias conclusões...

Ela estava a aperceber-se de que os olhos de Rashad estavam rodeados pelas pestanas mais compridas, mais pretas e mais espessas que vira num homem, enquanto também se questionava porque as suas feições angulosas, desde as maçãs do rosto até ao queixo, seriam tão duras que davam um ar implacável e zangado ao seu rosto. Supôs que isso só podia ser um mal-entendido por parte dela e conformou-se com a realidade, nunca soubera que um homem podia ser tão impressionantemente bonito.

Tinha de fazer um esforço imenso para afastar o olhar da sua cara ou do seu corpo alto e musculado. A sua beleza erótica alterava-a, pois conseguia sentir o desejo que despertava nela e nunca sentira uma coisa dessas na sua vida. A avidez física que tentara sentir com outros homens, e não conseguira, era muito mais intensa e devoradora do que esperara.

– Fiz com que te trouxessem para o oásis para te pedir em casamento – informou-a, num tom impassível.

– Mas não nos conhecemos! – exclamou ela, com incredulidade e sem entender o que ele dizia.

– Não, não é verdade. Sei muito mais sobre ti do que saberia sobre uma noiva que escolhesse por uma fotografia, que, na verdade, é a outra alternativa que tenho – reconheceu Rashad. – Um casamento por conveniência seria aceitável para um homem da minha posição, embora já não se pratique na nossa sociedade. Sei o que é um casamento por conveniência e não quero repeti-lo...

– Sabes o que é? Estiveste casado?

Polly estava impressionada, pois sabia que ele tinha trinta e um anos.

– Casei aos dezasseis...

– Lamento – interrompeu ela –, mas parece-me de bárbaros. Eras demasiado jovem.

– Ambos éramos, mas também eram tempos agitados. Tive de procurar alianças e o casamento era a forma de o conseguir. Não tive escolha e, desta vez, gostaria de ter.

– Mas disseste que te sentias preso por causa das expectativas do teu povo. Agora, dizes que queres cumprir essas expectativas.

Polly preferiu evitar indiretamente o assunto do casamento, pois não conseguia digerir a enormidade do que estava a propor-lhe.

– Porque não? Eles escolheram-te, mas eu também – murmurou ele, num tom rouco e com um brilho dourado nos olhos. – Desejo-te.

O seu olhar não deixou lugar para dúvidas e ela soube a que se referia. Essa avidez apropriou-se dela por dentro e deixou-a com falta de ar. Todo o seu corpo ganhou vida e fechou os olhos, pois não conseguia suportar mais esse olhar abrasador.

– E tu desejas-me – acrescentou Rashad, com uma segurança revoltante em si próprio.

Polly abriu os olhos e cerrou os punhos.

– Acho que...

– Não, não me enfrentes. Isso excita-me e, se o fizeres, não posso garantir que não vá tocar em ti, que é o que deveria fazer.

– Excita-te... – repetiu Polly, com espanto.

– Sim, porque ninguém me enfrenta nem discute comigo. Não sabes como pode ser aborrecido – reconheceu Rashad, num tom sombrio.

Polly, que tinha uma irmã demasiado drástica, quase discordou, porque não conseguia imaginá-lo a encontrar prazer na discórdia, mas não disse nada e limitou-se a abanar a cabeça.

– A atração sexual não é uma boa base para o casamento.

– Para mim, é – replicou Rashad, sem hesitar. – Tenho a certeza de que serias a esposa perfeita para mim.

– Mas ninguém é perfeito!

– Mais perfeita do que defeituosa – indicou ele. – Além disso, a descoberta de que tens sangue de Dharia nas veias aumenta o teu encanto. Este já é o teu mundo, tanto como o meu, e tens uma família que te amará e apoiará.

Polly baixou a cabeça para fugir da tentação dos seus olhos resplandecentes. O argumento de que existia outro mundo e outra família que tinha de conhecer era um argumento de peso. À parte da irmã, não tivera uma família carinhosa em que se apoiar e era por isso que o acolhimento de Hakim significava tanto para ela. Queria conhecer essa família e a sua cultura, queria passar tempo com eles, algo que, tendo em conta o preço da viagem e o seu salário, seria muito complicado quando voltasse ao seu país, o que estava previsto para o fim daquela semana.

– Casar-te comigo teria vantagens e inconvenientes – continuou Rashad.
– Não acho que a minha riqueza vá influenciar-te muito, mas serias muito rica. Por outro lado, perderias a liberdade de dizer e fazer o que quiseses, pois espera-se que a realeza se comporte de acordo com o protocolo. Esse protocolo pode parecer asfixiante algumas vezes, mas existe para nos proteger.

Polly ficou vermelha como um tomate, pois, embora ele tivesse dito que a sua riqueza não a influenciaria, a primeira coisa que fizera fora pensar em tudo o que poderia fazer com mais dinheiro. Sentia-se envergonhada. Porém, a pobre Ellie estava cheia de dívidas de estudante e estava a sofrer e continuaria a sofrer durante muitos anos. Além disso, as duas irmãs estavam desejosas de encontrar o rasto da irmã mais nova, Penelope, e de a conhecer, mas, naquele momento, contratar um detetive estava muito longe das suas possibilidades económicas. Engoliu em seco. Envergonhava-se do que pensara e decidiu que o dinheiro tinha de ser a origem de todas as tentações.

– O que aconteceu à tua primeira esposa? – perguntou ela, para esquecer o dinheiro e o que faria com ele.

– A Ferah foi mordida por uma serpente venenosa e morreu há cinco anos – respondeu Rashad, em voz baixa e áspera. – Os cuidados médicos chegaram demasiado tarde.

– Lamento muito.

Ela murmurou-o automaticamente, porque a cabeça dava voltas com tudo o que ele dissera e com o seu próprio atordoamento.

– Podes dar-me uma resposta? – perguntou Rashad, de repente, com uma expressão de expectativa.

– Ainda não – respondeu ela, com a mesma sinceridade.

Ao princípio, o seu cérebro rejeitara o casamento com ele. Quase não se conheciam e seria um disparate, mas... desejava-o. Na verdade, desejava-o como nunca desejara outro homem e já não era uma juvenzinha impressionável. Além disso, o que aconteceria se não voltasse a conhecer outro homem que a fizesse sentir o que Rashad a fazia sentir? Esse medo atroz fazia com que sentisse um vazio por dentro. Ele conseguia fazer com que se sentisse viva, livre e todas as coisas que nunca sentira. Além disso, estava a perceber que gostava de se sentir assim.

– É possível que possa ajudar-te a tomar uma decisão – murmurou Rashad, com uma delicadeza aveludada. – Vai parecer-te uma chantagem, mas é a única alternativa se não quiseses casar-te comigo.

Polly levantou a cabeça com os olhos azuis esbugalhados e brilhantes.

– Uma chantagem? Do que estás a falar?

– Se não te casares comigo, terás de sair de Dharia imediatamente. A única forma de acabar com esta loucura nas ruas e na imprensa é indo-te embora.

Polly ficou aterrada com o sangue-frio dessa conclusão.

– Queres expulsar-me do país?

– Se for necessário. – Olhou para ela nos olhos com uma expressão implacável. – Fá-lo-ei e, naturalmente, não querei que voltes num futuro próximo.

Essa solução espantou-a, pois pensara conhecer os avós, a família de Dharia. Tinha a certeza de que Hakim e a esposa queriam visitá-la em Londres, pelo menos uma vez, mas não seria o mesmo do que ficar em Dharia e ter a possibilidade de conhecer a cultura e o legado do pai.

– Não posso permitir que esta situação de insegurança continue – continuou Rashad, num tom sombrio, enquanto ia até à entrada da tenda e batia as palmas. – Beberemos chá enquanto pensas nas tuas alternativas.

Polly não pensava que o chá fosse a solução, mas o ritual de preparar o chá que dois homens com túnica levaram a cabo foi tão complicado que, pelo menos, pôde olhar para alguma coisa enquanto pensava. Ele estava a chantageá-la, ainda que, em certo sentido, conseguisse entendê-lo. Porém, parecia-lhe muito injusto que tivesse de sofrer por algo que não era culpa dela. Essa pressão de a expulsar imediatamente privava-a do seu direito de escolher.

– Ias mesmo obrigar-me a voltar ao meu país? – perguntou ela, com fúria.

– Sempre farei o que for melhor para o meu país – respondeu Rashad, com uma certa aspereza. – É a minha obrigação.

Ela cerrou os dentes e agarrou a sua chávena com força. Sabia que falava a sério. A firmeza endurecera-lhe o rosto. Podia ficar em Dharia e casar-se com ele ou ir para o seu país. Não tinha de estar grávida para lhe proporem um casamento precipitado, estava a oferecer-lho por causa da pressão das multidões. Porém, quando se tratava do casamento, tudo o que acompanhava Rashad quanto a bagagem, cultura e expectativas do povo era imenso. Mesmo assim, ela não entendia porque o queria se a alternativa era casar-se com uma completa desconhecida.

– Naturalmente, recuperarás o anel se te casares comigo – replicou, sem o mínimo sentido de humor. – E também uma esposa loira e

impressionante.

Rashad esboçou um sorriso tão arrebatador que lhe iluminou o rosto. Ela observou-o por cima do fogão e a certeza de que não voltaria a vê-lo se se recusasse foi como uma faca que se cravava no seu peito. Não queria pensar nessa possibilidade nem conseguia imaginar-se a ser obrigada a afastar-se da família que encontrara. Brotaram-lhe umas gotas de suor no lábio superior. Casar-se com Rashad seria como dar um salto para o vazio com os olhos fechados e ela não era uma mulher que corria esses riscos. Porém, se corresse bem, ganharia muitas coisas. Teria o apoio dos avós e, além disso, Rashad atraía-a.

– A resposta é... sim. É um disparate, mas... sim.

Polly disse-o com veemência antes de perder a coragem. Embora o alívio se apropriasse de Rashad, também sentia ressentimento devido à situação em que se envolvera. Ao fim e ao cabo, tinham-no posto entre a espada e a parede para se casar outra vez. Porém, fora ele que escolhera. Era a sua escolha e era uma noiva imensamente melhor do que uma completa desconhecida, mas não conseguia sufocar essa labareda de teimosia, visto que também não podia esquecer como odiara estar casado.

Capítulo 5

– Ainda podes mudar de opinião – comentou Ellie, com um certo desespero, enquanto via, na televisão, a agitação nas ruas de Kashan para celebrar o casamento de Rashad e Polly. – Ainda que tenha de te tirar às escondidas do país se o abandonares.

– Evidentemente, não vou fazer isso – replicou Polly, em voz baixa e desejando que a irmã parasse de a incomodar com previsões sombrias.

Ellie aterrara em Dharia há quarenta e oito horas e já lhe dissera tudo sobre o casamento.

«Casa-te depressa e arrepende-te para toda a vida. Sabes o que estás a fazer? Tens a certeza de que serás a sua única esposa? O que acontecerá se tudo o que o Rashad te mostrou for apenas uma fachada para te convencer? Olha para todas as pessoas que dão saltos de alegria devido ao comunicado do vosso casamento! Ele precisa mais de ti do que tu, dele. Isso devia fazer-te rezear. Não terá outra mulher, uma mulher que ama realmente, escondida em algum lugar?»

Polly ouvira com atenção, mas assimilara poucos dos avisos da irmã, pois suspeitava que estava a apaixonar-se por Rashad. Efetivamente, tirara essa conclusão sozinha. Se não, como conseguira ignorar a ameaça de a expulsar do país se não se casasse com ele?

Os motivos para se casar com Rashad tinham passado a ser meramente práticos durante as duas semanas que tinham passado desde que lho pedira. Primeiro, o avô falara muito elogiosamente do rei e ela confiava em Hakim e em Drusa, visto que estava convencida de que antepunha a sua felicidade ao desejo de ver a neta casada com o rei. Segundo, Rashad fora sincero com ela. Não a lisonjeara exageradamente nem falara de amor e ela tinha aceitado esse inconveniente com a força de uma mulher otimista e paciente que esperava que os seus sentimentos fossem mudando com o tempo. Terceiro, Rashad tinha algo muito poderoso que a atraía profundamente e que ela não conseguia explicar com palavras. Fora por

isso que começara a considerá-lo como o início do amor. Só sabia que não podia afastar-se dele.

Como sabia, questionou-se, enquanto as empregadas, que não paravam de falar, lhe ajustavam as abas do vestido complicado de noiva e lhe punham mais joias, embora já estivesse revestida de ouro e pedras preciosas, pois o tio de Rashad salvara as joias da família ao mesmo tempo que salvava o sobrinho mais novo. Certamente, nunca se saberia como o anel com a opala se separara do resto das joias, mas Hakim achava que o filho poderia tê-lo dado a Annabel, a mãe de Polly, para o guardar depois da explosão que acabara com a vida da família de Rashad. Não em vão, Zahir, o pai dela, fora o soldado mais veterano do palácio durante aquele dia desgraçado e morrera em vinte e quatro horas.

Nunca poderia afastar-se de Rashad quando a sua própria família estava profundamente envolvida com Dharia. Além disso, sabia que teria de continuar casada até ao dia da sua morte, mesmo que o casamento corresse mal, porque o avô deixara muito claro que tinha de pensar que o casamento era para sempre quando se casava com o rei. O pai de Rashad divorciara-se duas vezes antes de se casar com a mãe de Rashad e essas ruturas tinham sido interpretadas como sinais da sua instabilidade e da sua falta de sentido de dever como monarca.

– Além disso, o que é ainda pior – recordou-lhe Ellie, com a angústia refletida nos olhos verdes –, mal viste o Rashad desde que aceitaste casar-te com ele.

– Tem de falar com muitas pessoas e organizar muitas coisas – defendeu-o Polly, sem se alterar por Rashad ter passado duas semanas a percorrer Dharia. – Tem de consultar tudo o que faz para obter o consenso e fazer com que todos digam o que pensam. É o que faz para que todos estejam contentes e, segundo o avô, dá muito bons resultados.

Ellie recuou um passo para olhar para o aspeto impressionante da irmã. O tecido de seda creme com os bordados tradicionais vermelhos, dourados e azuis caía como se fosse líquido e notavam-se as mãos de um estilista, como nos sapatos a condizer. Tinha a cabeça destapada e o cabelo solto, como era regra para as noivas em Dharia. Umas safiras magníficas resplandeciam nas suas orelhas, nos pulsos e no pescoço. Uns desenhos de hena enfeitavam-lhe as mãos e os pés e, por baixo do vestido, tinha uma camisola com cem botões que o noivo tinha de desabotoar na noite de núpcias. Ellie estava mais intimidada do que queria reconhecer com a grandiosidade do casamento e porque tinha medo de perder a irmã noutra

mundo e noutra família. Sabia que o carinho de Polly era sincero e incondicional, mas como podia competir?

Quanto a Rashad... Não era preciso dizer que era muito bonito, muito educado e muito cortês, mas, como os botões por baixo do vestido de Polly, como era realmente o cunhado? O que escondia essa superfície tão delicada e polida? Essa era a sua preocupação principal porque, embora tivesse estado muito pouco com Rashad, percebera que havia muitas coisas por trás dessa fachada tão vistosa e que, provavelmente, a ingénua e entregue Polly não queria vê-las. Era um homem que, quando era criança, ficara traumatizado com a morte da família, que fora obrigado a casar-se aos dezasseis anos, que enviuvara dez anos depois e que subira ao trono com um povo que o adorava como um Deus por os ter libertado da tirania de um ditador. Era uma vida muito intensa para ter sobrevivido. O que é que a irmã sabia sobre o homem com quem aceitara casar-se?

– Por favor, podes parar de te preocupar comigo? Quero que seja um dia feliz.

– Eu sou feliz se tu fores feliz – afirmou Ellie, dando-lhe um abraço para se desculpar.

Polly, porém, sabia que a irmã se preocupava com tudo e achava que quase tudo acabaria mal. Ela recusava-se a fazer o mesmo e queria olhar para o futuro com a esperança e o otimismo que se transformaram em entusiasmo graças aos seus avós. Porque é que o seu casamento não correria bem? Embora também não esperasse que fosse um mar de rosas. Naturalmente, haveria obstáculos, surpresas e deceções, mas também haveria alegrias e vantagens inesperadas.

Não ia reconhecer, nem à irmã, como se sentia isolada e marginalizada por ter passado tão pouquíssimo tempo com Rashad desde que aceitara casar-se com ele e menos ainda o pavor que sentia de ter relações sexuais pela primeira com um homem que nem sequer beijara...

O casamento seria um acontecimento público que ia transmitir-se na televisão. Polly, que não estava disposta a deixar-se levar pelos nervos, desceu com a irmã e o enxame de acompanhantes conversadoras e entrou na sala do trono, que se adaptara para se celebrar a cerimónia. Sentiu uma pontada de tristeza ao saber que tinha uma irmã desconhecida que perderia aquele dia e interrogou-se quanto tempo teria de deixar passar antes de pedir a Rashad para a ajudar economicamente a resolver esse problema. De que outra forma conseguiria encontrar Penelope, a irmã desaparecida?

Enquanto fazia um esforço para não fazer caso das objetivas das

máquinas fotográficas e tentava também por todos os meios não fazer nada estranho com a cara, a tensão nervosa chegou ao seu ponto máximo. Então, viu Rashad com uma túnica vermelha e dourada magnífica e todo esse nervosismo ficou eclipsado pela sensação de espanto causada por estar prestes a casar-se com um homem tão bonito que parecia divino. Sentiu-se como uma adolescente ridícula ao olhar para ele, mas, noutro aspeto muito mais íntimo, também se sentiu surpreendentemente ávida.

Rashad fazia com que se interrogasse por assuntos em que nunca pensara, visto que o sexo fora parte das vidas dos outros, não da dela. Fora o que acontecera quando a doença da avó lhe limitara a liberdade. Fixou o olhar na boca ampla e sensual de Rashad e questionou-se a que saberia, como seria esse corpo bronzeado e musculado nu e, indevidamente, o que sentiria ao ir para a cama com ele. Uma onda abrasadora encheu-lhe as entranhas e teve de juntar as coxas para conter uma humidade vergonhosa enquanto ficava rígida como uma vassoura para sufocar essa imaginação quente. Sentia vergonha de ser tão... impressionável.

– Caramba... – sussurrou Ellie, devido ao esplendor medieval de tudo o que a rodeava. – Quem é esse que está com o noivo?

– Um italiano que foi colega de universidade do Rashad. Não o conheço, mas acho que se chama Gio – respondeu Polly, também num sussurro.

Porém, só conseguia olhar para Rashad e questionava-se porque o futuro marido parecia tão tenso e apagado. Não se apercebia de que devia estar a sorrir para as câmaras? Ele, como rei, não podia fazer qualquer demonstração de sentimentos humanos? Era possível que detestasse sinceramente ser o centro das atenções daquele acontecimento público?

A cerimónia foi breve e agradável e foi traduzida para as duas línguas. Tremeu-lhe a mão quando Rashad a agarrou com firmeza para lhe pôr a aliança. O contacto mais leve despertava um redemoinho de desejo em todo o seu corpo e isso envergonhava-a e fazia com que duvidasse que ser tão suscetível com um homem fosse normal. Porém, essa alteração ficou superada pelo espanto quando, com certo atraso, se apercebeu de que o anel era uma versão mais feminina e pequena do famoso anel de opala de fogo que Rashad usava na sua mão. Parecia-lhe profundamente simbólico que ele tivesse encomendado uma versão do anel que os juntara pela primeira vez. Esboçou um sorriso de felicidade e carinho que apagou a tensão da sua boca e olhou para ele com olhos sonhadores.

Os lábios carnudos e sensuais dele quase corresponderam a esse sorriso,

mas os seus olhos pretos permaneceram frios e esquivos e ela sentiu uma pontada de desilusão. Mesmo assim, também sentiu que a disciplina dele era tão inflexível e intrínseca ao seu caráter que não permitiria que um relaxamento da sua cautela inata traísse os seus verdadeiros sentimentos. Então, pela primeira vez, questionou-se quais seriam esses sentimentos. Naturalmente, sabia e aceitava que não estava apaixonado por ela e até respeitava a sua sinceridade, pois não tentara enganá-la com aparências nem falsas promessas. Porém, o seu distanciamento sentimental era tão evidente que se sentia culpada e nervosa.

Rashad pensava que, pelo menos, Polly gostava do anel. Fora o primeiro pensamento positivo que tivera durante as duas semanas frenéticas que passara em reuniões para reorganizar tudo e encontrar tempo para se tornar marido e futuro pai, pensou, com pouca alegria. Voltaria à vida de doador de esperma e rezaria para que, desta vez, a semente enraizasse, continuou a pensar, com uma pontada de desagrado. Ao fim e ao cabo, o único motivo para se casar era ter um filho e garantir a continuidade no trono de que o povo precisava para se sentir seguro no futuro. Recordava a angústia de Ferah quando descobrira que era quase impossível engravidar e o remorso apropriou-se dele devido às suas reflexões depreciativas. A sua primeira esposa teria sido a mulher mais feliz do mundo se tivesse tido a possibilidade de ter um filho.

Polly sabia onde se metera e porque não fizera nada para a avisar? Porque não o fizera? Essa verdade perturbava-o e, quando já era tarde, percebia que poderia ter dito muitas coisas que a teriam dissuadido de se casar com ele, mas, inexplicavelmente, não lhe contara nenhuma. Respirou fundo. Incomodava-o e preocupava-o que não tivesse falado de uma coisa tão crucial para esse casamento correr bem. Pesou-lhe a consciência de repente.

Era um assunto doloroso para ele e não via nenhum motivo para toldar o presente com as nuvens trágicas do passado. Nunca contara a ninguém o que sentia sobre o casamento e a honra e a lealdade exigiam que protegesse a memória da sua primeira esposa. Não em vão, Ferah sofrera atrozmente devido à desonra de ter passado dez anos casada e não ter tido filhos, mas, uma vez morta, merecia o seu respeito, no mínimo.

– Tens de sorrir – sussurrou Polly, enquanto o acompanhava para fora da sala do trono entre os aplausos dos assistentes.

– Porquê? – sussurrou ele, com os olhos semicerrados. – É uma ocasião muito solene.

– Mas comportas-te como se estivesses num enterro.

Polly queixou-se instintivamente enquanto ocupavam os seus lugares na mesa imensa que havia numa sala de banquetes enorme que já estava cheia de mesas.

Rashad pensou que talvez não fosse um enterro, mas que era a fogueira onde ardiam as suas esperanças ilusórias. Esperara livrar-se do casamento durante mais alguns meses, mas o efeito que Polly tivera no povo de Dharia destruíra essa possibilidade. Porém, depois de ter passado obedientemente pelo altar, esperava que todos ficassem contentes durante algum tempo e pudesse relaxar outra vez. Ainda que com outra pessoa ao lado, com uma esposa... Os músculos da cara ficaram tensos e os olhos deixaram escapar um brilho de inquietação, até voltar a olhar para ela. A sua bonita esposa, que tremera de excitação quando lhe beijara a mão... Quase deixou escapar um gemido por se sentir tão excitado com essa lembrança.

À medida que a receção avançava, Polly preocupava-se cada vez mais com a expressão séria de Rashad. Então, por uma milésima de segundo, vislumbrou que Ellie se ria sonoramente ao lado de Gio, o amigo de Rashad, e esse contraste incomodou-a ainda mais. O noivo e a noiva deviam parecer felizes, mas Rashad não falava nem sorria, era o polo oposto da felicidade, e isso perturbava-a imenso. Sobretudo, porque os avisos de Ellie voltavam a persegui-la.

«O que sabes sobre o Rashad?»

Então, de repente, encontrava-se na situação ingrata de ter de reconhecer que não sabia quase nada sobre o homem com quem se casara. Assim que acabou o banquete, deixou-se levar pela alegria sincera dos avós e pelo seu convencimento de que se casara com um homem que moveria o céu e a terra para a fazer feliz. Aparentemente, eles não viam nada de estranho no comportamento de Rashad.

Era um desses homens taciturnos de que ouvira falar? Aterrava-a a possibilidade de se ter casado com um homem que passava de um estado de espírito para outro sem motivo aparente. Seria a única que se apercebia ou que imaginava que se passava alguma coisa? Já via Rashad de uma perspetiva diferente? Ao fim e ao cabo, Hakim era um homem que servia o seu rei e que se conformava com o superficial, que não aprofundava, desde que Rashad fosse cortês com ele. Porém, era algo mais complicado para

uma esposa, sobretudo, para uma esposa que se sentia como se se tivesse casado com um desconhecido... ou com um personagem como Jekyll e Hyde.

Uma limusina branca e descapotável, rodeada de uma escolta abundante, levou-os lentamente pelas ruas da capital até ao aeroporto. Centenas de soldados e polícias continham a multidão atrás de umas barreiras. Ela cumprimentava com a mão e sorria, como o seu avô lhe dissera para fazer, enquanto a maravilhava que o casamento de Rashad pudesse causar semelhante demonstração de júbilo. Esperava poder estar à altura das expectativas que o povo depositara nela, que pareciam muito altas, e disse-o a Rashad.

– Fica grávida. Certamente, é a única coisa que querem realmente – replicou ele, com certa ironia.

Polly esbugalhou os olhos azuis e virou a cabeça para olhar, espantada, para aquele rosto agudo e atraente.

– Falas a sério? – perguntou, intimidada por ele ter sido tão direto e pelo tom áspero das suas palavras.

– Não podes ser assim tão ingénua... Não temos nada a dizer nesse terreno e seria uma proeza realizar o sonho dos bebés na lua de mel.

Ficou pálida e os traços delicados do rosto congelaram enquanto voltava a olhar para outro lado e continuava a cumprimentar e a sorrir. Porém, nem as saudações nem os sorrisos eram tão naturais como antes, pois o coração congelara e o estômago começara a dar voltas devido ao comentário dele.

Fora por isso que lhe dissera que a desejava? Só precisava de uma esposa para ficar grávida o mais depressa possível? Porque não pensara até àquele momento em algo que devia ter sido evidente desde o princípio? Evidentemente, um rei queria e precisava de um herdeiro. Nem sequer pensara nos anticoncecionais e já conseguia perceber que mencioná-lo seria completamente inútil. Estava pronta para ficar grávida imediatamente? Não iam ter tempo para se habituar a viver juntos como um casal antes de constituírem uma família?

Apercebeu-se de que Polly ficara petrificada ao seu lado e odiou ter descarregado a sua amargura nela.

– Lamento muito. Não queria dizê-lo assim.

Polly olhou para a mão morena que pousou na dela de repente, mas pareceu-lhe que a via de muito longe, que chegava demasiado tarde para um noivo que evitara qualquer contacto físico durante todo aquele dia interminável e cansativo que tinham passado juntos.

– Tenho a certeza de que não querias – replicou ela, inexpressivamente, enquanto retirava a mão.

Tinha a certeza de que não quisera ser tão brusco e insensível. Tinha a certeza de que não quisera fazer com que se sentisse como uma barriga de aluguer. Tinha a certeza de que não quisera fazê-la sentir essa pressão quando ela não podia controlar a gravidez. Tinha a certeza de que não quisera que ela visse como era pragmático e implacável sobre a gravidez. Porém, fizera-o.

Manteve o sorriso com integridade, mas os olhos ardiam devido às lágrimas e sentia-se como se lhe tivesse esmagado o coração com uma mão. Também desapareceu a esperança que lhe restava de passar um dia de casamento feliz. Se ele não estava disposto a fazer um esforço, porque haveria de ser ela a fazê-lo?

Capítulo 6

Polly adormeceu durante o voo de helicóptero. O barulho do motor e o cansaço conseguiram deixá-la fora de combate. Acordou quando Rashad lhe sacudi o ombro. Desorientada, sem saber onde estava, endireitou-se e cambaleou para ir para a saída, mas pegaram nela ao colo e tiraram-na do aparelho. Contudo, sentiu o calor do corpo de Rashad através da roupa e sentiu-se perdida no seu cheiro maravilhoso. Era a fragrância oriental típica com toques de sândalo, açafrão e especiarias. Inalou-a e todos os sentidos dispararam enquanto a deixava no veículo que os esperava.

– Onde estamos? – perguntou, quando Rashad entrou atrás dela.

– Perto do mar. O meu avô vinha pescar aqui – respondeu Rashad, num tom mais animado do que antes.

A verdade era que se sentia muito mais relaxado do que durante o resto do dia. Sentira-se embargado pelas lembranças destrutivas e o casamento fora como um túnel de onde tentara sair sem se denunciar. Porém, já se deleitava com a visão da esposa e a voracidade que despertava nele embriagava-o como uma droga e fazia com que não conseguisse pensar racionalmente.

Polly lembrou-se da última conversa que tinham tido, ficou rígida, olhou para ele de soslaio e apercebeu-se de que a sua linda boca estava mais relaxada. Parecia evidente que ganhara vida ao fugir do ardor do casamento no palácio e das celebrações nas ruas de Kashan.

– O meu avô trouxe-me várias vezes aqui quando era criança – continuou ele.

– Então, gostas de pescar?

Polly fez um esforço para falar e custou-lhe, quando não tinha vontade de o perdoar e estava de bastante mau humor. Estragara-lhe o dia e ignorara os seus sentimentos, mas era muito possível que Rashad não tivesse sentimentos. Queria deixá-la grávida na lua de mel e agradar a todos? Bom, escolhera a noiva errada. Porém, quando pegara nela ao colo

para a tirar do helicóptero, sentira-se dominada por um arrebatamento erótico tal que quisera fechar-se em copas só porque não sabia se conseguia confiar nela própria e conter-se quando ele estivesse por perto.

– Não, não gosto – negou Rashad. – É um entretenimento demasiado lento para mim. O que se passa é que tenho muito boas lembranças daquelas viagens porque era muito raro ter um homem a prestar-me atenção naquela época. Literalmente, nunca vi o meu pai... Mas também vi a minha mãe muito poucas vezes. Era o terceiro filho do meu pai e do seu terceiro casamento, por isso tinha muito pouca importância na Casa Real.

– Então, havia uma espécie de hierarquia na tua casa?

Ela sentiu curiosidade, apesar do seu mau humor. Estranhara que tivesse tido pouco contacto com os pais até antes de morrerem. Efetivamente, entendera que a ama fora a sua verdadeira mãe, mas também pensara, ingenuamente, que continuara a lidar habitualmente com o pai e a mãe.

– Naturalmente. Ninguém contrariava o meu meio-irmão mais velho. Todos achavam que seria o rei. Como eu era o terceiro, por trás de dois irmãos muito saudáveis, ninguém considerava possível que chegasse a herdar o trono de Dharia.

Ela viu que afastava os lábios e voltava a fechá-los, cerrando os dentes. Soube que estava a pensar nos dois meios-irmãos, que tinham morrido com os pais, e o coração amoleceu.

– Lamento muito que tenhas tido de perder a tua família para seres o que és hoje.

– Foi a vontade de Deus – murmurou ele, num tom rouco e cortante.

A noite estava a cair depressa. O sol estava a pôr-se entre reflexos vermelhos e conseguiu ver uma saliência rochosa por cima do mar e a silhueta de um edifício militar construído com pedras.

– Um... castelo...? – balbuciou ela. – Vamos alojar-nos num castelo?

– O meu avô e os seus amigos usavam-no quando vinham pescar, mas não te preocupes, não é tão medieval como parece à primeira vista. Os nossos aposentos privados foram renovados pouco depois de me tornar rei. O castelo é um dos nossos tesouros nacionais e...

– Queres dizer que está aberto ao público? – interrompeu-o, sem disfarçar a surpresa.

– Só quando não estamos a usá-lo, o que significa que está aberto durante quase todo o ano. É um castelo dos cruzados e temos de oferecer lugares históricos se quisermos atrair turistas. Todos esses lugares são

propriedade da família real, mas, de agora em diante, vamos partilhá-los com o nosso povo.

Alguns minutos mais tarde, Polly saiu do carro num pátio com chão de pedra enquanto os empregados andavam de um lado para o outro, inclinando-se e pegando nas malas sem parar de sorrir para mostrar a sua alegria. Então, pensou que Rashad voltara a falar. Era porque se aproximava a noite de núpcias? Por que outra razão seria? Ergueu o queixo com os dentes cerrados.

Levaram-nos para um quarto de pedra imenso que estava mobilado como se fosse um cenário histórico e muito opulento. Olhou, boquiaberta, para a cama enorme com um dossel de tecido escarlate e dourado e para os móveis de prata com madreperla.

– Por favor, diz-me que há casas de banho modernas em algum lugar – sussurrou ela.

Rashad deixou escapar uma gargalhada rouca, abriu a porta em forma de arco que havia num canto e mostrou-lhe uma casa de banho com ladrilhos de mármore e construída para se adaptar à forma circular do torreão.

Essa gargalhada e esse sorriso espontâneos fizeram com que levantasse a cabeça outra vez, com que todo o cabelo loiro lhe caísse por cima dos ombros e com que captasse um brilho tão abrasador nos seus olhos dourados que se derreteu por dentro. O coração acelerou e doeu-lhe a cara devido ao esforço que fez para não retribuir o sorriso, mas como ia sorrir, perdoá-lo e esquecer quando o marido só a queria para ter um herdeiro? Recordou-se com firmeza que não lhe ligara nenhuma durante o dia do seu casamento e que a sua atitude só melhorara porque esperava ir para a cama com ela.

Começou a refrescar-se e viu o seu rosto corado e irritado no espelho. Não podia... Não podia ter esse tipo de relações, as relações sexuais, friamente, quando lhe dava jeito e muito menos como se sentia naquele momento. Sempre quisera que a primeira vez fosse especial e esperara que fosse especial com Rashad até ter feito com que se sentisse como um corpo de mulher anónimo. Estava a ser injusta ou pouco razoável? Sabia que ele precisava de um herdeiro, mas o seu comportamento durante o casamento fora demasiado sombrio para ela o aceitar.

O corpo era dela e ela decidia se o partilhava ou não. Sempre fora uma mulher que não se deixava enganar para fazer uma coisa que não queria fazer. Embora sempre tivesse desejado agradar, também tivera um sentido muito forte de ser quem era. Porém, não desejara ter relações sexuais com

ninguém até conhecer Rashad. Ainda que, como reconhecera, tivesse tomado conta da avó durante anos e não tivesse tido muitas oportunidades nesse terreno. Contudo, naquela noite, naquele momento, parecia-lhe mal, pois precisava que Rashad lhe desse mais do que lhe dera para se sentir segura com ele... E mesmo assim...

No fundo, desejava-o, desejava-o mais do que respirar. O seu cérebro dizia uma coisa, mas todo o seu corpo dizia exatamente o contrário. Tinha os seios duros e sentia-se como se uma chama nas entranhas a derretesse e humedecesse uma parte do seu corpo em que nunca pensara. No entanto, não estava bem, recordou-se, com insistência. Onde ficavam a sua dignidade e a sua integridade? Viu o seu reflexo no espelho, vermelho como um tomate, e interrogou-se do que estava à espera. Tinha de lho dizer antes de ter demasiadas ilusões.

Rashad viu-a a sair da casa de banho do torreão e dirigiu-se para ela, como que atraído pelo efeito da sua beleza etérea e daquele cabelo loiro como a prata. Estendeu uma mão para segurar na mão dela e puxou-a para si com uma impaciência que não conseguia dominar, embora o seu cérebro lhe aconselhasse a ir devagar. A avidez pelo seu corpo esbelto dominava-o por dentro e rodeou-a com os braços para a reter.

– Rashad... – balbuciou ela, surpreendida com aquele ataque repentino.

– Já és a minha esposa e, em certos sentidos, ainda não acredito. – Ele acariciou-lhe o cabelo e deslizou-lhe a mão pelo pescoço. – Não consigo acreditar que és minha.

– Sim... mas... mas...

Polly tentou manter a cabeça fria quando conseguia sentir os batimentos do coração de Rashad e o calor e a força do seu corpo. Também conseguia sentir a protuberância da sua ereção. Ficou rígida e indecisa ao aperceber-se dessa mensagem de desejo sexual que nunca recebera antes. Naquele momento, quis, com toda a sua alma, deixar que a acariciasse, como ela queria acariciá-lo. Ansiava percorrer aquele corpo musculado e bronzeado com os dedos e aprender tudo o que lhe fora negado até então.

– Além disso, já não há nenhum protocolo que possa separar-nos – continuou Rashad, com um sorriso de satisfação e olhando para ela nos olhos.

A sua boca alcançou a dela com uma voracidade devastadora que a atravessou com a violência de um raio. Sentiu a sua língua e foi como uma descarga elétrica. Gemeu na boca dele. O desejo embargava-a e deixava-a impotente. Rashad começou a levantar-lhe o vestido até introduzir os

dedos por baixo do elástico das cuecas e encontrar o centro da sua feminilidade. Foi como uma detonação nas entranhas do seu corpo palpitante. Desejava com todas as suas forças que a acariciasse e sentia-se embargada. Isso atordoava-a, embora também lhe recordasse que tinha de o travar se quisesse realmente acalmar uma situação complicada. Não estava bem entregar-se a uma sensação completamente física quando se sentia daquela forma e escapou dos braços dele com tanta força que chocou contra os pés da cama e o cabelo caiu-lhe por cima da cara.

Rashad, atônito com a sua veemência, ficou onde estava com o sobrolho franzido e os olhos semicerrados e brilhantes. Embora estivesse perturbada, ele nunca parecera tão bonito.

– O que se passa? – perguntou ele, sem se alterar.

– Não posso fazer isto esta noite. Lamento muito, não posso. Não estou pronta para ir para a cama contigo... Ainda que...

Polly continuava a tentar dominar o arrebatamento de desejo que abria caminho entre as suas defesas. Ainda sentia, com um certo pânico, a palpitação entre as coxas e a excitação amainava com uma lentidão desesperante.

– Estamos casados. – Rashad parecia impassível e inexpressivo. – Que objeção podes ter?

– Certamente, nenhuma que possas entender – respondeu Polly, num tom abatido. – Quase não te conheço, Rashad. Nem sequer te vi desde que aceitei casar-me e, hoje, foste muito estranho.

Ele manteve-se inquietantemente imóvel.

– Estranho? Em que sentido?

– Como podes perguntar-me isso se não me dirigiste a palavra, não olhaste para mim e não me tocaste durante a celebração do casamento? – perguntou Polly, apaixonadamente. – Ter-me-ia conformado com uma certa amabilidade, se isso era o máximo que conseguias fazer.

– Polly... Era um casamento de Estado com câmaras e uma legião de espetadores. Amável? – Ele arqueou uma sobrancelha e ela sentiu-se insignificante, ridícula e pueril. – Não tenho essa capacidade de agir, não posso relaxar tanto nesses eventos públicos.

– Foi mais do que isso! – Polly estava pálida. – Comportaste-te como... Como se não suportasses ter de te casar comigo!

Rashad também empalideceu e os músculos da cara contraíram-se. Sentia-se alterado com o que estava a revelar-se. Era um homem muito reservado. As circunstâncias tinham-no obrigado, desde criança, a

esconder o que pensava e sentia. Ninguém, em toda a sua vida, conseguira interpretá-lo com a precisão dela e isso fazia com que se sentisse denunciado como a fraude que receava ser. Cumprira com o seu dever, mas, evidentemente, não o fizera suficientemente bem para convencer a noiva.

– Porque pensas isso de mim?

– Se me mentires agora... será a gota de água – avisou Polly, num tom trémulo. – Mereço a verdade.

Rashad inclinou a cabeça para trás. O silêncio era sepulcral e Polly conseguia ouvir, ao longe, o som do mar a chocar contra a costa e também conseguia sentir que os batimentos do seu coração tinham acelerado de medo.

– Para mim, a gota de água seria o facto de te teres casado comigo e de, agora, à margem de qualquer motivo ou discussão, teres decidido que te recusas a consumir este casamento. Isso é inaceitável, independentemente do ponto de vista!

O seu tom fez com que se intimidasse com o confronto que esperara evitar se lhe explicasse os seus sentimentos.

– Estranharia se um homem não reduzisse tudo ao sexo! – acusou, com amargura. – Naturalmente, não posso ficar grávida se não tivermos relações sexuais e suponho que seja por isso que te queixas...

– Já chega! – Rashad interrompeu-a taxativamente. Havia demasiadas lembranças dolorosas que o impediam de ter a calma e a paciência necessárias para lidar com uma noiva sentimentalmente alterada. – Vou lá fora.

Polly ficou boquiaberta com a ideia de ele se limitar a ir-se embora a meio de uma discussão.

– Não podes ir-te embora sem mais nem menos... Pode saber-se onde vais? Estamos numa praia rodeada de deserto! Além disso, o que é que as pessoas vão pensar?

– Vejamos... – Rashad inclinou a cabeça com uma expressão depreciativa nos olhos que fez com que ela quisesse esbofeteá-lo. – Pensarão que é improvável que nasça um bebé desta lua de mel. Contudo, felizmente, não saberão que a minha esposa me rejeita.

Ele foi-se embora por uma porta interior que ela não vira até àquele instante. Fez-se um silêncio claustrofóbico e ela, com a garganta seca e as pernas moles, deixou-se cair ao lado da cama. O que fizera? Estava certa ou errada?

No quarto contíguo, Rashad andava de um lado para o outro. Sentia-se consumido por uma raiva tão intensa que até ele estava alterado, mas nunca perdia a cabeça com ninguém, pois tinham-lhe inculcado desde muito pequeno que tinha de dominar qualquer arrebatamento que pudesse ser perigoso. Lecionara-se para conter o seu temperamento volátil, lecionara-se para sufocar a paixão e... e ir-se embora. No entanto, a expressão que vira no rosto da esposa fora de incredulidade. Estava a descobrir, um pouco tarde, que casar-se com uma mulher que não receava enfrentá-lo e discutir com ele tinha os seus inconvenientes.

Foi várias vezes até à porta, disposto a voltar para se defender, mas acabou sempre por parar e recuar. Ao fim e ao cabo, o que podia dizer? Que saber que as câmaras o filmavam o paralisava? Que nunca gostara de chamar tanta atenção e que se espantara com a capacidade dela de se comportar com naturalidade? Supostamente, um homem, sobretudo um rei, era mais forte, mais disciplinado, mais capaz de cumprir com a obrigação elementar de aparecer em público. Em teoria, um rei não era introvertido ou sentimental, era um líder poderoso e um modelo sem manchas. Continuou a andar de um lado para o outro com raiva e impotência enquanto se repetia as diretrizes mais frequentes do seu tio rigoroso.

Casara-se com uma estrangeira que tinha uma escala de valores diferentes, uma estrangeira que despertara uma avidez sexual que nunca esperara nem quisera sentir. Nessa situação, era enervante e disparatado desejar outra oportunidade de discutir com ela. Deixou de olhar para a porta que os separava, tirou a roupa da cerimónia e vestiu algo mais confortável. Decidiu que já passara tempo suficiente isolado para os empregados não pensarem que abandonara a sua esposa, saiu do quarto e foi aos estábulos.

Pelo menos, o cavalo não ia fazer perguntas que não podia responder nem falar dos seus defeitos. Não sabia bem em que terreno pisava com Polly e isso enfurecia-o. As suas experiências prévias com mulheres ocidentais tinham sido meramente sexuais e esporádicas, mas também tinha muita experiência em ouvi-las a recusar-se a ir para a cama com ele. Incomodava-o que Polly o fizesse quando sabia que sentia o mesmo que ele.

O que queria dele? Podia saber-se o que esperava dele? Estivera... estranho?

É possível que estivesse um pouco tenso e calado, reconheceu, enquanto

cavalgava pelas areias do deserto a uma velocidade que os guardas mal conseguiam seguir. Rashad nascera montado numa sela e fora criado desde os seis anos numa tribo nômada que se mexia pelo deserto de diferentes países sem reconhecer fronteiras. Sentia essa mesma ansiedade de liberdade absoluta, mas o homem mais maduro e sofisticado em que se transformara indevidamente gostaria de ter tomado um duche frio e estimulante antes de sair.

Não entendia as mulheres, reconheceu, lembrando-se de que Gio reconhecera o mesmo. Se Gio, um *playboy* incorrigível com imensa experiência no sexo contrário, não entendia as mulheres, como é que ele conseguiria entender a mulher com quem se casara?

Tinham-lhe ensinado desde pequeno que possuiria o corpo da esposa como possuía o seu cavalo. Talvez devesse ter-lho dito para lhe demonstrar o que evoluía. Os seus antepassados tinham sido tão retrógrados que a rejeição dela teria servido de justificação para... forçar o assunto. Embora tivesse quase a certeza de que Polly não se teria impressionado. E ele não conseguia imaginar-se a fazer uma coisa dessas a uma mulher, mas havia outras maneiras de magoar uma esposa. Vira o suficiente durante a infância no palácio para se aperceber de que algumas pessoas se compadeciam da mãe e outras a culpavam pela libertinagem incessante do pai. Por isso, quando Polly o expulsara do leito conjugal, quisera proteger a sua reputação e esperara algum tempo no quarto do lado.

Porém, apesar desse gesto, continuava furioso com a esposa. Que forma era aquela de começar um casamento? Não fora o que quisera. A separação não era uma boa ideia e as relações sexuais não eram uma recompensa por um bom comportamento. Além disso, a que é que Polly chamava um bom comportamento? Não tinha ideia. Estava outra vez na linha de saída, não tinha a mais remota ideia do que fizera para cometer um erro.

No fim, quando já perdera toda a esperança de que Rashad voltasse para falar da discussão, tirou as joias, despiu-se e deitou-se na cama gigante. Curiosamente, sentia-se abatida por estar sozinha na noite de núpcias. Nem sequer conseguia entender a sua própria reação. Pedira-lhe para a deixar em paz e parecia-lhe uma perversidade sentir-se insatisfeita.

A verdade era que, no fundo, esperara que Rashad a convencesse ou a

seduzisse para mudar de opinião. Contudo, não fizera algo tão previsível e abandonara-a. Estava zangado, perplexo ou magoado? Não gostava de pensar que estava magoado ou perplexo, mas teve de reconhecer que devia ter-lhe ferido o orgulho e interrogou-se como era possível que não o tivesse previsto.

Na manhã seguinte, acordou com a luz do sol. Em algum momento, enquanto dormia, tinham-lhe desfeito a bagagem. Os avós tinham querido proporcionar-lhe um guarda-roupa mais adequado para usar depois do casamento. Escolhera algumas coisas de que gostava de três estilistas de Dharia e ficara preocupada com o preço de algo tão exclusivo, mesmo depois de Hakim lhe ter assegurado que podia permitir-se um gesto tão generoso.

Escolheu um vestido confortável e, com um sorriso, despediu-se da empregada, que a esperava de joelhos à porta. Vestiu o vestido azul e leve e calçou uns sapatos de lona. Foi para o terraço tomar o pequeno-almoço e desfrutar da vista do mar enquanto se repetia que não se importava que Rashad tivesse desaparecido. No entanto, na noite anterior também chegara a certas conclusões sobre o que fizera.

Quando começara a incomodar-se antes do casamento, Rashad não estivera presente para a tranquilizar de alguma forma. Os presságios sombrios da irmã tinham-lhe alimentado a incerteza, que chegara à sua expressão máxima quando Rashad se comportara daquela forma durante o dia do casamento. Pensara que ele era diferente? Quisera uma discussão? Procurara esse defeito que lhe daria a desculpa de recuar e ter uma ideia do casamento? Ao fim e ao cabo, o que queria de Rashad quando já sabia que não a amava? Sinceridade, respeito, confiança, carinho... O seu lindo rosto toldou-se ao aperceber-se de como era iludida ao fazer uma lista assim para um homem, sobretudo, no primeiro dia de casamento.

Quando, de repente, como que caído do céu, Rashad apareceu com um sorriso amável para lhe dar os bons-dias, ficou tão perturbada que quase caiu da cadeira.

– Meu Deus! Estava a questionar-me onde te terias metido! – exclamou ela, sem conseguir evitá-lo.

Além disso, involuntariamente, o seu olhar dirigiu-se para o físico impressionante dele. Uma *t-shirt* branca ajustava-se ao peito musculado e aos braços e umas calças de ganga desbotadas realçavam-lhe as coxas compridas e poderosas e a cintura estreita. Embora ainda fosse cedo e o sol estivesse baixo, sentiu tanto calor que começou a suar.

- Ontem à noite...
- Não vamos falar de ontem à noite – interrompeu Rashad, com firmeza.
- Ambos estávamos demasiado cansados depois do casamento.
- A sério... Não estamos a esconder o pó por baixo do tapete? – perguntou Polly, espantada.

Rashad respondeu em árabe e com um terminante «sim», com os dentes cerrados e os olhos pretos e cativantes semicerrados.

– E achas bem? – perguntou ela, com uma sobrelha arqueada e uma incredulidade crescente.

– Parece-me melhor do que a alternativa – replicou Rashad, pondo açúcar no chá de menta.

Polly ficou a olhar para o seu chá, sem o ver.

– O que aconteceu ao homem que disse que a discórdia era estimulante?

– Aprendeu que esse tipo de estímulo pode ser traiçoeiro – admitiu Rashad, sem se alterar.

Polly quis gritar outra vez. Sentiu tanta vontade que cerrou os dentes com um ar assassino. Ele conseguia causar-lhe uma reação em cadeia de sentimentos e incomodá-la como nunca ninguém conseguira, algo que a alterava muito. Bebeu um gole de chá da chávena e ficou a olhar para o mar com raiva e em silêncio.

– Verás que não temos nada para falar porque não podemos ignorar uma discussão considerável e fingir que não aconteceu nada.

Não se sentia nada generosa, sobretudo, depois de ter passado quase toda a noite acordada e a questionar-se onde ele estaria, como se sentia e o que estaria a fazer. Evidentemente, se ele dava a discussão por resolvida sem ela dizer nada, não se questionara o mesmo.

– Não tivemos uma discussão, tivemos opiniões diferentes.

Rashad empenhava-se em continuar na sua missão de paz como se empenhava, contra toda a lógica, em levar a cabo reuniões entre inimigos e rivais.

Polly quase caiu em cima da mesa quando se inclinou bruscamente e o cabelo lhe cobriu os ombros como um manto de seda prateada.

– Quero uma discussão!

Rashad olhou para ela com firmeza. A tensão embargava-o, pois bastava olhar para aquela boca rosada para querer deitá-la na superfície horizontal que estivesse mais perto. Nem sequer tinha de ser horizontal, corrigiu-se, com a imaginação acelerada.

– Não vais consegui-la.

– Nem mesmo se pedir por favor?

Ela estava firmemente convencida de que tinham de discutir o que acontecera para dar o passo seguinte.

– Nem mesmo se mo suplicares, lamento – redarguiu, num tom mais áspero. – As discussões dividem-nos e são perigosas, não vamos discutir.

– Di-lo o rei. Mesmo assim, ainda temos de limpar o ambiente.

– Da minha parte, está limpo e a discussão estaria a mais.

Rashad disse-o num tom concludente e começou a cortar uma peça de fruta enquanto ignorava um empregado que se aproximara para o libertar de uma tarefa tão insignificante.

– Muito bem, mas, então, podes ouvir.

Rashad ficou tenso com a nova ameaça e olhou para ela com um brilho dourado nos olhos semicerrados. Porque queria incomodá-lo e enfurecê-lo outra vez? Na noite anterior, comportara-se civilizadamente. Não discutira nem a ameaçara, fora-se embora. Naquela manhã, não a reprovava. Se lhe tivesse dito o que sentia realmente, a sua raiva teria feito com que o telhado voasse pelos ares e tê-la-ia assustado. Gostasse ou não, era o que era, o descendente de uma linhagem desumana, e tinha gravado a fogo que a esposa lhe pertencia, embora o seu cérebro lhe dissesse que as coisas já não funcionavam assim.

Era muito bonita e parecia muito inocente, mas, como Gio teria dito, estava furiosa. Porém, porque continuava a achar essa característica tão incrivelmente atraente? Porque é que, quando estava do pior humor possível, essa característica fazia com que quisesse sorrir? Concentrou-se no chá, que, provavelmente, o irritaria menos do que esses pensamentos que o assaltavam sem aviso prévio. Pensou que não queria ouvir mais críticas nem sentir mais remorsos. Ao fim e ao cabo, sabia quem tinha a culpa. Cometera um erro e tinha a culpa se a esposa não era feliz.

– Além disso, já que comeste, não podias mandar os empregados embora? – acrescentou ela, dando a entender que era muito provável que voltasse a gritar.

Rashad fez um gesto aos dois empregados que andavam por ali, levantou-se com uma agilidade felina e sentou-se no parapeito que servia de limite à muralha. Polly ficou gelada.

– Não... Não faças isso – pediu, com nervosismo e com os olhos fixos nele.

– Não faço... o quê?

– Não te sentes aí, com essa queda tão perigosa atrás das costas.

Rashad observou-a com incredulidade e olhou em redor com um movimento que fez com que ela fechasse os olhos. A queda tão perigosa de que falara era uma inclinação leve com matagais e pedras que chegava até à praia e que subira centenas de vezes com os olhos vendados quando era uma criança.

– Por favor, levanta-te... e afasta-te daí – sussurrou Polly, trémula.

Rashad voltou a olhar para ela e viu que estava pálida e rígida.

– Não é uma queda assim tão perigosa...

– Bom, é para mim. Tenho medo das alturas e sinto vertigens só de te ver aí sentado!

Polly gritou a todo o volume e com um certo tom de medo. A teimosia dele estava a tirá-la do sério.

Rashad levantou as mãos para a tranquilizar, como se estivesse a lidar com uma menina caprichosa, e levantou-se com um cuidado exagerado.

– Muito bem... Entendido...

Polly ficou vermelha como um tomate e voltou a respirar.

– Não gosto das alturas.

– Acho que já percebi – replicou Rashad, com um ar impassível.

– Então, já estás disposto a ouvir?

A impaciência e o desespero devido à sua insistência apropriaram-se dele. As gotas de água que caíam sobre uma rocha pareciam-se muito com a sua esposa, mas ele era suficientemente inteligente para saber que era muito importante ouvir nas negociações e tinha a experiência suficiente para saber que o casamento significava uma sucessão interminável de negociações e transigências.

– Ouvirei, mas não aqui. Vou mostrar-te o castelo e tu poderás falar... sem levantar o tom de voz. Não quero gritos, choros ou gestos teatrais.

– Não choro nem faço gestos teatrais – replicou Polly, com desespero.

Rashad apercebeu-se de que, paradoxalmente, ele era mais volátil e teatral. Na noite anterior, Polly estivera muito comedida, mas uma rejeição era uma rejeição, independentemente de como se apresentasse, e não queria que a esposa o tornasse um costume. Olhou para ela, nunca se cansaria de olhar para ela, e o olhar suplicante dos seus olhos azuis teria abrandado o coração de um assassino.

– Está bem – concedeu ele, com relutância –, mas se te meteres noutra discussão...

– Vais prender-me e atirar a chave ao mar – brincou Polly.

– Se tivermos em conta que era isso que os meus antepassados faziam

com as esposas, podias ter-te arriscado muito ao dar-me essa ideia – murmurou Rashad, num tom brincalhão.

Porém, espantava-o que gostasse tanto dessa ideia quando se tratava da mulher que sorria para ele.

Capítulo 7

– Para mim, tudo isto é desconhecido. A vossa forma de vida, os costumes, a língua... – murmurou Polly, enquanto passavam junto das ameias e dos guardas. – Se, a isso, juntarmos a tua pessoa e o casamento, pode ser avassalador.

Isso pareceu consideravelmente judicioso para Rashad, que se preparara para receber uma ladainha de recriminações e acusações. Aliviado, endireitou-se e respirou fundo.

– Consigo entender.

– Além disso, quase não te vi desde o dia em que aceitei casar-me contigo. Compreendo que não tenhas conseguido evitá-lo com todos os teus compromissos, mas fizeste com que me sentisse insegura.

Ele estava impressionado com tudo o que estava a ouvir. Nunca lhe passara pela cabeça que uma mulher que tivesse uma relação com ele pudesse dizer tão clara e desapaixonadamente o que pensava. Inclinou a cabeça em silêncio para lhe mostrar que também entendia.

– Ontem foi um dia... complicado para os dois.

A voz de Polly tremeu um pouco quando Rashad lhe pôs a mão nas costas para a segurar devido às pedras irregulares que formavam o chão. Os dedos compridos fizeram com que sentisse um calafrio de excitação por todo o corpo.

– Foi...

– Nunca tive uma relação séria...

– Nunca? – perguntou Rashad, parando. – Tens vinte e cinco anos...

Polly contou-lhe tudo sobre o declive lento da avó até chegar à demência senil e sobre o preço que tivera de pagar com a sua liberdade enquanto a irmã estudava na universidade.

– Por isso, se não tenho muita experiência com as relações, tens de fazer algumas concessões – respondeu ela, com uma certa tensão.

Ele franzira o sobrolho enquanto subia e descia a mão lentamente como

se quisesse encorajá-la a falar. Polly sentiu que as faces ardiam de vergonha. Sentiu pele de galinha enquanto a mão quente nas costas ficava quieta e tensa.

– Além disso, acho que foi por isso que perdi um pouco a cabeça ontem à noite. Estava nervosa, como era normal, e tu não fizeste com que me sentisse segura, especial ou qualquer outra coisa!

Apercebeu-se de que elevara o tom de voz, apesar dos esforços para se dominar e olhou para Rashad com arrependimento.

Ele, pela primeira vez, entendeu a esposa e sentiu-se como o maior tolo do mundo, visto que presumira algumas coisas quando não tinha nenhum fundamento para o fazer. Não lhe passara pela cabeça que Polly pudesse ter menos experiência do que ele. Até chegara a preocupar-se com não ser suficientemente atrevido ou sofisticado para a agradar. Olhou pelo canto do olho para os guardas que observavam o deserto ou a praia, inclinou-se, pegou na sua esposa surpreendida ao colo e levou-a para dentro. Os empregados foram abrindo as portas até chegar ao quarto.

– Pode saber-se o que estás a fazer? – perguntou ela, elevando o tom de voz quando finalmente a deixou na cama imensa.

– Procurar um pouco de intimidade – respondeu Rashad, com um sorriso malicioso que lhe acelerou o coração. – Não quero ofender-te, mas pensava que terias tido alguns amantes...

– E pode saber-se porque pensavas assim? – interrompeu ela, num tom acalorado.

– Os vossos princípios são mais... lassos. Aqui, embora os jovens já costumem escolher os seus parceiros, o normal continua a ser que as mulheres cheguem virgens ao casamento. Isso pouco é muito pouco normal na tua sociedade.

– Imagino... – concedeu Polly com pouco convencimento, porque sabia que Ellie era igual a pouco normal.

A irmã dissera-lhe que ainda tinha de conhecer o homem que a fizesse querer atravessar esse limite sexual.

– Porém, a minha irmã e eu fomos criadas num ambiente muito rígido. A minha avó achava que a Ellie e eu éramos ilegítimas e controlou tudo o que fazíamos até ficar doente. Tinha medo de que cometêssemos o que, para ela, eram os mesmos erros que a minha mãe e ficássemos grávidas quando éramos solteiras.

– Sei muito pouco sobre a tua vida. – Rashad sentou-se confortavelmente na beira da cama. – Até o teu avô me avisou para não ter

muitas ilusões sobre ti.

– O meu... avô? – Polly ficou vermelha como um tomate. – Por favor, diz-me que é uma brincadeira.

– Não o comentámos, Polly, mas adivinhei o que queria dizer. Ele só queria proteger-te da minha ingenuidade nesse sentido. Não sou ingénuo, mas, naturalmente, o Hakim e eu nunca falámos de algo tão íntimo e ele não pôde formar uma ideia da minha atitude.

Ela tranquilizou-se. Era evidente que os avós tinham presumido o mesmo e ela não podia reprovar o avô por ter querido protegê-la de uma possível desilusão por parte de Rashad.

– Tu não és assim tão antiquado – comentou ela, sem conseguir conter um risinho –, mas, evidentemente, o meu avô, é.

– Eu passei uns anos na Universidade de Oxford e isso... abriu-me os olhos.

– Consigo imaginar. – Polly imaginava Rashad com o seu aspeto de estrela de cinema e todo esse dinheiro para desfrutar da liberdade de ser estudante. – Foi depois de a tua esposa falecer?

– Claro – respondeu ele, com a tensão refletida no rosto. – Não podia tê-la deixado aqui para o pai a oprimir.

– Oprimir? – repetiu Polly, com o sobrolho franzido.

– O meu falecido tio era um bom homem em essência, mas também era um tirano. Digo-o com respeito porque estou vivo graças a ele. Durante a ditadura de Arak, os rumores sobre a minha sobrevivência fizeram com que pusesse um preço à minha cabeça. Podiam ter-me caçado como um animal, mas a tribo aceitou-me e protegeu-me como um dos seus porque o meu tio era o xequê.

Era a primeira vez que lhe mostrava como a sua juventude fora turbulenta e isso acalmou-a como nada mais teria conseguido. Naturalmente, não podia ter sido um mar de rosas se fora criado por um tirano e muito menos se devia a vida a esse tirano, que não hesitara em casar a filha com o hipotético rei de Dharia aos dezasseis anos. Sentiu-se comovida e pôs-lhe a mão fugazmente na coxa.

– Parece que temos algo em comum, apesar de tudo o que aconteceu – comentou Rashad, com um sorriso cativante. – Ambos fomos criados por uns guardiães muito rígidos.

– Sim.

Polly concedeu-o com uma certa veemência. Encontrou o reflexo dourado dos seus olhos escuros e sentiu a boca seca com um formigueiro

nas entranhas e uma descarga elétrica de excitação por estarem tão perto.

– Não quero que estejas nervosa por mim, *habibti* – murmurou Rashad, num tom rouco. – Prometo-te que nunca te farei algo que não queiras que faça.

– Eu... Eu quero tudo!

Polly deixou escapar uma gargalhada coibida. Parecia-lhe que não estava bem comportar-se como uma virgem aterrada, quando não era assim.

– Tudo... – Rashad repetiu a palavra como se se deleitasse com ela e corou. – Adoro a tua sinceridade.

Beijou-a lentamente e mordiscou-lhe o lábio inferior, antes de lhe passar a ponta da língua. Começou a excitá-la tão devagar que nem sequer se apercebeu de que introduzira uma mão entre o seu cabelo moreno e denso enquanto se agarrava a um ombro com a outra.

Queria mais, muito mais. O corpo ardia e o formigueiro de desejo estava a endurecer-lhe os mamilos e a derretê-la por dentro.

– Farei com que seja especial – sussurrou ele, num tom firme, pois sabia que ela estava a entregar-se confidencialmente a ele.

– Não podes prometer isso. – Polly sentiu-se obrigada a dizer-lho, embora fosse muito prosaico. – Se me doer, não será culpa tua, não sou assim tão ignorante...

– Psiu... – interrompeu ele.

– Não, para de criar expectativas...

Passou-lhe um dedo pelo queixo e maravilhou-se por se sentir tão perto dele. Deitou-a nas almofadas, tirou-lhe os sapatos e deixou-os cair nos ladrilhos.

– Fi-lo durante toda a minha vida.

– Mas não aqui e agora, quando estamos os dois a sós – insistiu ela.

Para Rashad, durante uma décima de segundo, foi estranho não ponderar se superaria alguma coisa ou não e teria de carregar com a culpa, mas era um costume tão enraizado nele que não conseguia imaginar-se a fazer o contrário. Afastou essa ideia tão alheia a ele e concentrou-se na boca da esposa. Sentiu uma voracidade tal que ameaçou fazê-lo perder o domínio sobre si próprio.

Voltou a beijá-la com uma paixão que não pôde disfarçar e que a excitou tanto como a voracidade da sua língua. Polly pensou que era muito intenso, por muito que quisesse disfarçá-lo. Levava as coisas demasiado a sério. Talvez ela pudesse aliviá-lo um pouco e talvez conseguisse fazer

com que relaxasse, mas essa intenção louvável viu-se arrasada pelo prazer embriagador da sua boca devastadora. Deixou escapar uns barulhos que não soube reconhecer.

Despiu-a com uma facilidade admirável, com uma destreza tal que ficou surpreendida por se encontrar deitada e só com a roupa interior de renda. De repente, preocupou-se com o que ele pensaria do seu corpo, que ela sabia que era normal. Os seios não eram grandes nem pequenos, as ancas eram um pouco maiores do que teria gostado, as pernas e os tornozelos não eram maus, refletiu, com os olhos fechados e não querendo castigar-se com uns pensamentos tão absurdos.

– *Ant jamilat jiddaan...* És muito bonita.

Rashad disse-o com devoção e ela atreveu-se a abrir os olhos outra vez. Efetivamente, estava a olhar para ela como se fosse a sétima das maravilhas do mundo. Estimulada, arqueou as costas para realçar os seus encantos e desfrutar da admiração dele, ao mesmo tempo que parava de pensar nas suas imperfeições físicas.

– Tu continuas a ter muita roupa – sussurrou ela, com timidez e firmeza ao mesmo tempo e com os olhos azuis fixos nele.

Os olhos de Rashad deixaram escapar um brilho dourado e tirou a *t-shirt* para mostrar um peito bronzeado e musculado, digno de um póster.

Ela passou a ponta da língua pelos lábios enquanto baixava o olhar, sem conseguir evitá-lo, até à protuberância do sexo. Não sentiu a mínima apreensão quando ele abriu o fecho das calças de ganga e revelou a fileira de pelos pretos que descia pela barriga plana.

Parou de respirar quando ele voltou a beijá-la com avidez e a dar-lhe um prazer inesperado com o calor do seu corpo.

Tirou-lhe o sutiã e agarrou um seio. Os seus dedos compridos beliscaram-lhe o mamilo endurecido com delicadeza, antes de o sugar com a boca e de lhe mostrar que essa parte do seu corpo era muito mais sensível do que ela pudera imaginar. O toque da sua língua nas terminações eretas dos seus seios fazia com que sentisse umas palpitações ardentes entre as pernas. Tinha de fazer um esforço para ficar quieta devido ao vazio ofegante que sentia por dentro e que procurava mais, sentir-se cheio.

– Não deixas que toque em ti. – Polly receava não estar à sua altura. – Não se trata de algo entre os dois?

– Sim, mas agradar-me-ia mais se, desta primeira vez, nos dedicássemos a ti e não a mim – replicou Rashad.

Polly, corada, parou de objetar, sobretudo, quando voltou a beijá-la devastadoramente e a temperatura alcançou limites insuspeitados. Rashad tirou-lhe as cuecas e, finalmente, acariciou-a onde mais desejava que a acariciasse, nessa protuberância minúscula que parecia ser o centro de controlo de todas as terminações nervosas.

Nunca sentira esse prazer.

Ele, com um movimento de impaciência, tirou as calças de ganga e voltou a deitar-se enquanto lhe afastava as pernas trémulas. Ela sentiu-se como um sacrifício entregue a ele e isso fez com que aumentasse a sua excitação. Ele não demorou a mostrar-lhe que o que ela considerara um prazer irresistível podia alcançar um nível quase insuportável. O seu corpo nunca perdera o controlo daquela forma, até Rashad a ter à sua mercê com a sua boca carnal e os seus dedos destros. Arqueou as costas para levantar as ancas com o coração acelerado. Então, com os olhos fechados, viu uma detonação deslumbrante e todo o mundo se desmoronou com o seu corpo.

Ele foi subindo ao longo dela até a sua boca lhe alcançar a união sensível do pescoço e o ombro. Um arrepio leve percorreu-lhe o corpo. Abriu os olhos, viu o seu rosto atraente e sorriu, tímida e nervosamente, devido ao barulho que fizera com o clímax e à forma como se agarrara ao seu cabelo e aos seus ombros. Ele mostrara a... rapariga má que tinha dentro dela. E gostava. Além disso, a julgar pelo brilho dourado dos seus olhos, ele também gostara.

Tocou no centro da sua feminilidade e ficou tensa ao senti-lo duro e disposto. Abriu caminho com mais facilidade do que ela esperara, mas também a preparara minuciosamente. As paredes interiores expandiram-se para se adaptar a ele, que mexeu as ancas para a penetrar mais. Ela sentiu uma pontada de dor e cerrou os dentes.

– Queres que pare? – perguntou ele, num tom rouco.

– Não... – sussurrou ela.

Rashad tentava manter o domínio sobre si próprio por todos os meios, tentava pensar em tudo, menos no que estava a fazer. Voltou a mexer-se, passou as pernas dela por cima dos braços e mexeu-se com força. Polly recompensou-o com um suspiro. Era muito... vocal e adorava essa falta de inibição. Agarrou-a pelas ancas e penetrou-a o máximo que pôde com um gemido de prazer primitivo.

Ela só podia compará-lo a uma montanha russa desenfreada. A tensão embargava a sua parte inferior do corpo e as sensações eram cada vez mais intensas à medida que ele acelerava o ritmo, mudava de ângulo e entrava

no seu corpo recetivo com confiança em si próprio. A excitação chegou ao limite quando outro clímax se apropriou dela e sentiu que todo o seu corpo acelerava para o alcançar. Deixou escapar um grito e inclinou a cabeça para trás como se se tivesse esvaziado, mas maravilhosamente relaxada. Rashad resmungou, tremeu e encostou a cabeça entre o cabelo emaranhado dela.

– Foi incrível – comentou ela, assim que pôde falar e enquanto lhe passava uma mão pelas costas suadas.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela sem disfarçar a surpresa antes de se rir.

– Polly... Só tu me dirias uma coisa dessas! – Beijou-a na testa. – Agradeço. Foi ainda mais incrível para mim, *aziz*.

– Achas que, ontem à noite, teria sido igual? – perguntou ela, ao sentir remorsos devido ao que não acontecera antes.

– Não. Ambos estávamos cansados e irritáveis. Além disso, eu não sabia que seria o teu primeiro amante.

Soltou-a e deitou-se de lado para a libertar do seu peso. Procurou a mão dele por baixo do lençol e encontrou-a. Teria dado umas cambalhotas se tivesse tido força porque se sentia feliz. Porém, não pôde dominar a curiosidade.

– O teu primeiro casamento foi por conveniência, não foi? – perguntou ela, com despreocupação.

Ele apertou o punho por baixo da mão dela.

– Sim.

– Amava-la?

Ela desejava sabê-lo, embora não entendesse porque tinha essa necessidade de saber esse dado.

– Sim. – Rashad sufocou a inquietação ao ver-se obrigado a recordar esse casamento desventurado. – Como não haveria de a amar quando tínhamos sido companheiros de jogos na infância?

Polly sentiu uma pontada de dor, embora não conseguisse entendê-lo, pois devia alegrar-se por Rashad ter conseguido amar Ferah, independentemente de ter sido um casamento por conveniência. Porém, era possível que não estivesse pronta para ouvir que conhecera Ferah tão bem, uma jovem que teria entendido muito melhor Rashad do que ela alguma vez faria. A sua predecessora criara muitas expectativas.

Capítulo 8

- Estás a fazê-lo muito bem – felicitou Rashad, sete semanas mais tarde.
- A tua postura melhorou muito.

Polly, com a naturalidade que a experiência dava, esquecia os rapazes das cavaliças e guardas que se reuniam em redor do picadeiro do palácio. Quando Rashad lhe disse que tencionava ensiná-la a montar a cavalo, ela rira-se com vontade, visto que nunca praticara nada minimamente parecido com um desporto. Infelizmente, ele considerava que era essencial saber montar a cavalo e, depois, sentou-a num monstro de quatro patas. O pânico apropriou-se dela, mas também tinham começado as lições. Rashad esperava que fizesse o possível para dominar as suas fraquezas. Além disso, não permitia as desculpas nem as reincidências.

Se Rashad conhecia o significado da expressão «lua de mel», estava a disfarçar muito bem, pensou, enquanto trotava em redor do picadeiro e o seu corpo se mexia com naturalidade em cima da sela, como Rashad a ensinara a fazer. Quando ela alegara como desculpa que tinha medo de cair, Rashad arranjava um cavalo mecânico em algum lado, instalara-o no ginásio da cave, rodeara-o de colchões e passara dois dias atrozes a ensiná-la a cair da forma menos dolorosa. Não precisara que o doutor Wasem a atendesse, mas fizera algumas nódoas negras antes de conseguir aprender a encolher-se com os braços e cobrir a cabeça para rodar e diminuir o impacto da queda. Quando o médico insinuara a Rashad que aprender a montar a cavalo podia ser perigoso para uma mulher que devia conceber os seus filhos, Rashad troçara.

- Certamente, isso não acontecerá antes de um ano!

Polly sentira-se livre do medo de não pararem de a observar com uma lupa para ver se podia ficar grávida. Na verdade, preocupara-se desnecessariamente. Aparentemente, Rashad não tinha pressa para engravidar a esposa nem esperava que ela tivesse. Naturalmente, também não tomavam precauções e ela imaginava que as possibilidades de ficar

grávida aumentariam com o tempo. Ele não tivera filhos do seu primeiro casamento, mas quando lhe perguntara, limitara-se a reconhecer que Ferah era estéril por motivos médicos.

Rashad levantou-a da água e observou-a com um brilho de satisfação nos olhos.

– Estou muito orgulhoso de ti – reconheceu ele, num tom rouco. – Dominaste o medo.

– Vou tomar banho – replicou ela, com um sorriso.

O público já voltara aos seus afazeres quando ela entrou no edifício que havia por trás dos estábulos e que tinha uns vestiários de luxo.

Tinham ficado apenas duas semanas no castelo junto do mar, até Rashad ter de assistir a uma reunião importante do seu conselho. Tinham voltado para o palácio, onde Rashad podia fiscalizar vários projetos e, além disso, ter tempo livre.

Ela, no entanto, conservava lembranças embriagadoras do mar e do castelo. Tinham feito um piquenique na praia e tinham tomado banho, visto que ambos eram uns grandes nadadores. Tinham conversado no terraço até altas horas da noite e tinham-se divertido na cama até ao amanhecer. Ao chegar o fim da estadia no castelo, já reconhecera que se apaixonara irremediavelmente pelo marido. Conseguia deslumbrá-la com um sorriso e seduzi-la com o contacto mais leve, mas o maior dos seus dons era que fazia com que se sentisse maravilhosamente contente.

Rashad chegara à cabina do duche antes dela. Ficou atónita quando o viu; uma figura esbelta e sensual vestida com um polo, umas calças de montar justas e botas. Ele fechou a porta assim que ela apareceu, apoiou-se calmamente na parede de pedra, passou-lhe a ponta de um dedo pelos lábios e respirou fundo.

– Não consigo parar de te acariciar quando te imagino nua no duche, *aziz*.

Polly tremeu de excitação. Rashad, que era muito cerimonioso em muitos aspetos, mas era maravilhosamente espontâneo com o sexo. Durante as últimas semanas, tinham tido relações sexuais em praticamente todos os lugares do palácio onde ficavam sozinhos. No escritório dele, nos estábulos, em salas vazias que lhe mostrara e até, uma vez apaixonante, na mesa da sala de jantar. Também lhe custava não acariciar o corpo magnífico de Rashad. Como esses encontros inesperados tinham sido absolutamente sensacionais, ficava com falta de ar, literalmente, cada vez que via um certo brilho ardente nos olhos de Rashad. Fazia com que se

sentisse a mulher mais sedutora e bonita do mundo. Além disso, nunca sonhara conhecer esse grau de intimidade com um homem.

Apoiou-se na parede, meio derretida só de pensar nas suas carícias, e observou-o de cima a baixo, até fixar o olhar no vulto que as calças de montar justas não conseguiam disfarçar.

– Parece-me, alteza, que seria uma ideia muito sensata se se despisse.

Rashad apoiou as mãos atrás da cabeça dela e apertou o seu corpo musculado contra o dela para que sentisse o seu desejo.

– Fazes com que me sinta menos sensato...

Polly observou-o. Adorava cada traço do seu rosto duro e agudo e aqueles olhos impressionantes que faziam com que sentisse a garganta seca.

– Bom, se tenho de sofrer, não sei porque tu não devias sofrer também – brincou ela.

Ele introduziu as mãos entre o seu cabelo e beijou-a com voracidade. O seu sabor era afrodisíaco. Polly alterava-o como nenhuma outra mulher conseguira. Nenhuma mulher tivera esse poder sobre ele. Desejava o seu corpo como se fosse uma droga e deleitava-se sem reparos com a resposta dela. Ao princípio, esse desejo incomodara-o e tentara dominá-lo, mas ter uma Polly disposta todas as noites na cama e, inevitavelmente, uma Polly inclinada sobre a mesa da sala de jantar enquanto sorria com desafio, derrubara por completo todas as suas resistências. Tinham uma sintonia sexual abrasadora e gratificante, como não achara que conseguiria encontrar num casamento.

Polly ficou sem roupa muito antes de entrarem no duche. Sugou-lhe os mamilos endurecidos enquanto apalpava a humidade entre as coxas e despertava a avidez. Levantou-a, apoiou as suas ancas contra a parede e penetrou-a com um movimento implacável que fez com que gritasse de prazer. Depois, ela, quase incapaz de se segurar de pé, deixou-se cair sobre ele para a levar para o duche.

– A Hayat parece-te útil? – perguntou ele, com curiosidade, enquanto abria todas as torneiras.

– Parece-me indispensável – afirmou ela que, naquela noite, ia ter o seu primeiro evento oficial num jantar com diplomatas em Kashan. – Está a explicar-me tudo o que tenho de saber. É como um livro com pernas sobre etiqueta e vestimenta. Não poderia consegui-lo sem ela.

– Fico feliz por saber – replicou Rashad, disfarçando a sua surpresa.

O avô de Polly propusera Hayat para a ajudar e, aparentemente, vira

algo na morena irascível que ele não percebera. Além disso, era a sua cunhada e reconhecia que Hayat merecia uma categoria e uma consideração maiores.

Polly, depois de ensaboar o cabelo, observou Rashad, que se apoiara na parede de azulejos, e deleitou-se com a sua virilidade. Pôs-lhe as mãos nos ombros e deslizou-as pelos abdominais enquanto ele levantava os olhos, velados pelo desejo.

– És muito previsível – repreendeu ela. – Nunca dizes que não?

Rashad, devido a esse comentário brincalhão, sorriu sem disfarçar que o achara divertido.

– Queres que diga?

Não, não queria que o dissesse, reconheceu, enquanto continuava a deslizar as mãos pelo seu físico musculado e poderoso. Excitava-a e gostava muito de ter esse poder. Adorava que ele fechasse os olhos e a deixasse fazer o que quisesse com ele. Adorava ter a prova da sua ereção palpitante entre os dedos. Acariciou-a com a mão fechada, ajoelhou-se e usou a boca até ele resmungar, tremer e a levantar com impaciência. Depois, voltou a possuí-la com essa paixão que não conseguia dominar. Mais tarde, desfalecida e saciada, deixou que a lavasse e que a secasse energicamente com uma toalha esponjosa. Apercebeu-se de que ter de se vestir outra vez era uma tortura.

– Estou ensonada – lamentou-se ela, enquanto ele a levava de mão dada pelo palácio.

– Faz uma sesta. Estarás rodeada de muitas pessoas antes do jantar – avisou ele.

– Tu não precisas de fazer uma sesta? – perguntou ela, com certa malícia.

– Não dormiríamos se me deitasse na cama contigo, *habibti*. Trabalharei um pouco no escritório até chegar a hora de ter de me preparar para o jantar.

Polly despiu-se no quarto enquanto bocejava e se questionava como era possível que estivesse tão cansada, quando, quase todas as noites, dormia como uma pedra. Vestiu uma camisa de noite para não escandalizar a empregada, que achava que era escandaloso dormir nua, e deitou-se na cama. Doeram-lhe os seios por baixo do tecido e cobriu-os com as mãos. Então, interrogou-se porque teria os sintomas habituais da chegada do período, se não estava a acontecer nada.

Acordaram-na com um chá e uns biscoitos e avisaram-na de que Hayat estava à espera para a ver. Hayat estava a cargo do seu guarda-roupa e do seu itinerário. Como não queria fazê-la esperar, vestiu-se apressadamente. Estava a vestir umas calças de ganga ao pé coxinho, quando se sentiu enjoada, cambaleou e caiu de costas na cama. A empregada precipitou-se para ela, mas deteve-a com uma mão e respirou fundo até a sensação começar a desaparecer. Pensou que talvez devesse ter comido mais depois de tanta atividade física.

– A Nabila disse-me que te sentes mal – comentou Hayat, enquanto se aproximava. – Chamo o doutor Wasem?

– Foi apenas um ligeiro enjoo – indicou Polly, tirando-lhe importância.

Sabia que o mínimo indício de doença bastaria para todo o palácio se sentir em pânico ou começar a celebrar prematuramente. Como ela sabia muito bem que era apenas «aquele momento do mês» em que nunca se sentia especialmente bem, não queria criar uma animação. Hayat contara-lhe a reação do povo de Dharia em relação à sua saúde e a de Rashad e reconhecera que os rumores e conjeturas disparavam facilmente a preocupação com eles. Rashad tivera uma amigdalite no ano anterior e o jornal mais famoso questionara-se porque não tinham hospitalizado o rei e acusara o palácio de ter arriscado a sua saúde com um uso antiquado da medicina. O doutor Wasem sentira-se profundamente ofendido.

– Tens a certeza de que te sentes bem? – insistiu Hayat. – Se te acontecesse alguma coisa, o teu marido devoto nunca me perdoaria.

– Estou bem – tranquilizou-a Polly, enquanto se interrogava porque parecera que essa palavra, «devoto», tinha um certo tom sarcástico dita por Hayat. – É apenas aquele momento do mês. Sinto-me sempre um pouco moída.

– Lamento a desilusão... – replicou a morena, com um sorriso muito leve.

Polly inclinou a cabeça e revirou os olhos. Era possível que Hayat e todos no palácio estivessem ansiosos por receber a notícia de que estava grávida, mas Rashad e ela não estavam preocupados. Ambos achavam que demoraria uns meses. Além disso, era muito incómodo que estivessem sempre a observá-la com atenção.

– Não estou dececionada, Hayat. Somos recém-casados.

– Vi a angústia da minha irmã porque não podia ficar grávida – confessou Hayat. – É uma situação muito complicada para uma mulher

e...

– Não é a minha situação – interrompeu Polly.

Não queria entrar numa conversa demasiado pessoal. Embora lhe parecesse que Hayat era muito eficiente, mantinha uma certa distância dela e nunca estava relaxada na sua companhia. A morena não era muito amada pelos outros empregados e ela tivera em conta o aviso de que não devia baixar a guarda.

– Será em breve, assim que o tempo passar – augurou Hayat, com uma expressão de compaixão exagerada no lindo rosto. – Como podias não te importar?

Polly encolheu os ombros, embora os sentisse rígidos, para tirar importância ao assunto.

– Querias ver-me? – perguntou, para desviar a conversa para algo menos pessoal.

– Sim. Trouxe a caixa de joias real para escolheres. – Hayat apontou para uma caixa de madeira muito grande que estava em cima da mesa. – Mas deixei o conjunto de âmbar de fora porque é o que combina melhor com o vestido que vais levar.

Polly olhou para o colar de âmbar e ouro lavrado e temeu que lhe partisse o pescoço por causa do peso.

– Parece muito pesado...

– É um dos favoritos do Rashad, pertenceu à mãe – explicou Hayat, em voz baixa.

Hayat era como um poço sem fundo de informação sobre a família real e ela seguia sempre o seu conselho. Se Rashad gostava... Embora não acreditasse que reparasse no que ia usar. Não era esse tipo de homem. Não reparava nos detalhes femininos e, uma vez, quando tentara descrever um vestido que usara e de que ele gostara, chamara-lhe «essa coisa de dobras azuis».

No entanto, quando se tratava de assuntos mais pragmáticos, fazia-o muito bem. Amava mais Rashad do que imaginara que podia amar um homem e, embora fosse possível que não a amasse, estava apegado a ela. Procurava-a sempre com o olhar numa sala cheia de gente. As suas comidas britânicas favoritas apareciam como que por arte de magia na mesa. Todos os dias, recebia flores. Mais ainda, pensou, com agrado, enquanto ia ao quarto para ligar à irmã em privado, decidira que tinham de saldar os empréstimos que Ellie recebera para estudar.

– A Ellie já faz parte da nossa família – afirmara Rashad. – Como

acontecerá com a tua outra irmã quando a encontrarmos.

Contratara, um dia depois de lhe falar da sua existência, os serviços de uma agência de detetives de Londres para procurar a irmã desaparecida. Aceitava as suas preocupações como se fossem dele e adorava porque, pela primeira vez na sua vida, se sentia cuidada e não um fardo ou um aborrecimento. Acordara a meio da noite e encontrara-o abraçado a ela. Sentia muito calor por dormir tão perto dele, mas gostava dessa proximidade e destapara-se em vez de o afastar.

– Polly! – exclamou Ellie, com satisfação. – Tenho notícias da Penelope.

– Não me digas... – murmurou Polly, com emoção, enquanto se sentava na beira da cama.

– Não tenhas ilusões – avisou Ellie. – Ainda não a encontrámos, mas a agência que o advogado do Rashad em Londres propôs sabe o que faz.

– Poderoso é o Dom Dinheiro.

– A quem o dizes... – Ellie suspirou. – Livrei-me de todas as minhas dívidas de estudante graças a vocês. Nunca poderei agradecer-vos o suficiente. Agora, tenho toda uma série de alternativas que não tinha antes...

– E a Penelope...? – interrompeu Polly, que se sentia incomodada com a gratidão da irmã.

– Bom, para começar, a nossa irmã não se chama assim. Agora, chama-se Gemma Foster. Tu também vais receber o relatório da agência. A Gemma foi adotada, mas os pais, os Thomas, morreram e ela voltou para o sistema de adoção. Agora, tem vinte anos e temos de encontrar o paradeiro dela.

– Muito bem. – Polly conteve a desilusão por a agência não ter chegado mais longe e voltou a um assunto que não lhe saía da cabeça. – Lembras-te de que disseste que, normalmente, se demora uns seis meses a ficar grávida...?

– Eu não disse isso! – interrompeu Ellie, com a indignação de médica que era ao acabar de passar os exames finais. – Eu disse que era uma média, mas que, evidentemente, uma mulher podia ficar grávida da primeira vez que tivesse relações sexuais sem precauções. Não há nada inamovível sobre as gravidezes. Porque me perguntas isso outra vez?

– Por curiosidade, mais nada.

– Não te incomodes nesse sentido – aconselhou Ellie. – Ambos são jovens e saudáveis e esperarão um filho mais cedo do que tarde.

O vestido que Polly estava a pensar em usar era de tons outonais, castanhos e dourados com reflexos alaranjados. A empregada trouxe-lhe o conjunto de âmbar e ela pô-lo com o sobrolho franzido, pois o colar pesava tanto como receara e os brincos eram quase igualmente atrozes. Uma vez vestida e com o coque alto que lhe dava a estatura que não tinha, olhou-se ao espelho e teve de reconhecer mais uma vez que Hayat era indispensável. As joias de âmbar e o penteado, mais maduro, davam um ar de dignidade ao que poderia ter sido uma vestimenta muito anódina.

Não viu Rashad até entrar na limusina onde a esperava e, como era fácil de prever, queixou-se por ela ter demorado demasiado tempo. Olhou para ele com um sorriso malicioso e ele reparou no colar que tinha ao pescoço. Ficou pálido e a tensão realçou as suas feições impressionantes.

– Estás impressionante – comentou ele, olhando para outro lado com os dentes cerrados.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Polly, com perplexidade.

– Não – respondeu ele, pouco convicto.

Esse jantar era a primeira vez que aparecia em público como esposa de Rashad e queria que tudo corresse bem. Hayat preparara-a muito bem com os nomes, os rostos e as funções para que esse evento social fosse mais fácil.

Rashad, rígido como uma estátua, estava absorto nas lembranças. Não conseguia ver aquele colar de âmbar sem ver Ferah com ele. Era o seu favorito e a cor das pedras semipreciosas condizia com os seus olhos castanhos. Durante o trajeto até à embaixada, viu-se imerso nas lembranças que fechara numa caixinha no fundo da sua mente. Viu Ferah a rir-se, cheia de energia e felicidade por causa do seu casamento, Ferah antes de a vida a ter ferido de morte e de ele a ter dececionado... Uns remorsos terríveis embargaram-no.

– Porque escolheste essas joias? – perguntou ele, com toda a despreocupação que pôde transmitir.

– O âmbar condiz perfeitamente com o vestido – indicou Polly, com certa surpresa.

– Gosto de te ver com cores mais vivas – replicou ele, apagando o elogio que fizera antes.

Ela encolheu levemente os ombros estreitos.

– Não posso vestir-me de azul constantemente. Tenho de variar.

A sua boca delicada mostrou uma expressão desafiante. Estava incomodada com ele. Não se apercebia de como estava nervosa por ser a

primeira vez que assistia a um evento oficial como a rainha de Dharia?

Talvez não gostasse do vestido, mas devia tê-lo guardado para si.

Polly, em vez de se colar ao seu lado, como ele esperara, misturou-se com as pessoas. Evidentemente, não precisava de o ter por perto. Algumas vezes, ouviu a sua gargalhada e questionou-se porque estaria a rir-se e, sobretudo, com quem estaria a rir-se. Alegrava-o que se defendesse sozinha, mas como a sua primeira mulher nunca se afastara mais dois metros dele nessas ocasiões e sempre obedecera, a independência de Polly incomodava-o e sentia-se ligeiramente ameaçado.

– A Polly foi uma escolha acertada – murmurou alguém, atrás dele.

– Gio! – exclamou Rashad, virando-se. – O que fazes em Dharia?

Gio Benedetti esboçou um sorriso brincalhão.

– O embaixador italiano sabe que somos amigos e, como eu ia fazer um negócio para um dos nossos hotéis, ofereci-me para prestar um serviço pela pátria e abrir o caminho diplomático.

– Mencionaste a Polly.

Rashad inquietava-se por ter ouvido o nome da esposa dito por Gio e por ele ter expressado a sua admiração por ela. Gio era um mulherengo empedernido.

– Sim. É alegre e inteligente, é um ponto positivo, não o aborrecimento que receaste que uma esposa podia ser.

As maçãs proeminentes do rosto de Rashad coraram. Quando eram uns jovens, em Oxford, contara-lhe algumas confidências que, naquele momento, quando era mais velho e mais sensato, não se atreveria a repetir.

– Já não receio esse panorama – replicou ele. – Na verdade, estou a descobrir que o casamento me assenta surpreendentemente bem.

Gio, imperturbável com as alusões, riu-se.

– Porque te surpreende? Ela é impressionante!

– Pareceu-me que a irmã te pareceu igualmente impressionante no nosso casamento – comentou Rashad, para parar de falar da esposa, uma conversa que não queria ter, nem mesmo com o amigo mais íntimo.

– Não. – Gio fez uma careta de aborrecimento. – Isso ficou descartado por motivos que não te vou contar. Receio que tenha conhecido a irmã temperamental. Segundo parece, ficaste com a irmã aprazível e devias alegrar-te.

Rashad procurou-a com o olhar e encontrou-a a conversar

animadamente com o embaixador britânico.

– Alegro-me muito – comentou Rashad, num tom sombrio.

– Então, porque pareces menos alegre? – perguntou Gio, com ironia.

Rashad não soube como responder a essa pergunta tão direta e encolheu os ombros com os olhos semicerrados e concentrando-se em pensamentos incoerentes. Sabia muito bem que estava a ser irracional. Quisera uma esposa independente e segura de si própria e encontrara-a. Então, porque queria que precisasse um pouco dele, que o procurasse para pedir conselho e orientação, que o procurasse nervosamente com o olhar como se não conseguisse estar sem ele? Porque estava a ser tão retorcido e ilógico?

Convidou Gio para jantar com ele no palácio e escolheu a noite que Polly passava sempre com os avós. Decidiu que quanto menos Polly e Gio se vissem, melhor.

– Esta noite, foste fantástica – disse Rashad a Polly, enquanto voltavam para o palácio. – Não olhaste uma única vez para mim para procurar o meu apoio.

Ela sentiu uma pontada de inquietação. Porque lhe parecera mais uma recriminação do que uma lisonja? Porque mantivera a distância durante toda a noite? Chegaria a conhecer homem com quem se casara? Quando achava que resolvera finalmente o mistério de Rashad, ele fazia alguma coisa que não esperava e desorientava-a outra vez.

– Achava que querias que fosse independente...

– É verdade – confirmou Rashad. – Não posso estar sempre ao teu lado e, algumas vezes, terás de ir sozinha a eventos como este.

– Então, porque sinto uma mensagem contraditória? – perguntou ela, num tom cortante.

Rashad encolheu os ombros enquanto saía da limusina. Aliviava-o estar outra vez no palácio, mas sabia que estava a ser arrevesado, sabia que estava a ser demasiado sensível, mas tinha uma série de sentimentos díspares e custava-lhe disfarçá-lo.

A verdade era que Polly resplandecera como a mais brilhante das estrelas durante o jantar e não precisara que ele a ajudasse. Impressionara-se muito com o carinho natural que irradiava. Além disso, também conseguira manter uma certa distância e solenidade régias, algo que não lhe saía de forma natural, pois era uma das pessoas mais espontâneas que conhecera. Em resumo, conseguira o sucesso em público que Ferah sempre

desejara e nunca alcançara. Parou devido a essa comparação tão desumana e sentiu outra pontada de remorso e tristeza.

Polly seguiu-o apressadamente e questionou-se o que se passava. Quando o alcançou, estava apoiado na janela do quarto. Olhou para ela pensativamente e com os olhos um pouco semicerrados. O coração dela parou por um instante e susteve a respiração. Levou uma mão ao pescoço e começou a tirar o colar de âmbar.

– Deixa-me fazer isso.

Rashad, para surpresa dela, aproximou-se, tirou-lhe o colar pesado e pousou-o de qualquer maneira no toucador.

– Não voltes a usá-lo – acrescentou, num tom rouco.

– O quê? – perguntou Polly, enquanto tirava os brincos e olhava para ele através do espelho.

– O conjunto de âmbar. Posso comprar-te outro – esclareceu, com um ar tenso.

– O que se passa com este conjunto? – perguntou ela, com curiosidade.

Rashad baixou o olhar para disfarçar a sua expressão.

– Era o favorito da Ferah.

– Ah...

Foi como se lhe tivesse dado um murro e a tivesse deixado com falta de ar e, em certo sentido, fora o que fizera. Não gostava que usasse as joias da sua primeira esposa? O que devia interpretar?

– Traz-me más lembranças – acrescentou ele.

Evidentemente, amara a sua primeira esposa e não conseguia suportar nenhuma lembrança dela, supôs Polly, completamente perturbada.

– Agora, sou a tua esposa – recordou-lhe ela, com a esperança de não parecer demasiado pueril.

– Sei muito bem – replicou ele, com ironia.

– É possível que não me fique tão bem como à Ferah, mas acabaste de fazer com que tenha vontade de o usar todos os dias! – reconheceu Polly, num tom agressivo que não conseguiu evitar. – Ao fim e ao cabo, ela não está cá e eu estou e também tenho sentimentos!

– Esta conversa é um disparate.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela pensar melhor no que estava a dizer. Polly, no entanto, estava farta e não lhe apetecia fingir ou mentir para manter as aparências.

– Não, sou uma mulher possessiva. Ou és meu ou continuas a ser dela!

– A Ferah é o meu passado e tu és o meu presente e o meu futuro.

Os olhos cor de violeta de Polly esbugalharam-se enquanto, de forma beligerante, levava uma mão à anca.

– Mas o teu passado envolve-se com o meu presente e não recebo um tratamento justo.

Rashad deixou escapar um gemido devido ao desespero que o embargava.

– O que devia fazer? Não posso evitar o meu passado. Não posso esquecer as minhas lembranças.

– Não – reconheceu Polly –, mas podes tornar-me parte delas.

– Tornar-te parte? – repetiu Rashad, com uma expressão de espanto. – Que homem faria uma coisa dessas?

– Um homem que quer ter uma relação normal com a esposa. Se as tuas lembranças se interpuserem entre nós, tens de me contar – redarguiu Polly, num tom cortante.

Na verdade, não sabia se queria realmente o que estava a pedir-lhe. Não queria pensar em Ferah e preferia esquecer que existira, o que, certamente, era mesquinho e egoísta da sua parte. Não seria pior se lhe contasse como Ferah era com todos os detalhes? Ferah, a mulher que ele amara, também devia tê-lo amado...

– As minhas lembranças não estão a interpor-se entre nós – defendeu-se ele, com raiva contida. – Além disso, prefiro não te contar as minhas lembranças.

– Ena, bela novidade – troçou Polly, sem conseguir evitar um certo tom amargo. – É como quando prendes alguém e atiras a chave ao mar!

– Sou como sou.

– Demasiado firme nos teus convencimentos para mudar?

– Só estamos casados há alguns meses. Que tipo de transformação milagrosa esperavas em tão pouco tempo?

Polly ficou pálida devido ao tom sarcástico da resposta e virou-se.

– Vou para a cama.

– Eu vou montar a cavalo – informou, com os dentes cerrados.

– Não, vais-te embora porque disse coisas que não queres enfrentar!

Rashad observou-a com os olhos como brasas douradas.

– Muito bem, ficarei.

Para falar e torná-la parte da sua vida ou para a contrariar e não se ir embora em vez de enfrentar questões difíceis? Virou-se um pouco com decisão e abriu o fecho do vestido enquanto olhava para Rashad, que se despia. Essa pele suave e bronzeada sobre o corpo musculado fazia com

que sentisse a boca seca. Corou, vestiu um robe e foi à casa de banho para se desmaquilhar.

Estava furioso com ela, pensou, num tom brincalhão. Vira o brilho de fúria nos seus lindos olhos. Contudo, nunca reconheceria que estava zangado, como também não levantaria o tom de voz nem perderia a compostura. Esse controlo absoluto dos seus sentimentos era o oposto às suas mãos trémulas. Estava tão fora de si que lhe parecia que podia explodir devido ao redemoinho de sentimentos que a dominava por dentro. Tivera «más lembranças» por a ver com as joias da primeira esposa. Também a zangava. Quisera que fosse Ferah ao vê-la naquela noite com o maldito colar de âmbar? O que podia pensar?

Rashad observou a figura esbelta de Polly com atenção. O robe de seda ajustava-se à curva do traseiro e ao contorno dos seios, com os mamilos eretos. A reação foi imediata e isso enfureceu-o, mas não conseguia evitar o desejo de possuir a esposa quase cada vez que olhava para ela. A intensidade desse desejo incomodava-o tanto como a sua falta de domínio sobre si próprio. Duro como uma pedra, entrou no duche e abriu a torneira da água fria, mas não serviu de nada, pois essa sensação descontrolada era como uma onda que ameaçava arrastá-lo e só aumentava a sua excitação e a necessidade de estar com Polly da única forma que sabia estar.

Queria que lhe contasse as suas lembranças? Enlouquecera para lhe pedir uma coisa dessas? Não queria reviver o seu casamento desventurado com Ferah. Essas duas mulheres não podiam ter sido mais diferentes. Polly queria falar de assuntos sensíveis, mas Ferah recusara-se a falar, fechara-se em copas com as suas desilusões até se sentir dominada pela amargura e pela tristeza, o que acabara por a arrastar para longos episódios de depressão. Como podia pensar em contar-lhe essa verdade tão desagradável?

Polly tirou o robe e questionou-se se não seria um pouco ridículo usar uma camisa de noite porque tinham tido uma desavença. Normalmente, dormia nua e vestir uma camisa de noite seria como... uma declaração, não era? Sensível e nervosa, olhou de soslaio para Rashad enquanto saía da casa de banho. Sentiu uma descarga quando encontrou o brilho dourado dos seus olhos e não conseguiu evitar fixar-se no seu... estado.

– Sim, desejo-te – reconheceu Rashad, num tom rouco –, mas o que posso fazer? A verdade é que te desejo sempre.

– Não o digas como se te aborrecesse! – exclamou Polly, com a boca seca e o coração acelerado.

– Pode ser inoportuno...

– O que importa um pouco de inoportunidade? – sussurrou ela.

Contudo, tentava recordar-se que não lhe contara o que lhe pedira e que devia fazer-se de ofendida.

– Não conseguiria ser delicado com o humor com que estou...

Ela tentou engolir em seco e não conseguiu. Os olhos dele tinham um brilho de desenfreno, a voz era rouca e profunda e, disparatadamente, gostava que não tivesse o domínio sobre si próprio que costumava ter. Era como se tivesse derrubado uma barreira dentro dele, uma das diferentes barreiras que a mantinham a certa distância.

– É possível que, neste momento, não precise de delicadeza...

Rashad, sem hesitar nem por um instante, aproximou-se dela, rodeou-a com os braços e apertou-a contra o seu corpo quente e musculado. A sua boca sensual devorou-a com uma avidez que parecia indicar que ela era a única coisa que o separava da loucura e ela sentiu esse poder maravilhoso exatamente quando tinham afetado o seu amor-próprio. Ao fim e ao cabo, não era fácil sentir-se orgulhosa por ser o prémio de consolação para Rashad, a esposa suplente que, praticamente, fora imposta pelo povo de Dharia.

– Tenho muita vontade de estar contigo – resmungou Rashad, enquanto a deitava na cama com uma voracidade desenfreada. – Tenho vontade a todas as horas, a minha vontade de ti consome-me.

Teria dito que sentia o mesmo, mas a boca dele voltou a devorá-la. O seu sabor foi como um afrodisíaco e arqueou-se e tremeu ao sentir o ataque da sua língua. Tirou-lhe o robe de seda com impaciência. Uns dedos compridos e destros dirigiram-se diretamente para o centro do seu ser e deixou escapar um gemido.

Então, Rashad virou-a, pô-la de joelhos e penetrou-a com um único movimento. Sentiu-se atravessada, quase sentiu dor, mas, ao mesmo tempo, o prazer apropriou-se dela como uma droga curativa. Possuiu-a com força, com um ritmo acelerado, e a sensação de estar no limite elevou-a até uma excitação incontida. O prazer carnal embargava-a. A falta de domínio dele apaixonava-a, pois sabia que se passava o mesmo com ela. Em qualquer caso, era Rashad e amava-o, confiava nele, precisava dele. Além disso, tranquilizava-a que essa avidez por ela fosse maior quando estava zangado. Ao fim e ao cabo, ela também sentia essa necessidade primitiva de se sentir ligada a ele naquele momento.

Estava a deixar-se arrastar por esse arrebatamento de excitação quando

uma mão lhe acariciou a protuberância palpitante do prazer e o mundo rebentou como uns foguetes deslumbrantes. Sacudiu-se e gritou por causa do clímax que a devastava. Quando se deixou cair na cama, Rashad virou-a e abraçou-a enquanto tentava recuperar o fôlego com o coração a ecoar contra ela.

– Lamento – desculpou-se ele, ofegante. – Fui brusco e... egoísta. Lamento, a sério.

– Não... Gostei...

Ergueu-lhe o queixo com dois dedos para que olhasse para ele nos olhos e a preocupação começou de dar lugar a uma admiração masculina.

– Gostaste? – perguntou ele, com um sussurro.

– Sim... – reconheceu Polly, corando.

– Algumas vezes sinto-me como se estivesse a criar-se uma tempestade dentro de mim...

– Tensão, emoção...

– Que não consigo dominar – concluiu ele, com um ar de aborrecimento.

– Não é preciso que a domines comigo. Não tens de parecer o que não és, não tens de me impressionar. – Polly abraçou-o e acariciou-lhe as costas. – Quero que sejas tu próprio.

– Tem cuidado com o que desejas. – Rashad afastou um pouco a cabeça.

– A Ferah preferiu morrer a ficar comigo – acrescentou ele, sem transmitir nenhuma emoção.

Polly ficou pasmada com a mudança repentina da conversa.

– Preferiu? – perguntou ela, com o sobrolho franzido.

– Tomou uma *overdose* algumas semanas antes de ser mordida pela serpente. Felizmente, encontraram-na a tempo e fez com que recebesse um tratamento e uma terapia, mas não foi suficiente. Quando a serpente lhe mordeu, ela não disse nada até ser demasiado tarde e o antídoto não deu resultados. Morreu nos meus braços e disse-me que estava a libertar-me...

Polly ficou espantada e, quando já era tarde, compreendeu que as lembranças de Ferah o alterassem. Quase lhe disse que lhe parecia que fora desumana por lhe dizer isso naquelas circunstâncias, mas mordeu a língua antes de ser precipitada e insensível.

– A libertar-te? – sussurrou ela.

– Para me casar com outra mulher que pudesse dar-me o filho que ela não podia dar-me – explicou Rashad, num tom seco. – Ela sabia que o pai tinha estado a tentar convencer-me a divorciar-me e a casar-me com outra

mulher e que eu o tinha rejeitado.

– O próprio pai estava disposto a deixar que fizesses isso? – perguntou Polly, com indignação.

– O meu tio só via o resultado final, que era a restauração da monarquia. Parecia-lhe mais seguro ter um rei com um herdeiro do que um com uma esposa estéril. A Ferah sabia o que pensava porque lhe tinha dito que tinha a obrigação de me libertar. Já estava deprimida. A única coisa que queria era ser mãe e sentiu que não valia nada quando não pôde sê-lo. Sentia-se como um fardo e, além disso, foi excessivo para ela. Não era uma pessoa forte.

– Lamento muito.

Sentia-se incomodada porque lhe contara uma história muito mais triste do que ela esperara e, pela primeira vez, entendia que o seu primeiro casamento o tivesse marcado tanto como as feridas e as mudanças traumáticas que recebera na sua infância. Sentiu um nó no estômago devido à dimensão das perdas que ele tivera de aguentar e sentiu-se desmesuradamente ingénua.

– Devia tê-la apoiado mais. Morreu por minha culpa – murmurou Rashad.

– Tu não tiveste culpa! – exclamou Polly, com veemência. – Estava deprimida e proporcionaste-lhe ajuda profissional. O que mais podias ter feito? Dá-me a sensação que a sua própria família não fez nada para a ajudar!

Rashad ficou rígido e suspirou com força.

– É o passado e não pode mudar-se, *aziz*. Deixemo-lo como está.

Polly não disse mais nada, mas também não conseguia esquecê-lo assim, pois sentia-se envergonhada por ter sido ciumenta e possessiva.

Rashad sofrera muito no passado e não o ouvira. Ele também aprendera a dominar os seus sentimentos e a manter os segredos e não podia estranhar que o tivesse feito. O facto de ter baixado a guarda com ela era um bom sinal, pensou, com otimismo.

Capítulo 9

Polly acordou de madrugada e ouviu que Rashad tinha uma conversa tensa ao telefone. Pestanejou, virou-se e olhou para ele à luz ténue do amanhecer enquanto ele pousava o telefone e se sentava.

– Houve um incidente na fronteira durante a noite. – Rashad suspirou e passou os dedos entre o cabelo despenteado. – Deram um tiro a um homem, mas, felizmente, não o mataram. Passarei todo o dia em reuniões para tentar acalmar os espíritos, mas, primeiro, tenho de viajar até lá para saber o que se passou.

Deu-lhe um beijo na testa e encorajou-a a adormecer outra vez. Algumas horas mais tarde, Polly levantou-se da cama com a sua energia habitual, mas parou quando sentiu náuseas e teve de ir a correr para a casa de banho para se ajoelhar e vomitar. Depois, sentiu-se fraca e trémula e demorou uns minutos a atrever a levantar-se.

Tentou convencer-se de que não podia ter ficado grávida tão depressa e entrou no duche para se sentir limpa dos pés à cabeça. Ellie contara-lhe que, em média, se demorava seis meses a ficar grávida, mas que podia demorar-se muito mais. Não, o mais provável era que tivesse jantado algo que lhe assentara mal ou que tivesse uma gastroenterite. Em qualquer caso, pareceu-lhe que o mais sensato seria falar com o médico do palácio.

Secou o cabelo e vestiu-se enquanto se questionava se Rashad estaria ausente durante tanto tempo como ele receava. Independentemente da sua ordem do dia, costumava tomar o pequeno-almoço com ela e ela habituara-se a desfrutar desses momentos tranquilos que passavam juntos. Então, com uma reticência repentina, lembrou-se de que tinha uma semana de atraso no período, mas não lhe dera importância, atribuindo-o ao clima e à mudança de dieta. Além disso, no mês anterior, adiantara-se e era possível que o ciclo se atrasasse para o compensar.

Hayat esperava por ela na sala de espera com uma lista de chamadas telefónicas e mensagens de correio eletrónico classificadas por ordem de

importância, segundo o critério de Hayat. Era eloquente que a chamada de Ellie, a irmã, estivesse no fim da lista. Descobriu que recebera um convite para inaugurar uma ala nova do hospital de Kashan e pediu a Hayat para lhe marcar uma consulta com o doutor Wasem.

– Sente-se mal? – perguntou Hayat, com o sobrolho franzido.

– Não, só quero falar com ele – respondeu Polly.

Depois de meia hora de exames com o doutor Wasem, Polly soube que estava grávida. Ficou atónita, pois a despreocupação de Rashad e a sua confissão de que Ferah era estéril, em conjunto com o facto de ter presumido que demoraria uns meses a ficar grávida, faziam com que a maternidade lhe parecesse uma possibilidade remota. Contudo, transformara-se numa realidade de repente.

– É uma honra imensa para mim dar-lhe esta notícia – informou o doutor Wasem, com um sorriso de alegria sincera.

– Vou contar ao Rashad esta noite, portanto, agradeceria que se mantivesse em segredo – pediu Polly, com tato.

Ela sabia que o mais provável era que o bom doutor quisesse gritar a notícia aos quatro ventos.

– Naturalmente – confirmou o médico.

Polly saiu a flutuar do consultório muito moderno que havia no andar de baixo do palácio. Um bebé... O bebé de Rashad... Ficaria contente e muito aliviado. Vivera a pressão de um casamento sem filhos e todas as provas de fertilidade que o tinham acompanhado e ela sabia que era um processo enervante e que podia ser desastroso. Já podia relaxar e deixar de se preocupar.

Sorriu de orelha a orelha enquanto começava a traçar planos para o resto do dia. Para começar, ligou à irmã e sorriu quando Ellie gritou de alegria. Depois, ligou para casa do avô, falou com a avó e perguntou se podia visitá-los noutra tarde. Não lhe disse nada sobre a gravidez, pois queria contar a Rashad primeiro.

– Seria o melhor – respondeu Dursa, no seu inglês hesitante. – O Hakim está de viagem com o rei e não gostaria de perder a tua visita.

Cancelou o único compromisso social que tinha e decidiu que passaria o resto do dia a pintar. Naturalmente, primeiro, teria a aula habitual da língua e, depois, passaria uma hora a estudar a história e cultura de Dharia. Quanto mais aprendia, mais fácil era entender e partilhar as preocupações de Rashad. Parecia-lhe especialmente interessante descobrir coisas sobre Zariyah, a rainha santa. Porque é que a mãe lhe chamara Zariyah? Hakim,

o avô, achava que podia dever-se ao facto de ser um nome venerado em Dharia e de a mãe ter querido que tivesse esse laço com a cultura do pai, mas ela achava que era igualmente provável que a mãe tivesse achado que era um nome bonito. Evidentemente, não tivera em conta que era um nome que não se usava por respeito à Zariyah original. Naquele momento, o círculo fechou-se. Embora soubessem que se chamava Polly, a imprensa costumava chamar-lhe a rainha Zariyah.

– Vais pintar – comentou Hayat, desnecessariamente, quando a viu com o vestido vaporoso que vestia para pintar.

Polly assentiu com a cabeça e questionou-se porque estaria a olhar para ela com os olhos frios e o rosto rígido. Ofendera-a por alguma razão? Pô-lo de parte porque não estava de humor para abordar uma conversa que seria complicada. Na verdade, continuava a querer sorrir como uma tola. Estava feliz com o bebé que esperava. Relaxou e, finalmente, conseguiu pensar no que significaria ter um filho e ser mãe.

Certamente, esperava ser melhor mãe do que a dela fora. Embora sentisse remorsos por a julgar, tivera muito mais compaixão pela falecida mãe desde que descobrira as circunstâncias trágicas do seu nascimento. Porém, Annabel Dixon virara página da perda do marido ao ficar grávida e passar a responsabilidade de uma filha à própria mãe. Suspirou com tristeza. Aparentemente, a mãe tivera uma vida tumultuosa, solitária e azarada, já que não fora capaz de manter uma relação duradoura com o pai de nenhuma das filhas. Queria algo muito diferente para si própria e para o filho. Queria amor, estabilidade e que o bebé tivesse dois pais para se sentir seguro e apoiado à medida que crescia.

Agradeceu o ar condicionado da sala que lhe tinham atribuído como estúdio. Havia dois cavaletes com dois quadros inacabados. Um deles era uma aguarela laboriosa do lago em forma de estrela que havia no andar de baixo e, o outro, era um óleo de um pôr do sol no deserto. O segundo era mais experimental para ela. As cores eram mais atrevidas e as pinceladas, mais vigorosas, certamente, expressavam as mudanças que vivera desde que chegara a Dharia.

Contudo, não mudaria nada, mesmo que pudesse, pensou, enquanto pintava. Rashad mudara-lhe a vida. Olhou para o anel que tinha no dedo, a versão do anel de opala de fogo, e sorriu ao pensar que o legado da mãe, pouco ideal para ela, a reunira com os avós e lhe permitira conhecer Rashad, o impressionante e muitas vezes ininterpretável Rashad. Era apaixonado, inteligente e decidido e era muito sensual, mas também tinha

profundidades perigosas e insondáveis que a preocupavam. Ela não era introvertida e tinha os sentimentos à flor da pele.

Quando o calor foi remetendo, foi tomar banho e vestiu o vestido azul de que Rashad tanto gostava. Se voltasse a tempo, contar-lhe-ia que estava grávida durante o jantar, embora não se importasse se se atrasasse. Ela estaria acordada.

Hayat estava outra vez à espera dela quando reapareceu.

– Receio que tenha havido um descuido. O senhor Benedetti, o amigo do rei, vai chegar para jantar com ele e não está aqui...

Polly franziu o sobrolho, pois sabia como a hospitalidade era importante para Rashad e que seria uma indelicadeza cancelá-lo no último momento.

– Eu jantarei com ele e explicarei tudo.

Hayat olhou para ela com um sorriso de admiração.

– Atrave-te...

– A quê? – perguntou Polly, arqueando uma sobrancelha.

– A jantar sozinha com um homem que não é o teu marido.

– Nem o meu marido nem eu somos assim tão antiquados – replicou Polly, com firmeza.

Gio Benedetti era encantador e não só tirou importância à ausência de Rashad, como começou uma conversa fluida e entretida, salpicada com algumas perguntas mais ou menos subtis sobre Ellie, algo que aumentou a sua curiosidade de irmã. Ao fim e ao cabo, Ellie não mostrara o mesmo interesse em falar de Gio com ela e assegurara-lhe que se parecera que desfrutara da sua companhia durante o casamento, fora por cortesia, já que a verdade era que não gostava dele. Na verdade, dissera que era um *playboy* de péssimo gosto. Por algum motivo, Gio enervara Ellie.

O multimilionário italiano não ficou muito tempo e ela estava a ler num sofá de canto quando, depois das onze, Rashad entrou. Ela viu a sua expressão sombria e soube que estava alterado e preocupado.

– O que se passou? – perguntou ela, levantando-se, descalça.

Rashad olhou para ela com surpresa e umas rugas de tensão nos cantos da boca. Estivera com um mulherengo incorrigível, apesar do conselho de Hayat. Assim que lhe tinham contado, presumira que a esposa o achara tão irresistivelmente atraente que esquecera as regras. Essa ideia e esse receio tinham bastado para sentir uma raiva tal que eclipsara qualquer outro sentimento que tivera. Estava cansado depois de um dia de diplomacia reiterativa e de reuniões intermináveis, mas a chamada de Hayat encolerizara-o.

– Porque não ouviste a Hayat quando te aconselhou a não jantares sozinha com o Gio?

Polly ergueu o queixo.

– Não me aconselhou a não o fazer, só me disse que era atrevido. Pareceu-me uma tolice, quando só queria ser cortês e atenciosa. Teria sido uma indelicadeza dizer-lhe que não estava, porque ele já vinha para cá. E como é um amigo íntimo, achei que não quererias...

– Ou achaste que a possibilidade de ter o Gio só para ti era demasiado tentadora? – interrompeu Rashad, com raiva. – As mulheres perseguem-no sem dissimulação.

– Não será por causa da minha irmã... – Então, Polly percebeu que Rashad estava dominado pelos ciúmes, mesmo que não soubesse. – Não tens de estar ciumento...

– Ciumento? – Essa palavra foi como um tijolo atirado contra um vidro e destruiu o pouco domínio sobre si próprio que Rashad ainda tinha. – Nunca tive ciúmes de uma mulher!

– Dorme sobre o assunto – aconselhou ela.

Perdera a paciência e estava zangada com ele. Estivera ansiosa por lhe contar que estavam à espera de um bebé e ele estragara tudo com o seu mau feitio. Era muito volátil e possessivo. Em que planeta vivia se achava que estava ávida de fazer amor com ele enquanto pensava em traí-lo com o melhor amigo? Fora demasiado ávida? Considerava-a uma espécie de mulher promíscua por natureza em que não podia confiar se estivesse perto de um homem atraente? Ficou vermelha de humilhação, olhou para outro lado e tentou passar junto dele. Uns dedos compridos e finos agarraram-na pelo pulso.

– Para onde vais?

– Não tenho nada para te dizer.

Polly soltou o braço e saiu para o corredor com lágrimas de dor e raiva nos olhos. Como podia falar-lhe assim? Como podia pensar que era assim? Aquela era a recompensa que recebia por tentar estar à altura da sua paixão?

– Polly...

– Odeio-te! – exclamou, por cima do ombro, enquanto começava a descer a escada.

Foi esse movimento que a desequilibrou. Tropeçou, tentou agarrar-se ao corrimão de pedra e caiu, ao não o conseguir. Dobrou instintivamente o corpo, como lhe tinham ensinado a fazer ao cair de um cavalo, mas bateu

com a anca e deu um grito de dor antes de a nuca chocar contra um degrau e já não sentir mais nada...

Capítulo 10

Deixou escapar um lamento porque lhe doía a cabeça e acordou com uma sensação de atordoamento e medo. Abriu os olhos e viu um quarto desconhecido. Viu imensas caras, pestanejou e compreendeu que estava na cama de um hospital com as proteções laterais levantadas.

– Polly... – sussurrou Rashad, enquanto se levantava com um salto da cadeira.

– O que...? – Ela balbuciou, pois, mexer os lábios era um esforço enorme. – Dói-me a cabeça... A anca...

Olhou para ele com o olhar toldado, mas ele recuou para a equipa médica a atender. Porém, questionou-se porque parecia tão cansado e porque o quarto estava iluminado pelo sol quando estivera às escuras há uns minutos. Uma enfermeira mediu-lhe a tensão e um médico fez-lhe uma série de perguntas. No entanto, não desviou a atenção de Rashad enquanto fazia um esforço para recordar o que acontecera. Uma barba incipiente realçava-lhe a boca teimosa e apaixonada, estava despenteado e tinha olheiras e não disfarçava um nervosismo enorme.

Então, lembrou-se de que caíra e da discussão prévia e o medo apropriou-se dela.

– O meu bebé...? – perguntou, levando uma mão à barriga.

Rashad aproximou-se e pôs uma mão em cima da dela para a tranquilizar.

– O nosso bebé está bem.

– Por enquanto – interveio o médico de cabelo grisalho, com firmeza. – Não sangrou, mas tem de descansar. As próximas vinte e quatro horas são cruciais.

A mão de Rashad estava a tremer em cima da dela, até a retirar de repente e a pôr no bolso das calças. Ele sabia que estava grávida e ela supôs que o doutor Wasem lhe teria contado depois de cair. Fechou os olhos e imaginou o remorso que Rashad sentiria. Ainda estava furiosa com

ele, mas também sabia que tinha o costume de se culpar por todas as coisas más que aconteciam. Se perdesse o bebê, ele nunca se perdoaria por a ter alterado. Como podia estar furiosa com ele e, ao mesmo tempo, preocupar-se com o que estava a sentir? Esse era o enigma disparatado a que se chamava amor.

O médico falava sobre o traumatismo craniano que sofrera e ela tentava concentrar-se, mas era inútil, não conseguia. Doía-lhe a cabeça e o corpo. O atordoamento e o cansaço de que o médico falara estavam a apoderar-se dela, pois tinha de pensar em muitas coisas e era imensamente mais fácil esquecer tudo e deixar-se levar. Ainda tinha o bebê, pensou, com um alívio imenso, e foi a última coisa em que pensou com clareza.

Rashad andava de um lado para o outro pelo quarto silencioso. Refrescara-se porque Hakim lho rogara, mas não comera nem dormira. Não teria conseguido. O seu mau feitio, esse arrebatamento de raiva que nem sempre conseguia dominar, poderia ter matado Polly. Olhou para ela. Estava deitada e imóvel na cama. O cabelo loiro, quase branco, cobria a almofada e o seu rosto quase não tinha cor, tinha um tom cinzento que o aterrava. Parecia muito frágil, mas estava linda.

E o bebê? Ainda estava atónito, parecia-lhe incrível que uma gravidez pudesse ser algo tão fácil e normal. Não o esperara nem se preparara. Na verdade, presumira, pessimista, que demorariam muito tempo, mesmo que acabassem por conceber um bebê. Mais uma vez, permitira que as desilusões do passado afetassem as expectativas do presente. Como poderia perdoar-lhe?

Tinha esse defeito incorrigível, parecia programado para dececionar Polly. Nem sequer soubera protegê-la da malícia de Hayat. Polly dissera-lhe que ou era dela ou continuava a ser de Ferah e ele já conseguia perceber que não soubera aceitar o passado para acolher uma esposa muito superior à anterior em todos os sentidos. Se era um erro e desrespeitoso pensar isso, era preferível estar enganado e ser suficientemente racional para aceitar essa realidade. O destino fora pródigo com ele quando menos merecera e ele, praticamente, desperdiçara a oportunidade que lhe tinham dado.

– Majestade, tem de comer e descansar – sussurrou Hakim, da porta. – Como pode ajudar a sua esposa se estiver cansado?

– A voz da razão, como sempre – reconheceu Rashad, com cansaço.

Porém, todo o seu corpo continuava a resistir a deixá-la sozinha. Assim, tinha a sensação de que estava a fazer alguma coisa para a ajudar, ainda que, na verdade, só pudesse ser um mero observador quando ela estava sob cuidados médicos.

Polly acordou e sentiu que a força voltava a pouco e pouco para o seu corpo. Destapou-se, levantou a camisa de noite e olhou para a nódoa negra que lhe cobria a anca e lhe descia pela coxa. Decidiu que era melhor que fosse a anca e não a barriga. Então, entrou uma enfermeira que a repreendeu por se ter sentado sem ajuda e viu-se rodeada de empregadas que mudaram a roupa dela e a roupa da cama e lhe trouxeram o pequeno-almoço.

Uma hora depois, Rashad apareceu, barbeado e com um fato escuro impecável. Estava incrivelmente bonito e muito mais arranjado e tranquilo do que no dia anterior. Os seus olhos dourados impressionantes procuraram os dela, mas, instintivamente, evitou o seu olhar, que lhe parecia demasiado sombrio. Deixara claro que desconfiava dela. Achara que podia sentir-se tentada por outro homem, mesmo que estivessem casados, que podia ser infiel. Como podia ignorar ou perdoar isso?

– Tenho de te dizer muitas coisas – murmurou ele, num tom tenso –, mas os teus avós estão à espera para te ver e devias vê-los para os tranquilizar.

– Claro – concedeu Polly, questionando-se o que devia dizer-lhe e o que ele diria.

– Posso levar-te a casa depois, se a equipa médica o autorizar.

Polly cerrou os dentes e não disse nada.

– A Hayat foi para casa da mãe. Não voltará a trabalhar no palácio – informou-a, num tom cortante e áspero. – Fui um néscio ao acreditar que podia ajudar-te.

Polly olhou para ele com atenção pela primeira vez.

– Pode saber-se do que estás a falar?

O seu rosto forte e agudo ficou rígido.

– Aparentemente, a Hayat estava zangada e ciumenta porque me tinha casado contigo e decidiu criar problemas entre nós, algo que conseguiu. Anteontem, antes de sair do palácio, disse-lhe para cancelar o jantar com o Gio. Contudo, não o cancelou e armou-te uma cilada, armou-nos uma armadilha, ao deixar-te na situação de teres de jantar a sós com ele quando

sabia que eu, no fundo, não sou o homem que devia tentar ser por ti.

Essa explicação deixou Polly boquiaberta.

– Mas porque haveria de estar zangada e ciumenta? Tiveste alguma coisa com ela antes de eu entrar na tua vida?

– Claro que não, é a irmã mais nova da Ferah. – Rashad franziu o sobrolho. – Custava-me a adaptar-me à sua personalidade, mas...

– A Hayat é a tua cunhada? – interrompeu Polly. – Porque é que ninguém me disse?

– Não era um segredo. Parecia-me que não era importante. Também não queria discriminá-la porque é, ou era, muito eficiente. – Rashad levantou a cabeça e soprou com aborrecimento e arrependimento. – Enganei-me ao permitir que estivesse tão perto de ti e receio que tenhas sofrido com o meu erro.

Polly baixou o olhar para disfarçar a sua incredulidade. Como era possível que não a tivesse avisado da sua relação familiar com aquela mulher? Recordava que Hayat reconheceu que vira a desolação da irmã por não poder ter filhos e conteve as palavras de raiva e recriminação ao lembrar-se também de como se sentira incomodada ao lado da morena. A irmã mais nova da sua primeira esposa não ia desejar a felicidade da segunda esposa de Rashad depois da vida trágica de Ferah.

– A Hayat reconheceu que a magoava que me tivesse casado e a nossa felicidade – comentou Rashad, num tom tenso. – Devia ter previsto o seu rancor e que isso podia acontecer.

– Bom, já são águas passadas – replicou Polly, embora a incomodasse ter descoberto tudo aquilo. – Ela já não trabalha aqui e, da minha parte, o assunto está resolvido.

– *Inshallah*.

Rashad levantou-se para se ir embora enquanto os avós dela entravam com uma cesta enorme de frutas. A sua presença carinhosa era o que ela precisava naquele momento para lhe serenar os sentimentos alterados. Recebeu o abraço e a rajada de palavras de preocupação da avó e o aperto direto no ombro de Hakim, que não era dado aos gestos teatrais.

Rashad foi buscá-la ao hospital, mas explicou que havia uma multidão à espera para a ver à saída e saíram por uma porta traseira.

– Porque não olhas para mim? – perguntou Rashad, a caminho do palácio.

– Estou zangada contigo – respondeu Polly.

– Isso não me surpreende. – Rashad respirou fundo. – Estraguei o que

devia ter sido um momento especial.

Ela supôs que se referia a tê-la privado da possibilidade de lhe dizer que estava à espera de um filho.

– Não é apenas isso – replicou ela. – Comportaste-te como se fosse uma espécie de rameira que não pode estar numa sala com um homem!

– Lamento imenso – reconheceu Rashad. – Se pudesse retirar tudo o que disse, retirá-lo-ia, mas não posso.

Polly corou e mordeu o lábio inferior sem dizer nada. O que podia dizer se sabia que se arrependia?

– Eu não gostei de perceber que podias pensar isso de mim.

– Falaremos quando chegarmos a casa. Não quero que me interrompam – murmurou Rashad.

Fez-se um silêncio tenso e ela não fez nada para o quebrar. A verdade era que estava tão incomodada consigo própria como com ele. Não costumava ser uma pessoa tolerante? Porém, o que Rashad dissera alcançara o centro da sua relação e magoara-a profundamente porque o amava. Ele não sabia que o amava, não lhe pedira para o amar. Além disso, não ia dizer-lho. Ele poderia supor que ela desejava que a correspondesse na mesma medida e não era verdade. Não queria que Rashad achasse que tinha de fingir que sentia o que não sentia. A longo prazo, a sinceridade e o senso comum seriam mais seguros do que as efusões sentimentais, que só perturbariam as coisas entre eles.

Os empregados, chorosos, receberam-na de joelhos no vestíbulo. Ela ficou profundamente emocionada com essa demonstração de afeto. O povo de Rashad era muito emotivo e não se importava de o demonstrar. Maravilhava-a que tivessem um rei que fazia tantos esforços para disfarçar os sentimentos, como se devesse envergonhar-se deles.

– Os médicos aconselharam-te a descansar – recordou-lhe Rashad, enquanto entravam na ala privada do palácio.

A sala espaçosa estava cheia de flores e havia presentes por todos os lados.

– Pode saber-se...? – começou a perguntar Polly.

– As flores e os presentes começaram a chegar assim que se soube que tinhas sofrido um acidente – explicou Rashad. – Ainda não se fez um comunicado oficial sobre a tua gravidez, nem se fará durante algum tempo, mas receio que já haja rumores pelas ruas. Havia muitos empregados e guardas à volta quando tiveste o acidente e o nervosismo do doutor Wasem por ti era evidente.

– E tu? – sussurrou Polly. – Como reagiste?

– Foi o pior momento da minha vida – admitiu Rashad, sem hesitar e cerrando os dentes. – Receava que estivesse morta, até perceber que estavas a respirar.

– Ou que tivesse perdido o bebé.

– Isso teria sido mais fácil de suportar – replicou ele, num tom cortante.

– Sempre poderia haver outro bebé, mas tu... Tu és única e insubstituível.

Ela tinha algo na cabeça que a impedia de ouvir aqueles elogios tão tranquilizadores.

– Não, não sou – discordou ela, olhando para ele com os seus olhos cor de violeta. – As mulheres fariam fila para se casar contigo e para se tornarem rainhas e mães dos teus filhos.

– Com duas mulheres mortas nesse papel, o meu fascínio cairia muitos pontos. Pareceria um Barba Azul...

Polly riu-se enquanto se virava e tocava com um dedo trémulo numa rã de veludo. Evidentemente, era um brinquedo para o filho que esperavam e os olhos arderam por causa das lágrimas. O seu segredo mais íntimo já era público e tinham-na privado do direito de dar a notícia ao marido. Secou as lágrimas com um gesto de raiva e repreendeu-se por se incomodar por uns presentes que só serviam para expressar os melhores e mais sinceros desejos.

– Queria ser eu a contar-te – resmungou ela.

– Eu sei... Estraguei tudo.

– É possível que tenhamos sido os dois – reconheceu Polly. – Num casamento, são precisas duas pessoas para estragar as coisas. É uma... associação, independentemente do ponto de vista.

– Não – replicou Rashad. – Eu não deixei que fosse uma associação. Não sei o que é um casamento entre iguais, não sei o que é partilhar sentimentos ou lembranças. Sempre tive de esconder essas coisas, mas contigo... – Ele hesitou e olhou para ela com um brilho nesses olhos escuros e dourados. – Contigo, perco o domínio sobre mim próprio e as coisas fogem do meu controlo.

Polly olhou para ele com atenção e sentiu-se como se ele estivesse a espremer-lhe o coração. Via-o como um menino disciplinado para conter os sentimentos.

– Isso não é necessariamente mau – sussurrou ela.

– Foi mau quando te reprovei por teres jantado com o Gio. Fui... irracional. A raiva dominou-me. Não consegui suportar a ideia de

desfrutares na sua companhia ou de o admirares. Não é preciso dizeres que sou demasiado possessivo contigo, já sei. Nunca tinha tido esses ciúmes e corroeram-me.

– Bom – murmurou Polly, aproximando-se, atraída por essa intensidade sentimental dele. – Agora, entendo um pouco melhor, mas incomoda-me muitíssimo que tenhas desconfiado de mim...

– Isso é o ilógico! Confio em ti e o Gio é o meu melhor amigo, sei que não me trairia, mas, mesmo assim, esses sentimentos embargaram-me.

Acariciou-lhe o braço com a mão trémula.

– Porque não estás habituado a essas coisas. Estás a aprender forçadamente.

– Magoo-te e não quero aprender isso se te magoa.

– Mas se não expressares o que sentes, transformas-te numa bomba relógio e isso é mais perigoso – replicou Polly.

– Não voltará a acontecer – garantiu Rashad. – Já não baixarei a guarda.

– Mas isso não é o que quero – reconheceu Polly, num tom triste.

– Escondi-te demasiados segredos – reconheceu Rashad, aproximando-se da janela. – O meu primeiro casamento foi muito infeliz.

– Mas disseste que a amavas... – recordou-lhe Polly.

– Ao princípio, quando éramos uns adolescentes que queriam comportar-se como pessoas mais velhas, agarrámo-nos um ao outro porque não tínhamos outra coisa. Ela foi o meu primeiro amor, embora tivéssemos muito poucas coisas em comum. Fiz o que pude, mas não amava a Ferah como ela me amava e ela sabia. – O arrependimento refletiu-se no seu rosto atraente. – A sua incapacidade para ficar grávida foi uma fonte de tensão constante entre nós e transformou-se numa mulher muito atormentada. Nada do que eu fizesse ou dissesse a consolava. Tentei muitas vezes que me compreendesse e não consegui. O amor que havia morreu e acabámos por ser como dois desconhecidos obrigados a viver juntos.

Polly olhou para ele fixamente. Não estava minimamente preparada para essa revelação.

– Já sabes toda a verdade – acrescentou Rashad, num tom sombrio.

– Mas...

– Fui casto durante os últimos cinco anos do nosso casamento. Essa parte da nossa relação acabou no dia em que a Ferah descobriu que não podia ter filhos. Ela virou-me as costas. – Reconhecer isso custava-lhe tanto que se notava na sua expressão. – Sentia-me rejeitado...

– Isso não me surpreende.

Polly continuava sem acreditar no que ouvia. Tudo o que achara sobre o seu primeiro casamento mudara e o coração saía-lhe do peito por ele.

– Era por isso que tinhas razão ao acusar-me de falta de entusiasmo no dia em que nos casámos. – Rashad olhou para ela com remorso e tristeza. – Disseste que querias saber tudo e estou a contar-te. Sabia que tinha a obrigação de me casar outra vez, mas aterrava-me a ideia de voltar a ser um marido. Só tinha más lembranças e as minhas expectativas eram muito escassas.

Polly sentou-se quando lhe fraquejaram as pernas. Não sabia se teria a força de que precisava para assimilar a sinceridade que lhe pedira, pois o que estava a contar-lhe estava a começar a magoá-la.

– Consigo entendê-lo – concedeu ela, em voz baixa.

– Fui muito egoísta, estava amargurado e raivoso. Sentia-me preso, até me salves. Não fiz nada para te merecer, Polly. Não mereço a felicidade que trouxeste para a minha vida.

Polly olhou para ele com perplexidade e a dar voltas à palavra «preso», que a atravessara como uma faca.

– Estás a falar do bebé? – perguntou ela. – É o que te faz feliz?

– Não – ele franziu o sobrolho –, estou a falar de ti. O bebé é um presente maravilhoso e agradeço, mas toda a minha felicidade se baseia no facto de fazeres parte da minha vida.

– Ah... – balbuciou Polly, espantada.

Rashad ajoelhou-se à frente dela para a observar.

– Acho que me apaixonei por ti da primeira vez que te vi. Foi como uma descarga elétrica. Nunca tinha sentido uma coisa dessas e, naturalmente, não o reconhecia. Era amor, mas eu confundi-o com desejo porque não conhecia algo melhor.

– Amor? Amas-me?

– Um disparate, como um louco – respondeu Rashad, ofegante. – Não consigo suportar estar separado de ti. Penso em ti a toda a hora. A ideia de te perder aterra-me. Porém, fui cometendo um erro atrás do outro contigo e não fiz nada para ganhar a tua estima.

Polly sorriu. Aquela felicidade que, segundo ele, ela lhe proporcionara, fervia-lhe por dentro devido a uma declaração tão apaixonada. Amava-o, mas amava-o mais ainda por ter esquecido o seu orgulho e a sua introversão para a convencer de que os seus sentimentos eram sinceros.

– Eu também senti essa descarga elétrica – reconheceu ela, num tom

brincalhão. – Sentia-me como uma adolescente apaixonada cada vez que olhava para ti. Porque achas que me casei contigo? Casei-me porque me apaixonei por ti.

– A sério?

Rashad levantou-se com um salto e recuou um pouco para se deleitar com o rosto corado dela.

– A sério – respondeu Polly, com um sorriso de orelha a orelha.

Ele abraçou-a com muito cuidado para não a magoar na anca, levou-a para o quarto e deixou-a na cama. Tirou o casaco e a gravata e deitou-se ao seu lado para a abraçar.

– Adoro-te, *habibti*. Durante uns dias, só me permitem abraçar-te, mas garanto-te que me conformo com poder fazer isso.

Polly, sem fazer caso da dor na anca, virou-se entre os seus braços para olhar para a cara dele. Passou-lhe um dedo pelas maçãs do rosto proeminentes e maravilhou-se com as pestanas sedosas que quase lhe velavam os olhos.

– Acho que está na hora do beijo... e espero um beijo memorável – avisou ela, com atrevimento.

– Vou tentar. – Rashad olhou para ela nos olhos com veneração. – Tento sempre...

– Bom, tiveste muito jeito com o bebé – reconheceu ela.

– Ambos tivemos.

Mordeu-lhe o lábio inferior e ela fechou os olhos. Sentia-se tão feliz que poderia flutuar no ar, mas não soltaria Rashad por nada do mundo. Além disso, era possível que fossem diferentes e que ele fosse muito mais antiquado do que estava disposto a reconhecer, mas ela sabia que se complementavam maravilhosamente.

Epílogo

– Não consigo acreditar que não tenhamos encontrado a Gemma depois de tanto tempo. – Polly suspirou e dirigiu um olhar triste à sua irmã Ellie. – Quero dizer, passaram meses e continuamos sem saber quase nada sobre a nossa irmã perdida!

– Bom, sabemos que teve uma infância complicada e que não tem raízes a que se agarrar – replicou Ellie, num tom mais moderado. – Também podemos supor que anda muito de um lado para o outro porque não conseguimos encontrá-la e sabemos que trabalha em empregos sem futuro. É muito mais do que sabíamos da Gemma quando começámos.

– É verdade, mas talvez ela não queira saber de nós. Pusemos anúncios nos jornais, informámos os serviços sociais de que estamos à procura dela, informámos todas as pessoas que conheceu...

– Temos de ter paciência – interrompeu Ellie, com firmeza. – E não é uma das tuas qualidades, embora Deus saiba que tens tudo o resto.

– Pode saber-se o que queres dizer? – perguntou Polly.

Ellie revirou os olhos.

– Um marido que é rei e parece uma estrela do cinema; um povo que te adora e que acha que consegues andar sobre a água; um palácio real onde brilha sempre o sol; um filho adorável... Sim, estou a falar de ti! – Ellie parou para falar com Karim, que gatinhava pelo tapete para pegar no brinquedo que a tia lhe oferecia. – Suponho que já estarás a pensar em aumentar a família.

– Ainda não. – Polly corou. – Eu gostaria que o Karim fosse um pouco mais velho. Não sou uma máquina de fazer bebés, Ellie. Tu, por exemplo, nem sequer saís com ninguém...

– Estou demasiado ocupada com o trabalho. Entre os turnos do hospital e os exames, não tenho tempo para sair com homens. Além disso, a maioria é um desperdício de tempo. Eu gosto da minha vida tal como é. Como o que quero, vou para onde quero e faço o que quero e isso é

importante para mim. Todas as tuas oportunidades desaparecem assim que um homem aparece.

– E também não tencionas indagar sobre os teus antecedentes familiares? – perguntou Polly.

– Bom, vou parar alguns meses quando acabar o estágio e tencionava ir a Itália para investigar um pouco.

– Fantástico! Agora, podes dizer-me o nome do teu pai.

– Se não te disse o seu nome antes é porque tenho dois nomes.

– Dois? – perguntou Polly, com os olhos esbugalhados.

– Sim, dois nomes. Evidentemente, a nossa mãe não sabia quem era o meu pai e, o que é mais sórdido, eram irmãos. Indaguei um pouco. Um deles está vivo e, o outro, está morto. O vivo é um colecionador de arte rico e reformado que vive num *palazzo* nos subúrbios de Florença. O irmão faleceu há anos.

Polly olhou para ela, consternada, e entendeu finalmente porque a irmã não lhe contara nada sobre o pai desconhecido e os seus antecedentes familiares.

– Lamento muito...

– Bom, tu tens o conto de fadas, o pai militar e heroico que se casou com a nossa mãe. Eu tenho dois pais – brincou Ellie, com ironia. – Alegro-me por ter sido assim. Eu consigo lidar melhor do que tu com a realidade mais perturbadora.

– Podia acompanhar-te à Itália e ser o teu apoio!

– Não, não saberias o que fazer sem o Rashad e o Karim – replicou Ellie, com ironia. – Isso, no caso de o teu marido te deixar ir...

– O Rashad não me diz o que tenho de fazer.

– Não, mas fica triste quando passas alguns dias fora. Quando foste ver-me no Natal, o Rashad ligava-te de cinco em cinco minutos. Uma noite, adormeceste enquanto falavas com ele. Eram como dois adolescentes apaixonados e separados. Estar tão apegados não pode ser saudável.

Polly limitou-se a rir-se, pois sabia que Ellie nunca estivera apaixonada. Nada se interpunha entre a irmã e a profissão médica, que adorava. Ela nunca tivera essa ambição profissional e os seus desejos e necessidades viam-se cobertos pelo círculo familiar e o papel público como rainha de Dharia. Estava sempre muito ocupada, sobretudo, desde que o seu filho nascera, há um ano. Uma ama ajudava-os a cuidar de Karim, mas Rashad e ela passavam muito tempo com o filho. Ela queria que o filho soubesse como o amavam e Rashad estava decidido a ter um papel diário na rotina

de Karim.

– Isto é lindo – comentou Ellie, enquanto olhava para o lago em forma de estrela e para a vegetação que suavizava as paredes do pátio. – Viste este lugar primeiro, não foi? Foi por isso que te apaixonaste pelo Rashad.

– Que cética, Ellie – interveio Rashad, num tom divertido, enquanto se aproximava delas.

Karim deu um grito enquanto gatinhava a toda a velocidade para cumprimentar o pai. Rashad riu-se e baixou-se para pegar no menino ao colo e dar-lhe um beijo com tal amor que comoveu Polly. O marido aprendera, pouco a pouco, a soltar-se e a mostrar-se tal como era. A sua paixão na cama já era comparável à profundidade do seu carinho. Dizia que ela o mudara, mas ela achava que mudara sozinho. Era um homem feliz e mostrava-o com o seu sorriso resplandecente e o brilho dourado dos seus olhos escuros.

– Então, o palácio deslumbrou-te ou fui eu? – perguntou a Polly, num tom brincalhão, enquanto se aproximava dele.

– Se vão agir como dois pombinhos, vou subir para tomar um duche – ameaçou Ellie.

– Pombinhos? – perguntou Rashad, enquanto saía do pátio com um braço por cima dos ombros de Polly e com Karim no outro.

– Muito sensíveis... Enjoativos – explicou Polly. – A Ellie não suporta essas coisas.

– Somos muito sensíveis? – perguntou Rashad, com uma expressão de preocupação.

– Certamente, algumas vezes – confirmou ela, com carinho –, mas quem se importa, se formos felizes?

– Eu não sou muito sensível – garantiu Rashad, enquanto Polly pegava em Karim e o deixava no berço para dormir a sesta.

Karim uivou como se o tivesse abandonado na rua e Rashad aproximou-se com preocupação.

– Está bem. Faz sempre o mesmo. Não deixes que pense que vais pegar nele ao colo outra vez – avisou Polly, enquanto o levava do quarto do menino.

– Amor e firmeza, não é?

Rashad fez uma careta de desgosto quando ouviu que Karim continuava a gritar.

– Espera – pediu Polly, já no corredor.

O filho parou de gritar assim que ficou sem público e começou a falar

sozinho, contente. Rashad sorriu e alegrou-se por como tinham acabado as coisas.

– Vês? És muito sensível – brincou Polly, enquanto entravam no seu quarto.

– Não sou. Sou um pai responsável que não gosta de ouvir o filho a gritar.

– E o que sou? Uma bruxa que o deixa gritar?

– Não, és uma esposa maravilhosa que vai dar-me uma hora antes do jantar – replicou Rashad, com um sorriso malicioso, enquanto começava a despir-se com rapidez. – É mais um motivo para te amar tanto.

Polly passou-lhe os dedos pela barriga pétrea e sentiu a boca seca.

– Sou insaciável... Sempre encontrarei tempo para ti.

Beijou-a na boca com um gemido de prazer.

– Sabes muito bem, *habibti*.

Polly tinha o corpo como uns foguetes que esperavam que ele os acendesse. Não tinham perdido a paixão um pelo outro. A gravidez acalmara-os um pouco durante os últimos meses, mas ela recuperara a energia depois de Karim nascer e a ama ajudara-a com os problemas noturnos. Rodaram pela cama entre beijos e sons de amor e foi impressionante, como sempre. Depois, ficaram abraçados e saciados.

Rashad passou-lhe os dedos pelo cabelo e olhou para ela com devoção sincera.

– És o melhor que me aconteceu – reconheceu ele, num tom rouco. – Quando acordo de manhã e te vejo ao meu lado, o meu coração voa e acho que consigo vencer tudo.

– Eu também te amo – sussurrou Polly, com os olhos resplandecentes.

Ele voltou a beijá-la e o jantar serviu-se mais tarde. Ellie lançou um olhar depreciativo à irmã.

– E olhaste para mim com má cara quando disse que pareciam uns adolescentes...

– Espera até te apaixonares – avisou Polly.

– Isso não acontecerá. Sou demasiado sensata – replicou a irmã, com certeza.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com